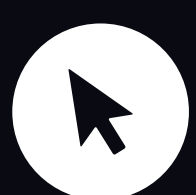
Editora ABRIL
edição 2904 - ano 57 - nº 31
2 de agosto de 2024

veja

www.veja.com

COMO MORRE UMA DEMOCRACIA

Nicolás Maduro anuncia que foi reeleito, sem comprovação, o que desencadeia protestos nas ruas e forte rejeição internacional — enquanto isso, Lula e o PT, mais uma vez, preferiram fazer vistas grossas ao novo avanço autoritário do venezuelano

23º FÓRUM EMPRESARIAL LIDE

PATROCÍNIO

APOIO

COLABORAÇÃO

midas

MÍDIA PARTNERS

FORNECEDORES OFICIAIS

INICIATIVA

INFORMAÇÕES

16 DE AGOSTO

RIO DE JANEIRO
HOTEL FAIRMONT COPACABANA

CONFERENCISTAS CONFIRMADOS:

CLAUDIO CASTRO
GOVERNADOR DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO

RONALDO CAIADO
GOVERNADOR DO ESTADO
DE GOIÁS

HELDER BARBALHO
GOVERNADOR DO ESTADO
DO PARÁ

EDUARDO RIEDEL
GOVERNO DO ESTADO
DO MATO GROSSO DO SUL

RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

WILSON LIMA
GOVERNADOR DO ESTADO
DO AMAZONAS

GLADSON CAMELI
GOVERNADOR DO ESTADO
DO ACRE

FELÍCIO RAMUTH
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO
DE SÃO PAULO

EDUARDO PAES
PREFEITO DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

DIAS TOFFOLI
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF

LUIZ FUX
MINISTRO DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF

AYRES BRITTO
PRESIDENTE DO SUPREMO TRIBUNAL
FEDERAL-STF (2012-2014)

RAUL JUNGMANN
PRESIDENTE DO IBRAM
MINISTRO DA DEFESA (2016-2018)

ANDRÉ ESTEVES
SÓCIO-FUNDADOR DO BANCO
BTG PACTUAL

FÁBIO ARAÚJO
DIRETOR DE TECNOLOGIA DO
BANCO CENTRAL DO BRASIL

CAROLINA SANSÃO
DIRETORA DE TECNOLOGIA
DA FEBRABAN

NICOLA MICCIONE
SECRETÁRIO-CHEFE DA CASA CIVIL
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

LEONARDO LOBO
SECRETÁRIO DA FAZENDA DO
ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CHICÃO BULHÕES
SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO
URBANO E ECONÔMICO DA CIDADE
DO RIO DE JANEIRO

CAIO MEGALE
ECONOMISTA-CHEFE DA
XP INVESTIMENTOS
SECRETÁRIO DO TESOURO
NACIONAL (2019-2020)

CRISTIANO PINTO DA COSTA
PRESIDENTE DA SHELL BRASIL

MAURÍCIO QUADRADO
PRESIDENTE DO BANCO MASTER
DE INVESTIMENTO

PATRÍCIA ELLEN
CEO DA AYA
SECRETÁRIA DE DESENVOLV. ECONÔMICO
DO ESTADO DE SÃO PAULO (2019-2022)

PATRICK BURNETT
FUNDADOR E CEO DA
INOVETECH

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

Redatores-chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz **Editores-executivos:** Amauri Barnabé Segalla, Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor-sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Alessandro Giannini, André Afetian Sollitto, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Juliana Machado, Marcela Maciel Rahal, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores-assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Camila Cordeiro Alves Barros, Camila Koester Pati, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, Isabella Alonso Panho, Juliana Soares Guimarães Elias, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Simone Sabino Blanes, Valéria França, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara **Sucursais: *Brasília* — Chefe:** Policarpo Junior **Editor-executivo:** Daniel Pereira **Editor-sênior:** Robson Bonin da Silva **Editoras-assistentes:** Laryssa Borges, Marcela Moura Mattos **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola ***Rio de Janeiro* — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórteres:** Amanda Péchy, Caio Franco Merhige Saad, Ludmilla de Lima, **Estagiários:** Giovanna Bastos Fraguito, Gisele Correia Ruggero, Ligia Greco Leal de Moraes, Maria Fernanda Firpo Henningsen, Mariana Carneiro de Souza, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Sara Louise França Salbert, Thiago Gelli Carrascoza **Arte — Editor:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial — Secretárias de produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Colaboradores:** Alexandre Schwartsman, Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucilia Diniz, Maílson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyr Carrasco **Serviços internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho, **DIRETOR DE PUBLICIDADE** Ciro Hashimoto, **GERENTE-EXECUTIVA DE PROJETOS ESPECIAIS** Juliana Caldas

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 904 (ISSN 0100-7122), ano 57, nº 31. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

www.grupoabril.com.br

CLEMILSON CAMPOS/JC IMAGEM/FOLHAPRESS

MARIO TAMA/GETTY IMAGES

DILEMA Fila do Bolsa Família: número de beneficiários é recorde, mas a miséria e a desigualdade ainda desafiam o país

EM BUSCA DE UMA SAÍDA

CONCEBIDOS para representar um antídoto contra a miséria e a desigualdade, os programas de transferência de renda têm eficácia comprovada no combate a essas chagas. O Brasil, aliás, se tornou um dos maiores laboratórios para esse tipo de experiência, a partir do lançamento do Bolsa Escola, em 2001, na gestão Fernando Henrique Cardoso. O governo do PT, que lhe sucedeu, consolidou essa e outras políticas de assistência sob o guarda-chuva do Bolsa Família. Ao longo de sua trajetória (com-

pletou exatos vinte anos em 2024), essa iniciativa transformou-se em uma marca poderosa. Ainda que tenha perpassado outros governos, acabou associada mais fortemente à figura de Luiz Inácio Lula da Silva, responsável pelo seu lançamento. Inevitavelmente, virou um grande instrumento político para o governante da vez, não importando seu matiz ideológico. Basta lembrar que até Jair Bolsonaro empunhou a mesma bandeira.

Isso não ocorreu por acaso. Vários estudos comprovam o efeito benéfico do programa, a exemplo de um trabalho da FGV/Ibre que constatou a redução da quantidade de pessoas em situação de extrema pobreza no país, de 15,4 milhões em 2019 para 9,5 milhões em 2023. Devido ao sucesso da iniciativa, ela vem sendo expandida de forma acelerada, atingindo os números mais robustos da história justamente no terceiro mandato de Lula. Desde o início, a quantidade de famílias com acesso ao programa mais que dobrou, chegando hoje a 20,8 milhões. Nesse mesmo período, o valor do benefício saltou de 66 reais para 682,56 reais.

Esses bons resultados não podem de nenhum modo deixar em segundo plano a necessária discussão a respeito do aperfeiçoamento do programa. Persistem ralos importantes por onde escoa dinheiro público, a começar pelo número alto de pessoas que recebem o benefício de maneira irregular. Segundo auditoria do TCU, nada menos que 4,7 milhões de famílias se encontravam nessa condi-

ção. O prejuízo potencial com esse desvio é de 34,2 bilhões de reais por ano. Outro ponto é o estímulo à informalidade: treze dos 27 estados têm hoje mais beneficiários do Bolsa Família do que gente com carteira assinada, evidência de que muitos evitam a CLT para continuar recebendo o dinheiro.

Para além desses problemas, há uma questão ainda mais essencial, relacionada à dependência criada pelo programa, que deveria acudir os necessitados apenas durante um período emergencial, e não se tornar um elemento de composição de renda permanente para muitas pessoas, como ocorre atualmente. Até hoje não se encontrou a chamada porta de saída, que permitiria aos beneficiários descartar a ajuda à medida que passassem a contar com outras ferramentas para deixar a condição de pobreza, como a educação e a qualificação profissional. Na reportagem que começa na pág. 22, exemplos do exterior e especialistas no assunto mostram caminhos possíveis para uma nova e cada vez mais necessária fase do Bolsa Família. ■

LUIS MORA

“O FUTURO É PREVISÍVEL”

Aos 84 anos, a celebrada autora canadense ironiza a fama de profetisa, analisa como o livro *O Conto da Aia* se tornou um símbolo antiautoritarismo e faz alerta sobre as mudanças climáticas

RAQUEL CARNEIRO

AOS 9 ANOS, Margaret Atwood leu *A Revolução dos Bichos*, crendo se tratar de um livro infantil. Ficou chocada com a trama, uma alegoria política sobre o autoritarismo. "Chorei quando o cavalo morreu", diz ela (no final da obra de Orwell, o animal é levado por uma carrocinha por não ter mais força para trabalhar). A experiência lhe serviu como uma primeira lição sobre a humanidade: o mundo nem sempre é justo — especialmente quando quem detém o poder faz o que quer sob a proteção de uma religião ou uma ideologia. Tal aprendizado é patente em sua obra: aos 84, Margaret é uma escritora mundialmente celebrada e com gosto particular por imaginar futuros sombrios. Em *O Conto da Aia*, de 1985, adaptado para a série de TV *The Handmaid's Tale*, um governo fundamentalista cristão nos Estados Unidos abole direitos de mulheres e gays — trama que encontrou eco no governo de Donald Trump. Em *Oryx e Crake* (2003), uma pandemia devasta o planeta impulsionada por mudanças climáticas e manipulações genéticas. Na entrevista feita por vídeo a partir da casa dela, em Toronto, no Canadá, Margaret fala sobre suas inspirações, medos e como lida com a viuvez, um dos temas de seu novo livro, *Tig & Nell e Outros Contos*, publicado pela editora Rocco.

A senhora é chamada de "profetisa da literatura". O que pensa da fama? Posso dizer com certeza que não, não sou uma profetisa. Não do tipo que sabe exatamente o que vai ocorrer em breve. Gosto de imaginar aquilo que pode acon-

tecer: “Se o mundo seguir esse caminho contestável, a realidade será assim”, por exemplo. Distopias como *O Conto da Aia* são possíveis, mas não inevitáveis.

Foi certeiro, contudo, pensar em um futuro no qual uma direita religiosa dominaria os Estados Unidos, mirando direitos conquistados por mulheres e gays – bandeiras levantadas pela campanha de Donald Trump. O futuro é previsível se observarmos o passado, assim como a ascensão e a queda de regimes, o modo como eles se manifestam e como afetam nossas vidas. A liberdade de imprensa e a verdade são as primeiras a ser contestadas, assim como o direito das minorias. No caso dos Estados Unidos, nos anos 1980, quando escrevi O Conto da Aia, seria improvável que o país se tornasse um regime comunista totalitário. Mas uma ditadura religiosa era possível. Eu não previ o futuro: os sinais estavam ali.

“Sou a favor do direito da mulher de não morrer. Ninguém gosta de fazer um aborto. Ninguém acorda num fim de semana e pensa: ‘Vou ali fazer um aborto’. É uma questão de saúde pública”

O livro serviu de inspiração para a bem-sucedida série de TV *The Handmaid's Tale*. Tinha receios em relação a essa adaptação? Sinceramente, não achei que ficaria tão boa. A arte como um todo é um tiro no escuro. Às vezes, uma produção tem ótimos profissionais e, mesmo assim, não dá certo. Tive sorte. *The Handmaid's Tale* é uma série ótima, que está agora rodando sua sexta e última temporada. Quando estreou, em 2017, os jovens assistiam dizendo: "Isso nunca vai nos acontecer". Então, Trump começou a governar.

***O Conto da Aia* se tornou símbolo do direito reprodutivo, já que mulheres e médicos que interromperam alguma gravidez são punidos na trama. Por que a senhora é a favor do aborto?** Sou a favor do direito da mulher de não morrer. De não ter de sangrar até a morte ou pegar uma infecção em procedimentos clandestinos, ou de ser obrigada a carregar um feto natimorto dentro de si — um direito que as propostas mais extremistas querem limar. Ninguém gosta de fazer um aborto. Ninguém acorda num fim de semana e pensa: "Que lindo dia, vou ali fazer um aborto". É uma questão de saúde pública. É também sobre os perigos de o Estado ter direito sobre o corpo do indivíduo.

Pode se aprofundar nesse ponto específico? Se o Estado tem o direito de decidir sobre o corpo de alguém, então abrem-se precedentes. Se os governantes podem decidir sobre o corpo feminino, eles também poderão fazê-lo sobre

o masculino. Se o Estado pode obrigar uma mulher a ter um filho, também pode proibi-la de ter um. Como o controle de natalidade na China — que culminou no assassinato de muitas bebês meninas. Existem, ainda, grupos religiosos que acreditam que, assim que um óvulo é fertilizado, o embrião já possui uma alma, então é uma pessoa. Sendo assim, a fertilização *in vitro* pode ser proibida, já que boa parte dos embriões não sobrevive ao processo — argumento que vem sendo usado por republicanos fundamentalistas para tentar criminalizar o procedimento.

Recentemente, uma controversa proposta de lei no Brasil tentou comparar o aborto legal em casos de estupro a um homicídio. Apoiadores diziam que o feto não cometeu o crime. A pena para a mulher, aliás, se tornaria maior do que a do estuprador. Ficou sabendo desse caso? Não, não soube. Mas vejo que esse é um caso clássico do ódio contra a mulher e do hábito de responsabilizá-la por tudo o que lhe acontece. É uma história típica que se repete. Até a psicologia tem dessas, é tudo culpa da mãe.

Há chances de que Donald Trump retorne à Presidência dos Estados Unidos. Como vê esse cenário? Bem, essa é uma escolha dos americanos, e eles deveriam pensar que não estão votando numa pessoa, mas sim em um sistema de governo. É isso que está em jogo em diversos países atualmente. Os Estados Unidos tinham uma dinâmica de poder em que se elegia

um governo democrata ou republicano, mas o sistema se mantinha incólume. Quando Trump assume, ele sabota essa dinâmica e impõe sua figura autoritária, que manda e desmanda.

Com sua habilidade de imaginar o futuro, o que esperar de um novo mandato de Trump? Se Trump for eleito, apenas direi: "Apertem os cintos". Primeiro ele vai aumentar a pressão contra os republicanos moderados e contra qualquer competição interna. Ele fará o mesmo com os democratas, que terão de se radicalizar. E quem está ao lado dele pode achar que está protegido, mas egos inflados só protegem a si mesmos. Por isso digo que a melhor escolha será o candidato democrata. Até se fosse Joe Biden. Mesmo que fosse um nabo. Eu votaria em um nabo em vez de Trump. Isso porque ainda se trata de votar em um sistema de governo e não em uma pessoa — e esse sistema é a democracia.

Qual sua opinião sobre a possibilidade de Kamala Harris se tornar a próxima presidente americana – e a primeira mulher a chegar ao cargo? A entrada da Kamala na corrida eleitoral é de longe um dos melhores momentos da história da política americana. Ela é inteligente, articulada, forte e informada. Trump vai ter dificuldades para intimidá-la, e ela, por ser advogada, sabe lidar com criminosos. Creio que será uma presidente formidável, especialmente em tempos nos quais aspirantes a ditadores fazem joguinhos de poder e tentam enfraquecer a democracia.

Para além do cenário político, qual sinal a humanidade está falhando em ver hoje que será preocupante em um futuro próximo? As mudanças climáticas, com certeza. Todos serão afetados, mas principalmente os países mais próximos da Linha do Equador e do norte do planeta. Existem amplos estudos sobre isso e podemos especular o que vai acontecer. As correntes marítimas serão afetadas, assim como a força dos ventos e o nível do mar. Essas mudanças devem causar eventos extremos, como verões superquentes e invernos muito rigorosos. Além de atingir comodidades que consideramos garantidas: as mudanças climáticas vão afetar desde voos de aviões e cruzeiros de navios até a produção de alimentos e a pesca. Mas já estou velha para me preocupar. Vocês, jovens, é que devem ficar de olho nisso.

“As mudanças climáticas vão afetar desde voos de aviões até a produção de alimentos. Mas já estou velha para me preocupar. Vocês, jovens, é que devem ficar de olho nisso”

Seu novo livro, *Tig & Nell e Outros Contos*, fala de um casal inspirado na sua relação com o também escritor Graeme Gibson, que morreu em 2019, aos 85 anos. Entre as histórias está um relato honesto sobre ser viúva. Como tem sido este momento na sua vida? Ser viúva não é divertido. Tento me consolar conversando com outras pessoas na mesma situação que eu. A partir de certa idade, a morte já não é vista com surpresa. Então, estou preparada para perdas — se é que é possível se preparar para isso.

Em um dos contos, a senhora entrevista, com bom humor, o autor George Orwell, de *1984*, através de uma médium. Costuma falar com os mortos com frequência? Eu tento, mas eles raramente respondem. Orwell foi uma grande inspiração para meu trabalho. Quando criança, li *A Revolução dos Bichos* achando que era um livro infantil. Chorei quando o cavalo morreu. Mais madura, li *1984* e me encantei com a ficção especulativa e como ela serve de alerta para futuros que não deveriam concretizar-se.

As distopias se tornaram populares nos últimos anos. Como analisa esse interesse? Vou ter de voltar um pouco no tempo para falar sobre isso. Sou especialista em literatura vitoriana, nos romances que se passam no século XIX. Na época, o mundo estava esperançoso, vivia uma utopia. A medicina avançava, desenvolvemos as vacinas. Os sistemas de esgoto foram amplamente implementados. Os trens

conectavam lugares distantes. Tudo parecia ir bem, até a explosão da Primeira Guerra Mundial. Depois, a Segunda Guerra, e, em seguida, governos autoritários se espalharam pelo mundo. Não era mais possível pensar que o futuro seria brilhante. Foi nesse cenário que as distopias floresceram — e continuam a mostrar sua força ainda hoje.

Orwell foi chamado de pessimista. Compartilha com ele dessa visão de mundo? Na primeira vez que li *1984* achei pessimista, mas, no fundo, não é. Ao final do livro há um apêndice que analisa o regime com um tempo verbal no passado, como uma matéria de jornal. Isso significa que a ditadura daquela distopia teve um fim, pois esse texto indica liberdade de imprensa. Orwell sabia que regimes autoritários não se sustentam para sempre — e ele nos alertou para que não seja necessário passar por um. Tento fazer o mesmo com a minha obra.

Seu nome é constante na lista de apostas para o Nobel de Literatura. Almeja conquistar a honraria? Sabe o que dizem sobre o ganhador do Nobel de Literatura? Que primeiro você ganha e, em seguida, você morre. E isso é verdade, pois os ganhadores costumam ser bem velhos. Mas o Nobel também me parece o fim da estrada: ninguém liga mais para o que um autor lança depois do prêmio. Então, não, não é uma honraria pela qual almejo. Ainda quero poder escrever muito mais — assim espero. ■

O INSTANTE DECISIVO

HÁ FOTOGRAFIAS olímpicas que nascem clássicas — a mais emblemática até aqui dos Jogos de Paris foi clicada a mais de 15 000 quilômetros de distância, na Praia de Teahupo’o, no Taiti, onde se disputava o torneio de surfe. O fotógrafo francês Jérôme Brouillet, da agência AFP, vive há mais de dez anos na Polinésia Francesa e gira o mundo

JÉRÔME BROUILLET/AFP

atrás dos bailarinos dos oceanos. Da soma do conhecimento do esporte e das agressivas ondas daquela praia, de mãos dadas com perfeito controle de tempo e sorte, ele fez a imagem que circulou o mundo pelas redes sociais. Parece ter sido tratada digitalmente, filha da inteligência artificial, mas não. É 100% real. Mostra o brasileiro **Gabriel Medina** parado no ar, de punho erguido como o de um herói grego, com a prancha ao lado, em construção geométrica. Brouillet, que conhece as manhas e manias de Medina, sabe que, ao sair de tubos imensos como os de Teahupo'o, ele sempre faz algum gesto especial. O fotógrafo estava numa lancha com outros dez profissionais. Fez quatro cliques daquele momento, apenas quatro. Um deles, agora marcado para sempre, foi escolhido pelo editor e distribuído aos quatro ventos. Em minutos, viralizou. "É apenas mais uma foto, estou fazendo o que amo", disse o profissional, em falsa modéstia. O impressionante registro, o corpo e o equipamento paralisados entre o mar e o céu, é a mais bem-acabada imagem do que o francês Henri Cartier-Bresson definiu como o "instante decisivo". Assim: "Não há nada no mundo que não possua um instante decisivo". ■

Fábio Altman, ***de Paris***

"SOU DONA DO MEU TEMPO"

Ao lançar um DVD que celebra suas quatro décadas de carreira, a cantora fala do rock nacional de ontem e de hoje, critica a polarização política nas redes sociais e comenta a expectativa de se tornar avó

FACEBOOK @PAULATOLLERPAGE

NA ESTRADA
Paula Toller: "Falo de política, mas não sobre os políticos"

O lançamento de um DVD ao vivo, *Amorosa*, celebra suas quatro décadas de carreira. Imaginava atingir essa marca, aos 61 anos de idade? Chamo de aniversário de casamento com o público. É legal olhar para trás e saber que sempre coloquei a música como prioridade. Não fiz concessões aos modismos da indústria. É uma coisa para comemorar.

Que tipo de concessões evitou? O Kid Abelha chegou ao sucesso cedo e tivemos uma espécie de passaporte para fazer as coisas como gostávamos. Apesar disso, sofríamos pressão de todos os lados, de rádios e TVs. Se eu fosse atrás do que era sucesso, teria feito lambada e pagode. Eu sei qual é a minha praia e onde acertei, mesmo com altos e baixos.

Nos anos 1980, o Kid Abelha era uma das poucas bandas com uma mulher nos vocais. O rock era mais machista? Fomos muito criticados porque rock era coisa de homem, né? Como alguém tirava uma menina de casa para ir para a estrada? Mas naquela época havia um clima de entusiasmo. Com o fim da ditadura, a gente queria os brinquedos dos americanos: a guitarra elétrica e a democracia. De lá para cá, a sociedade avançou muito, mas ainda vivemos uma falta de diálogo terrível e toda essa polarização. Hoje, você só fala para o seu nicho. Acho muito triste.

Nos últimos anos, a esquerda e os bolsonaristas se alternaram nas críticas às suas posições. Também foi vítima

da polarização? Sim, fui uma vítima dos dois lados. Estou em outra geometria social. Tenho amigos de todos os tipos. Não acredito em ficar batendo de frente com as pessoas, como se fosse de uma seita. Não tenho ídolo político. Sou pragmática. Falo de política, mas não sobre os políticos.

A descoberta de que tinha diabetes, em 2009, a levou a cuidar mais da saúde? Acho importantíssimo falar sobre isso e mostrar que, com bons controles dos índices de glicose, podemos ter uma vida praticamente normal. Para mim foi difícil, no começo, conciliar a vida desregrada da estrada com os cuidados. Tenho de seguir horários fixos para me alimentar, devido ao tratamento com insulina. As pessoas ao meu redor tiveram de entender isso. Hoje, sou dona do meu tempo. Tenho uma disciplina bem grande, quase como a de uma atleta. Todo dia faço alguma atividade física.

Seu filho, Gabriel, dirigiu seu novo show e, em breve, vai lhe dar sua primeira neta. Como é a relação com ele? Já tinha trabalhado com o Gabriel no clipe da música *Eu Amo Brilhar,* em que ele cantava e dirigia. Foi bom porque consegui separar a mãe da profissional. Como diretor, ele se impôs com sua tranquilidade. Sobre ser avó, é um momento de inspiração. É o relógio da vida passando. Meu filho vai ter uma filha. É uma sensação muito boa. ■

Felipe Branco Cruz

WILLIAM VOLCOV/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

NO ASFALTO Rosa no Sambódromo: desfiles luxuosos e de estética refinada

A CAMPEÃ DA AVENIDA

Nos desfiles que comandou, a carnavalesca **Rosa Magalhães** gostava de se misturar com os componentes

das escolas de samba sem chamar muito atenção. Era assim que sentia a evolução de sua turma de foliões e a reação do público. Uma de suas conquistas mais famosas ocorreu em 1982, com a Império Serrano embalada pelo icônico enredo *Bum Bum Paticumbum Prugurundum*, um dos mais famosos do Carnaval carioca. Na Imperatriz Leopoldinense, conquistou o bicampeonato, de 1994 e 1995, e o tricampeonato, de 1999, 2000 e 2001. O último título foi em 2013, à frente da Unidos de Vila Isabel. Além de todos esses feitos, Rosa montou o espetáculo da cerimônia de abertura dos Jogos Pan-Americanos de 2007, que lhe valeu o prêmio Emmy de melhor figurino, e da festa de encerramento da Olimpíada de 2016, realizada no Rio de Janeiro. Começou a carreira em 1971, no barracão do Salgueiro, em meio a uma turma da qual faziam parte Joãosinho Trinta, Lícia Lacerda e Maria Augusta. Com a ajuda do mentor Fernando Pamplona, ingressou no mundo do Carnaval durante as aulas na Escola de Belas Artes. Morreu em sua casa, no Rio, na noite de quinta-feira 25, em consequência de um infarto. Tinha 77 anos.

DIVULGAÇÃO

PATRIMÔNIO Borges entre suas obras: carpinteiro na juventude

MÚLTIPLOS TALENTOS

O pernambucano **J. Borges** era um artista de múltiplos talentos. Xilogravurista, cordelista e poeta, teve obras expostas no Museu do Louvre, em Paris, na França, e em galerias nos Estados Unidos, Alemanha, Suíça e Itália. Uma de suas últimas criações, a xilogravura *Jesus, Maria e José: a Sagrada Família,* foi presenteada ao papa Francisco pelo presidente Lula no ano passado. Conhecido como mestre da arte popular brasileira, fazia questão de vender suas obras a preços acessíveis. Aprendeu a ler, escrever e fazer contas no único ano em que frequentou a escola. Na juventude, foi carpinteiro e pedreiro, até descobrir a literatura de cordel. Morreu na sexta-feira 26, aos 88 anos, em Bezerros, sua cidade natal, de causas naturais.

REBELDE E FEMINISTA

O primeiro livro da escritora **Edna O'Brien,** *The Country Girls* (1960), narra os conflitos de duas jovens irlandesas que se rebelam contra a sua criação católica. O romance foi proibido na Irlanda porque a autora descrevia a vida sexual dos personagens com uma naturalidade e uma liberdade jamais vistas na literatura local. O'Brien também discorreu sobre os dramas políticos de seu país em trabalhos não menos polêmicos. Convidada da Feira Literária de Paraty, em 2009, causou consternação ao criticar Chico Buarque por sua aparente "falta de conhecimento literário". A editora Faber anunciou sua morte no sábado 27, por meio de suas redes sociais, dizendo que ela se fora "após uma longa doença". Tinha 93 anos. ■

SOPHIE BASSOULS/SYGMA/GETTY IMAGES

POLÊMICA
O'Brien: obra visceral trazia intimidade de personagens

FERNANDO SCHÜLER

NO FIM DO DIA, A LIBERDADE

THOMAS JOLLY, o diretor da festa de abertura dos Jogos, conseguiu o que queria. Sua ideia era fazer uma espécie de manifesto político. Algo em linha com o que ele imagina ser os "valores da República francesa", envolvendo "inclusão" e "diversidade". Ele foi escolhido por ser um tipo capaz de "quebrar regras", e acho que ele realmente tentou fazer isso. Fiquei até imaginando. Thomas e sua equipe reunidos, meses a fio, pensando no que poderiam fazer de verdadeiramente ousado e novo. Em alguma madrugada parisiense, surge a grande ideia: quem sabe drag queens? Quem sabe um trisal? Ou uma inconfessável paródia de *A Última Ceia?* Fantástico. Nada, repito, nada poderia ser mais inovador.

Os bispos franceses reclamaram. A coisa toda seria "um escárnio com o cristianismo". Vejam só. Encenação identitária de um lado, brabeza conservadora do outro. Alguém já viu uma coisa dessas? Inovador mesmo foi o jornalista-militante pulando na piscina para dizer que tudo foi um "recado à extrema direita" interplanetária. A reação sensata veio do amigo João Pereira Coutinho: o melhor é dar de ombros. Al-

go do tipo: “me poupem, já vi isso em algum lugar”. Logo me lembrei da *Virgem Maria* do Chris Ofili, adornada com bosta de elefante, causando escândalo na Nova York dos anos 90. E da artista jamaicana Renée Cox e sua *A Última Ceia* com uma mulher nua no lugar do Cristo, fazendo alguma espuma quando exposta no Brooklyn Museum. Me veio mesmo a memória de quando assisti, em um apartamento enfumaçado, na Porto Alegre dos anos 80, ao *Je Vous Salue, Marie,* de Godard, numa época em que essas coisas eram saborosamente proibidas, ao invés de pagas pelo erário público. Tudo isso já tem alguma história. O tratamento profano de alegorias bíblicas, variações dos tipos oficiais da “diversidade”. Talvez alguém poderia ter lembrado a Jolly e sua trupe que estamos em 2024. E que talvez a fórmula *woke* não seja assim mais tão inovadora.

Mais sem sentido ainda que o mesmo-de-sempre identitário é uma certa choradeira reacionária segundo a qual “a religião não pode ser ofendida”. É claro que pode. A França é a terra de Voltaire, o grande sátiro dos padres e da religião. E o último blasfemador francês queimado na fogueira foi um rapaz de 20 anos, acusado de danificar um crucifixo. Isso em 1762. A pergunta cruel, nesse caso, é se Jolly teria coragem de fazer como seus colegas do *Charlie Hebdo* e satirizar Maomé e o islamismo. Alguém adivinha a resposta? Ou ainda: a turma teria a audácia de satirizar a própria cultura *woke?* E se Jolly tivesse um ataque de Trey Parker e Matt Stone e fizesse um quadrinho sequer ao estilo *South*

POLÊMICA A Santa Ceia dos Jogos: manifesto político de Thomas Jolly

Park? Seria engraçado escutar a choradeira. Só que do outro lado. Vi uma gozação assim em um portal russo. Sátira da mulher barbuda, do trisal, das drags e afins.

Na festa parisiense, o interessante não foi a petulância, mas a conformidade. Não a coragem para produzir alguma surpresa, mas a adequação a um padrão. O que não é nada surpreendente. Um dos pilares da cultura *woke* é exatamente o dogma de que certos grupos e formas culturais não podem ser satirizados. Nem Maomé, talvez pelo medo, nem o riso de si próprio, pelo dogmatismo. De minha parte, dou de ombros. O que não dá é para sugerir, como fez o porta-voz dos Jogos,

REPRODUÇÃO X/THE OLYMPIC GAMES

“Em Paris, o interessante não foi a petulância, mas a conformidade”

que aquilo tudo era para “ultrapassar limites”. A cultura *woke* se define precisamente pela definição muito clara de limites. E o primeiro deles diz respeito ao que entra ou fica de fora do conceito de “diversidade”. Soa um tanto ridículo imaginar que aqueles personagens algo caricatos formem um bom retrato da diversidade francesa. Ou quem sabe da diversidade humana. O que há é um padrão politicamente arbitrado, em torno de variações muito específicas de gênero, raça e orientação sexual. Se você não se enquadra no padrão, paciência. Você possivelmente faça parte de algum grupo opressor, seja de extrema direita ou simplesmente um caipira. O melhor é ir rezar. Ou assistir a alguma reprise do Monty Python.

É possível cultivar uma confortável indiferença sobre isso, enquanto estivermos discutindo se um grupo de drag queens faz referência a *A Última Ceia* ou a *A Festa dos Deuses*. Os bispos franceses que me desculpem, mas não vale perder o sono por causa disso. O problema real é quando esta mesma agenda ocupa espaços de poder, na máquina do

Estado, nas universidades e empresas. Ainda recentemente tivemos uma mostra disso na Califórnia, com uma lei proibindo escolas e professores de informar os pais sobre o comportamento dos filhos em questões de gênero. Por exemplo, que o filho de 8 ou 10 anos manifesta o desejo de mudar de sexo. Não se trata de impedir que os pais interfiram na vida dos filhos. Mas de bloquear seu acesso a informações elementares sobre a formação pessoal deles.

Vale o mesmo para a vida das organizações. Não se trata de satirizar a Missa do Galo na festa da empresa, mas de quebrar critérios de mérito, disciplinar a linguagem, restringir o pensamento crítico, impor cotas e criar linhas de denúncias para os infiéis. A obsessão identitária pode gerar apenas alegorias de gosto duvidoso, mas, quando passa a restringir direitos e regular a vida dos outros, as coisas se complicam. A boa notícia é que muita gente começa a se dar conta disso. Ainda agora, chamou atenção a decisão da John Deere de recuar na fúria *woke*. Não propriamente um recuo conservador, mas buscando um ponto de equilíbrio. Algo na linha: uma cultura plural é importante, mas "cotas de diversidade e o uso de pronomes neutros não são a política da companhia". Há uma fronteira bastante nítida, aí. Uma coisa são valores universais associados a respeito, tolerância e oportunidades. Outra é a imposição de uma agenda política. Isto valendo para movimentos *woke* ou conservadores, indistintamente.

Niall Ferguson e muitos intelectuais observam que a tolerância às ações do Hamas e ao terrorismo, no conflito do

Oriente Médio, fez cair a ficha de muita gente sobre a natureza do mundo *woke.* Talvez valha o mesmo sobre nossos democratas, por estes dias, chancelando o teatro trágico da ditadura venezuelana. De minha parte, vejo uma mutação mais ampla nisso tudo. Uma pesquisa recente abrangendo 65 das maiores empresas americanas mostrou que desde 2020 há um claro recuo na terminologia *woke* e que a pauta dos executivos, por agora, é prestar um pouco mais de atenção a “consequências não intencionais” de suas ações. Ótimo. Quem sabe o mundo corporativo brasileiro faça a mesma coisa. No fundo, o desconforto com a festa parisiense talvez tenha vindo exatamente disto: da insistência em repetir uma fórmula cujo tempo já está passando. Menos pela reação conservadora e mais pelo cansaço. A modernidade, vamos lembrar, é filha dos pecados de Giordano Bruno, da irreverência de Voltaire, e não dos queimadores de hereges. Filha do pensamento crítico, e não do disciplinamento da linguagem. Filha de um mundo em que o direito à fala não encontra lugares marcados. E no qual a liberdade, no fim do dia, e por alguma razão difícil de entender, parece sempre dar a última palavra. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

SALGADO FILHO
Depois da paralisação provocada pelas enchentes no Sul, o aeroporto de Porto Alegre deve retomar os voos em outubro e reabrir completamente em dezembro.

FUGA DE BRASILEIROS
Quase 400 000 pessoas deixaram o país para morar no exterior em 2023, um aumento de 10% sobre o ano anterior.

SANTIAGO
A capital do Chile foi o destino no exterior mais procurado por brasileiros no primeiro semestre na Decolar, o aplicativo para viagens. No território nacional, a liderança ficou com o Rio.

DESCE

CLÁUDIO CASTRO

A PF indiciou o governador do Rio por corrupção passiva e peculato. O caso envolve desvios de recursos de programas de assistência social. Ele nega as acusações.

MACONHA

Segundo levantamento do Paraná Pesquisas, sete em cada dez brasileiros se declaram contra a liberação de até 40 gramas da droga por pessoa para fins recreativos.

SANTORINI

Devido à superlotação turística, autoridades gregas estudam formas de limitar o acesso a uma das mais famosas ilhas do país.

“Devemos seguir em frente, não para trás. Para cima, não para a frente. Sempre girando, girando e girando em direção à liberdade.”

KAMALA HARRIS, vice-presidente e candidata à Presidência dos EUA, repetindo, toda brincalhona, a frase de um episódio clássico do desenho *Os Simpsons* durante aparição-surpresa no evento Comic-Con, em San Diego

KEVIN DIETSCH/GETTY IMAGES

“Queremos um Brasil que cresça para todas as famílias. Não abrirei mão da responsabilidade fiscal. Entre as muitas lições de vida que recebi de minha mãe, aprendi a não gastar mais do que ganho.”

LULA, em pronunciamento que marcou um ano e meio de governo, tentando acalmar, sem muito sucesso, os ânimos do mercado

“Tomaremos medidas espelhadas, levando em consideração as ações dos Estados Unidos.”

VLADIMIR PUTIN, líder russo, sobre disputa com mísseis de longo alcance entre seu país e os EUA, movimento que reacendeu um clima de Guerra Fria

“Com uma política de Estado, podemos fazer com que a agricultura funcione de A a Z, de açaí a zebu.”

SILVIA MASSRUHÁ, presidente da Embrapa, em discussão sobre incorporação de tecnologias no setor agropecuário

“Testemunhamos uma grande destruição quando chegamos ao campo de futebol. Havia vítimas na grama e a cena era horrível.”

IDAN AVSHALOM, médico que resgatou israelenses mortos e feridos em ataque atribuído ao grupo terrorista Hezbollah na região de Golã

"É surreal o caminho percorrido pela palavra 'surreal', nascida na vanguarda artística francesa para estar hoje na boca do povo em conversas corriqueiras."

SÉRGIO RODRIGUES, escritor, sobre o termo que surgiu há 100 anos com o movimento surrealista de André Breton, Salvador Dalí e companhia

"É incrível imaginar que as produções brasileiras, com todo o nosso borogodó e expertise, podem conquistar um espaço cativo no coração de cada canto do mundo."

JULIANA PAES, atriz e protagonista de *Pedaço de Mim,* a novela da Netflix que virou sucesso internacional

"Prometo falar tudo. Estou triste, nervosa... Mas com o coração em paz. Sei do meu caráter e da minha índole."

ANA CAROLINA VIEIRA, nadadora brasileira expulsa da delegação olímpica depois de um ato de indisciplina, queixando-se de assédio dentro da seleção

"Ela tem só 16 anos, ainda está aprendendo a lidar com essa pressão."

EDUARDO CILLO, psicólogo do Comitê Olímpico do Brasil (COB), sobre Rayssa Leal, skatista que faturou o bronze em Paris, mesmo sob alta tensão

“Falei para o meu filho que ia colocar uma medalha no pescoço dele.”

WILLIAN LIMA, primeiro atleta a ganhar uma medalha para o Brasil na Olimpíada de Paris, após levar a prata no judô

LUCA CASTRO/FOTOARENA/AGÊNCIA O GLOBO

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia
e Nicholas Shores

Missão cumprida

No dia 22, **Luis Felipe Salomão** deixará o comando da Corregedoria Nacional de Justiça. Em dois anos de mandato, o ministro do STJ abriu 82 processos disciplinares contra magistrados e afastou 35 juízes envolvidos em irregularidades, um recorde no CNJ.

Sem exagero

Apesar do dado inédito, Salomão foi criterioso: arquivou cerca de 90% das 2 360 reclamações disciplinares e dos 556 pedidos de providências recebidos no CNJ. "O bom juiz trabalha muito, tem o respeito da sociedade e não convive com quem suja a toga", diz.

GUSTAVO LIMA/STJ

RIGOR Salomão: como corregedor no CNJ, ele afastou número recorde de juízes

Ainda não acabou

Sob Salomão, uma investigação apontou indícios de peculato, corrupção e prevaricação na Lava-Jato. O caso segue no STF. Até o dia 22, novas ações vão mirar alvos nos TJs da BA e do MT.

E as joias dos outros?

Indiciado no caso das joias, Jair Bolsonaro quer arrastar outros ex-presidentes para o STF. Vai pedir que a PF investigue os presentes de Collor, Dilma e Temer. Lula também será alvo.

Sem pressa

O relatório da PF sobre as joias vai completar um mês na mesa de Paulo Gonet, na PGR. Nem lido foi.

Na fila

Outra investigação que está lenta, quase parando, é a que envolve Eduardo Pazuello e Bolsonaro por negligência na pandemia. Está há meses na PGR.

O post não é eterno

Bolsonaristas golpistas estão escapando de investigações do MPF porque a Meta não fornece dados do Facebook sobre postagens apagadas.

Xvideo

A PGR arquivou um pedido de investigação contra um usuário do Facebook que divulgou *fake news* sobre um suposto vídeo pornô da primeira-dama Janja. Diz que o caso é privado.

Mundo *vogue*

A reação à passagem de Janja pela Casa Brasil, em Paris, com forte aglomeração, gritos de fãs e seguran-

ça reforçada da PF, surpreendeu parte da comitiva brasileira na França. A primeira-dama foi tratada como superstar.

Lula não esquece

O presidente entrou de cabeça na campanha para fazer Rogério Favreto ministro do STJ. Ele não esquece o empenho do desembargador gaúcho para tirá-lo da prisão no auge da Lava-Jato.

EGBERTO NOGUEIRA/ÍMÃFOTOGALERIA

2026 É LOGO ALI Ratinho: ele quer apoio do PSD para disputar o Planalto

Rebelião no tribunal

Os acenos de Lula por Favreto abriram uma guerra no tribunal. Outros dezesseis candidatos agora querem tirar o gaúcho da lista tríplice. “Se ele entrar, é derrota certa para todos”, diz um candidato.

Nada de investigação

A Comissão de Inteligência do Congresso acionou Abin, CGU e PF para investigar a Abin paralela, mas foi ignorada. Renan Calheiros quer agora que Rodrigo Pacheco entre em campo.

O sonho da rampa

Governador do Paraná, **Ratinho Junior** foi aclamado como presidenciável pela plateia de uma cerimônia no Palácio Iguaçu, nesta semana. O governador começou a acreditar na empreita-

da. Depois das eleições, vai conversar com Gilberto Kassab para saber se o PSD o apoiará ao Planalto.

Todo o cuidado é pouco

Mauro Vieira e José Múcio conversaram nesta semana sobre o caos na Venezuela. O Itamaraty quer a ajuda dos militares na fronteira venezuelana e na proteção de diplomatas brasileiros.

Tiro no pé

A postura de Lula sobre a Venezuela desgastou tanto o Planalto que ofuscou uma agenda positiva do governo. “O certo era exaltar a queda histórica do desemprego no país, mas Lula preferiu o Maduro”, lamenta um aliado.

Os votos da Lava-Jato

Sergio Moro e Deltan Dallagnol vão apoiar candidatos rivais em Curitiba. Moro estará com Ney Leprevost. Deltan vai de Eduardo Pimentel.

Os favoritos nas urnas

Murilo Hidalgo, do Paraná Pesquisas, diz que três partidos são, hoje, favoritos a conquistar diferentes prefeituras de capitais: PSD, MDB e União Brasil.

Sonhar não custa nada

O PT, que nunca chegou ao segundo turno da disputa por Teresina, sonha alto com a candidatura de Fábio Novo. O petista lidera pesquisas e reuniu treze partidos na sua base, entre eles o... PSDB.

Cabo eleitoral

Geraldo Alckmin varou a madrugada, outro dia, pa-

ra gravar depoimentos a um grupo de vinte candidatos do PSB.

Fogo amigo

Bolsonaro vai a Pernambuco na próxima semana gerenciar uma crise no PL. É que os caciques do partido no estado estão escondendo seu nome e sua foto nessa pré-campanha municipal.

Quanto pior, melhor

Elmar Nascimento espera lucrar com essa briga de Valdemar Costa Neto e Gilberto Kassab. Quer tirar votos do PL que poderiam ir para Antonio Brito, candidato de Kassab na Câmara.

Legado da conferência

Sede da COP30, o Pará de Helder Barbalho acaba de formar a primeira turma de 1 600 pessoas em cursos profissionalizantes para o evento.

Relatos presidenciais

963 Dias, o filme sobre Michel Temer, terá depoimento do presidente de Portugal, Marcelo Rebelo de Sousa. A equipe do longa também quer ouvir Xi Jinping e Joe Biden sobre Temer.

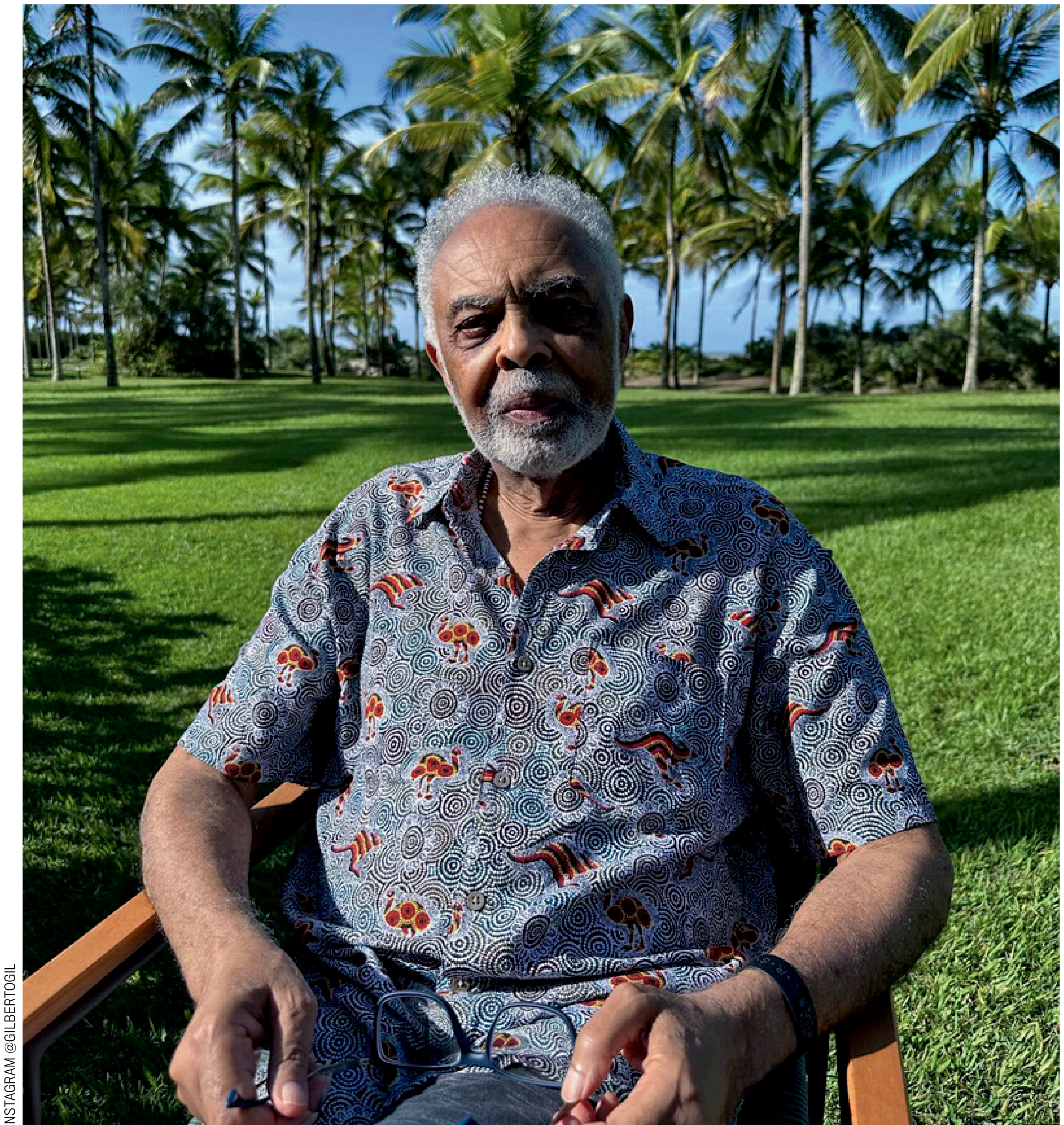
Indianos na área

O BC autorizou recentemente o Banco de Importação-Exportação da Índia a abrir uma agência por aqui.

Trem da esperança

Pesquisa da CNI com 2 500 empresas mostra que mais de 30% delas querem adotar o transporte ferroviário de cargas. Hoje, só 8% das indústrias usam o modal. O setor aguarda o lançamento do plano nacional de ferrovias.

Aquele abraço

Ex-ministro de Lula, **Gilberto Gil** será um dos protagonistas da reunião do G20 da Cultura, na próxima semana, no Rio. A convite da ministra Margareth Menezes, o baiano vai cantar e participar do evento como ouvinte. ■

INSTAGRAM @GILBERTOGIL

SOFT POWER Gil: cantor atuará na reunião do G20 da Cultura, no Rio

UM FLAGELO QUE RESISTE

Bolsa Família completa duas décadas com alcance recorde, mas o drama da fome persiste no país e ainda não se criou uma porta de saída eficaz para os beneficiários do programa

BRUNO CANIATO, ISABELLA ALONSO PANHO, VALMAR HUPSEL FILHO E **VICTORIA BECHARA**

AGONIA Família sem comida à mesa: o número de pessoas nessa situação é igual ao do fim do segundo mandato de Lula

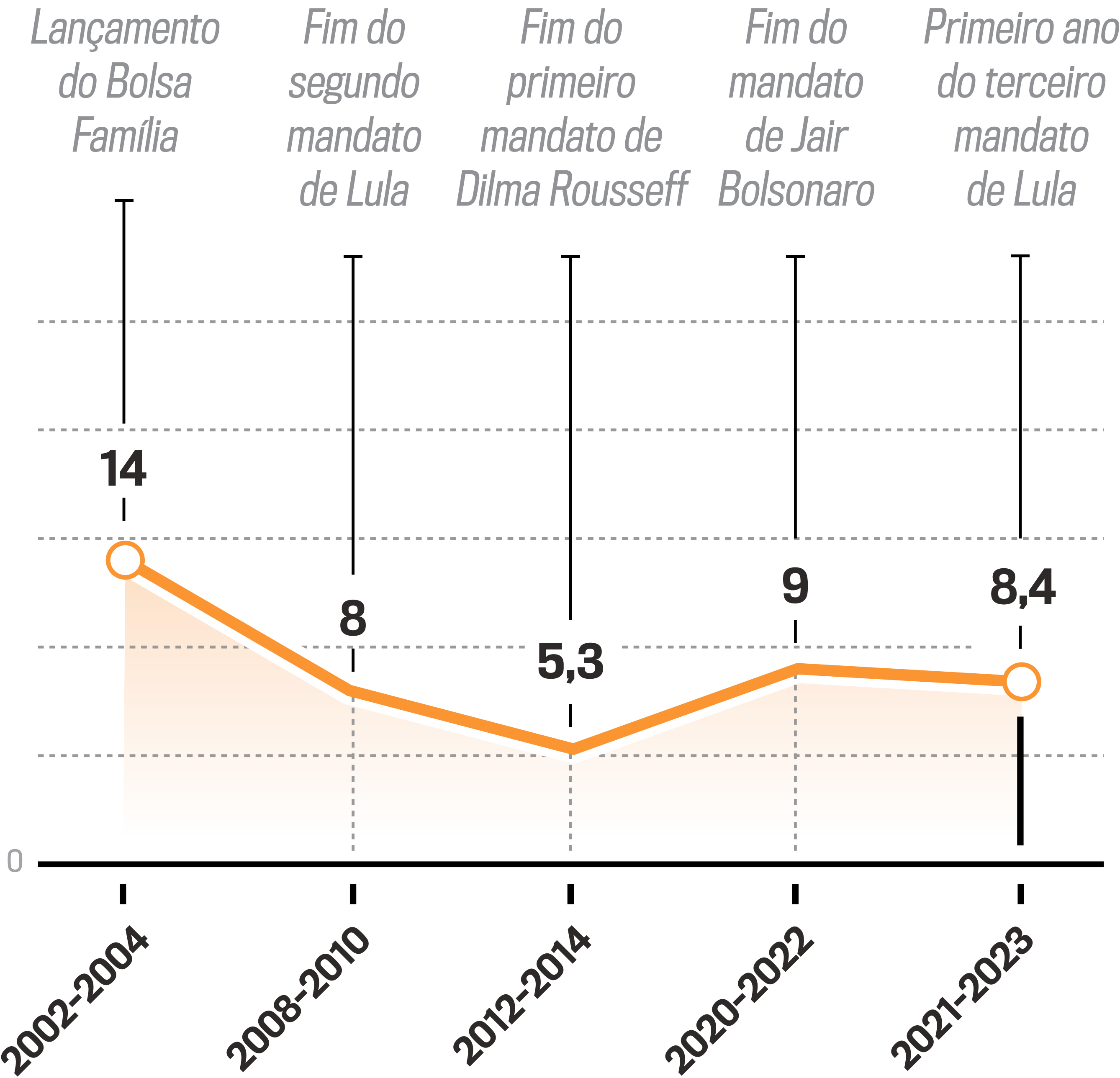
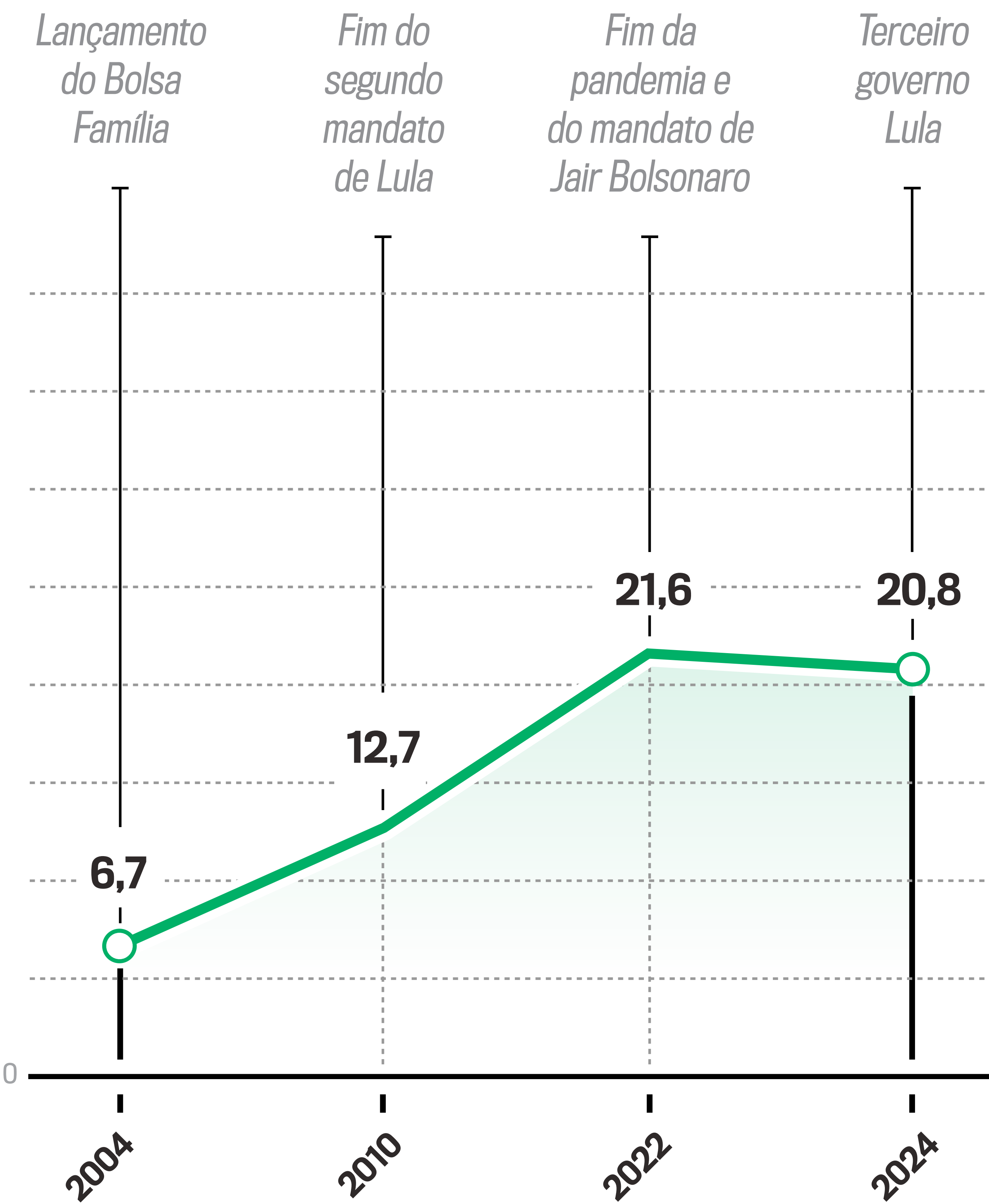
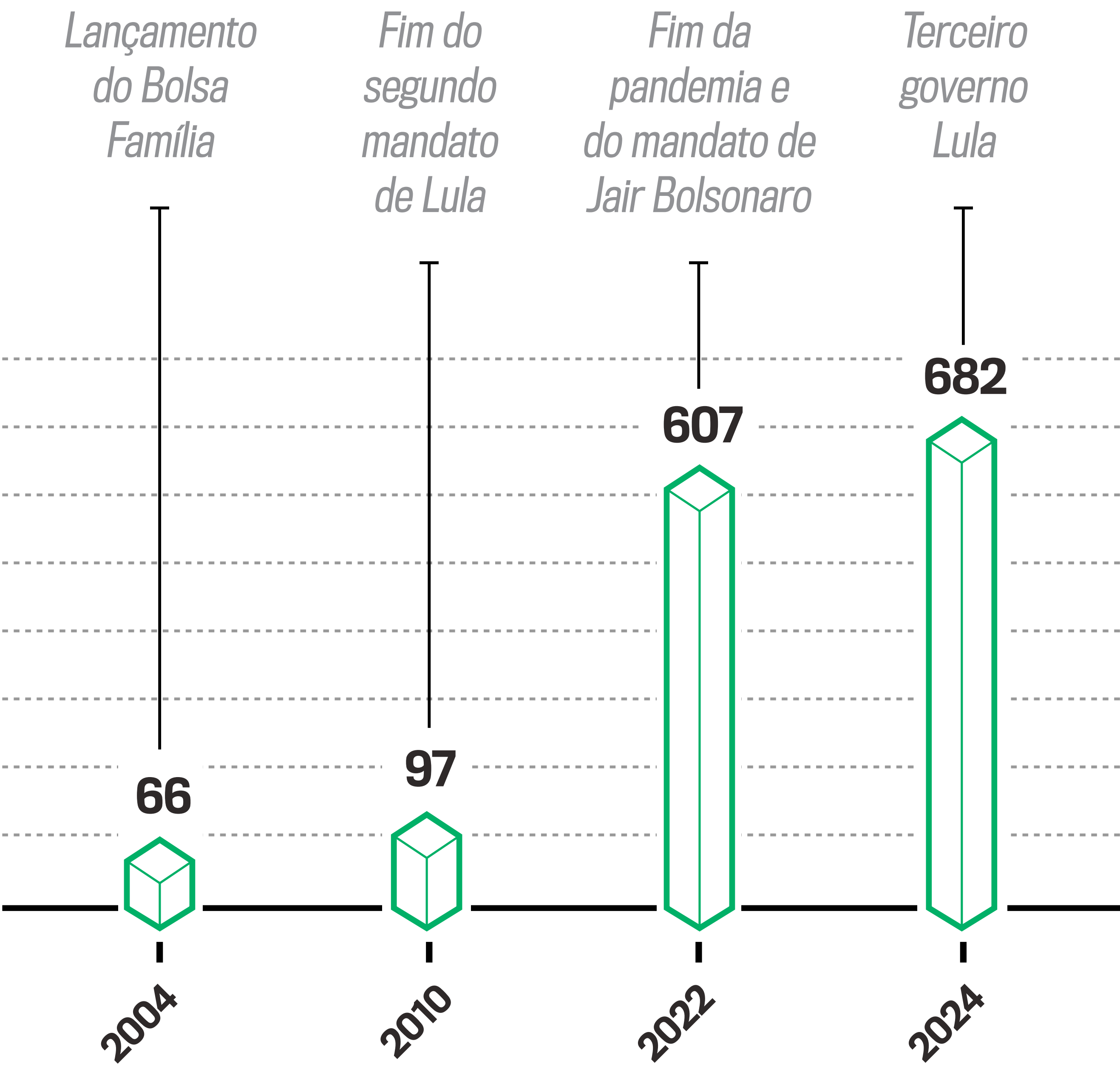
AGÊNCIA BRASIL

Trinta dias após assumir pela primeira vez a cadeira de presidente da República, no início de 2003, Luiz Inácio Lula da Silva lançou aquela que pretendia transformar em uma das marcas de seu governo: o Fome Zero, iniciativa que, como o nome indicava, pretendia acabar com o flagelo que atingia à época 14 milhões de brasileiros. A ação serviu de base para o lançamento no ano seguinte de um programa ampliado, a que deu o nome de Bolsa Família. Vinte anos depois, no entanto, o modelo de transferência de renda, considerado o maior do mundo em número de beneficiados, não conseguiu atingir o objetivo anunciado pelo petista em sua estreia no cargo. Relatório divulgado pela ONU há pouco mais de uma semana mostra que 8,4 milhões de brasileiros ainda passam fome no país, o mesmo número que Lula havia deixado ao terminar o segundo mandato presidencial, em 2010.

O flagelo social persiste a despeito do gigantismo que adquiriu o Bolsa Família ao longo dos anos. O programa atinge hoje 20,8 milhões de famílias, mais que o dobro de seu alcance em 2004. Além disso, o valor médio pago a cada beneficiado foi multiplicado por dez no período (de 66 reais para 682 reais), sendo que o grande salto ocorreu durante a pandemia, quando o presidente era Jair Bolsonaro. De volta ao poder para um terceiro mandato, Lula reservou no Orçamento deste ano 168 bilhões de reais ao programa, um recorde, cujo valor se aproxima do destinado ao Ministério da Educação *(veja o quadro ao lado)*.

LONGE DO IDEAL

A fome persiste no país apesar de investimentos crescentes no Bolsa Família

PESSOAS EM SITUAÇÃO DE DESNUTRIÇÃO*
(em milhões)

O ALCANCE DO
PROGRAMA SOCIAL**
(em milhões de famílias beneficiadas)
Lançamento do Bolsa Família
Fim do segundo mandato de Lula
Fim da pandemia e do mandato de Jair Bolsonaro
Terceiro governo Lula
6,7
12,7
21,6
20,8
0
2004
2010
2022
2024

168 BILHÕES DE REAIS

É O ORÇAMENTO DO PROGRAMA SOCIAL PARA ESTE ANO, QUASE O MESMO VALOR DESTINADO AO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (181 BILHÕES DE REAIS)

Embora não tenha conseguido o objetivo inicial que o inspirou, há muitos méritos no Bolsa Família. Entre os principais avanços está a redução da miséria — só entre 2019 e 2023, o número de pessoas abaixo da linha da pobreza (renda per capita mensal de até 218 reais) caiu de 15,4 milhões para 9,5 milhões, segundo estudo da FGV/Ibre. Outro trabalho, da Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal (FMCSV), mostra que, com o programa, o percentual de crianças na primeira infância que vivem em famílias extremamente pobres cai de 91,7% para 6,7%. Há ainda estudos que atestam impactos positivos na frequência escolar — especialmente de meninas —, queda da

IMPACTOS POSITIVOS

5,9 MILHÕES

DE PESSOAS DEIXARAM A SITUAÇÃO DE EXTREMA POBREZA ENTRE 2019 E 2023***

64%

DOS DEPENDENTES, COM IDADES ENTRE 7 E 16 ANOS, QUE ESTAVAM NO BOLSA FAMÍLIA EM 2005 NÃO PRECISAM MAIS DA AJUDA DO PROGRAMA SOCIAL***

Fontes: ** Mapa da Fome – ONU; ** Ministério do Desenvolvimento Social; *** FGV/Ibre*

mortalidade infantil, redução das desigualdades regionais e um efeito multiplicador para o PIB.

O sucesso do modelo de transferência de renda fez dele uma unanimidade política. Iniciada a partir do Bolsa Escola e do Comunidade Solidária, ambos do governo FHC, a destinação de dinheiro para famílias pobres ajudou a construir a imagem de Lula. Como Bolsa Família, deu a ele uma popularidade recorde no Nordeste, historicamente a área mais pobre do país, o que permitiu a ele construir uma fortaleza política na região. Também ajudou a girar a economia do país e fez com que Lula terminasse seus dois primeiros mandatos com quase 90% de aprovação. Sabendo disso, Bolsonaro, que rezava pela cartilha da menor participação do Estado na vida das pessoas, não acabou com o programa — apenas mudou o nome, para não dar tração à marca associada aos governos petistas. Veio a pandemia e Bolsonaro, como não podia deixar de fazer, vitaminou o negócio, que teve um gigantesco salto orçamentário. Em 2020, no auge da crise sanitária, o desembolso foi a 360 bilhões de reais.

Os méritos, no entanto, não podem esconder as graves falhas. Uma auditoria do Tribunal de Contas da União apontou que 4,7 milhões de famílias receberam dinheiro indevidamente do Bolsa Família em 2023 e deram um prejuízo de 34,2 bilhões de reais. Cerca de 40% possuíam renda maior que a declarada no cadastro. “Tinha gente com renda mensal de dez salários mínimos recebendo”, admite

AGÊNCIA BRASIL

NADA MUDOU Guaribas (PI) durante visita de Lula em 2003 e hoje: marco do Fome Zero, o município ainda é um dos mais pobres do país

JOÃO PAULO GUIMARAES

Wellington Dias, ministro do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome em entrevista a VEJA *(leia ao lado).* Enquanto isso, 700 000 famílias estão na fila, à espera de um lugar no programa, mas fica difícil para o governo incluir os novos necessitados, uma vez que tem estourado o teto mensal de gastos de 14 bilhões de reais. Também é preocupante que uma das principais condicionalidades previstas, a da frequência escolar, tenha se transformado em um dos gargalos: um em cada quatro beneficiários em idade escolar não frequenta a sala de aula.

O problema mais grave, no entanto, talvez seja a falta de perspectiva de longo prazo. Um estudo do Instituto de Mobilidade e Desenvolvimento Social (IMDS) concluiu que 20,4% dos dependentes de 7 a 16 anos de idade que estavam no Bolsa Família em 2005 (2,3 milhões de pessoas) ainda estão no programa — ou seja, em vinte anos, não encontraram a chamada porta de saída. “Não tem uma estratégia para que um dia o Brasil não precise mais de Bolsa Família. Impregnou-se no país a ideia de que esse é um programa permanente”, avalia Cristovam Buarque, criador do Bolsa Escola e ex-ministro da Educação no primeiro mandato de Lula. “O que falta é avançar da conjuntura para a estrutura, da solução circunstancial para uma solução estrutural”, acrescenta. Para ele, a solução gira em torno do acesso à educação de qualidade.

Outro ponto importante para abrir a porta de saída é criar um ambiente mais desenvolvido para o país. “É pre-

ROBERTA ALINE/MDS

PLANO O ministro no restaurante popular Herbert de Souza (Betinho), no Rio: busca ativa de necessitados

"SAIREMOS DO MAPA DA FOME EM 2026"

Wellington Dias, titular da pasta de Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, diz que o governo foca em combater fraudes, melhorar o cadastro e identificar pessoas que estão fora do Bolsa Família e que vai erradicar a desnutrição até o fim do atual mandato.

A ONU aponta que no triênio 2021-2023 mais de 8 milhões de pessoas passaram fome no Brasil – 3,9% da população. Como mudar esse quadro? Quando assumimos, a taxa em 2022 era de 4,2%. Em 2023 já tivemos uma queda muito forte, mas ainda temos 8,4 milhões nessa situação. Trabalhamos na busca ativa de necessitados, cruzamos dados com os sistemas de saúde e da rede escolar e criamos a escala brasileira da insegurança alimentar, com dados do IBGE e do Ipea. Com isso, trouxemos para a rede de proteção mais 14 milhões e deveremos fechar o ano com nova queda.

O TCU estima que no ano passado 34 bilhões de reais foram pagos a quem não deveria receber. O que foi fei-

to sobre isso? Identificamos 4,7 milhões de benefícios fraudulentos. Tinha gente com renda mensal de dez salários mínimos. Havia famílias com três benefícios. Investimos na eficiência do cadastro, cruzando dados de emprego e Previdência. Em 2019, o governo Bolsonaro acabou com a rede federal de fiscalização e controle do Bolsa Família. Trouxemos de volta. Firmamos parcerias com CGU, AGU, Ministério da Justiça, Tribunais de Contas e fizemos as mudanças sugeridas pelo TCU. Na atualização do cadastro, os dados são confirmados com visitas presenciais.

Como criar condições para que os beneficiários deixem de precisar do programa? Trabalhamos em parceria com o Sebrae, universidades, institutos federais, estados e municípios para garantir acesso ao emprego. Em 2023, 9 milhões de inscritos no Cadastro Único conseguiram carteira assinada. Nesse período, 1,6 milhão de empregos foram criados, mais de 70% voltado para esse público. Investimos na qualificação levando em conta as demandas do mercado. Em dezembro, tínhamos 23,6 milhões de empreendedores formais e informais. O governo também criou o Acredita, programa que oferece apoio com fundo garantidor e assistência técnica.

Lula diz que o combate à fome é prioridade. Que quadro teremos ao fim da gestão? Em 2023, reduzimos a extrema pobreza a 8,3%, menor patamar desde 1976. Tivemos crescimento de 11,5% da massa salarial. O compromisso de outros países é alcançar em 2030 a meta da ONU de zerar a desnutrição. Lula quer anunciar a saída do Mapa da Fome em 2026.

LUIS ALVARENGA/GETTY IMAGES

SALTO Fila para Auxílio Emergencial na pandemia: expansão recorde dos gastos

ciso ter boas condições macroeconômicas, uma inflação moderada, um governo que seja responsável fiscalmente e que trabalhe muito a geração de empregos através de atração de investimentos", diz Écio Costa, professor de economia da Universidade Federal de Pernambuco. "As políticas públicas precisam ser mais bem trabalhadas e aprimoradas para acelerar esse ritmo de redução da pobreza", completa. Um exemplo de como as condições estruturais influenciam no combate à fome é a inflação. "Desde a pandemia, o preço dos alimentos aumentou bem mais do que a média geral. E isso é um fator importante na questão da fome no país", afirma Daniel Duque, pesquisador da área de economia aplicada da FGV/Ibre.

Os programas de transferência de renda não são uma exclusividade brasileira. Com muitas variações, eles existem até em países desenvolvidos, como França e Canadá. Um exemplo que pode servir ao Brasil é o mexicano, que nasceu como Oportunidades, em 2001, três anos antes do Bolsa Família. A partir de 2014, passou a se chamar Prospera e incluiu o acesso a linhas de microcrédito, a cursos profissionalizantes e a vagas no ensino superior. É a primeira política pública dessa magnitude no mundo — e os números mostram que tem colhido bons frutos. O relatório da ONU diz que no México há 3,9 milhões em situação de fome, ou 3,1% da população, 1 ponto percentual a menos que em 2006. O número ainda é dramático, mas está em queda e é menor que o do Brasil.

Em outros países, se investe muito em programas de renda mínima. Com essa modalidade, é possível garantir que cada cidadão tenha ao menos um piso de renda digno, que permita a ele não enfrentar situações de fome. A Finlândia, paradigma em índices de desenvolvimento humano, experimentou um programa de renda básica de 2017 a 2019, pagando 560 euros a 2 000 desempregados. Ao final da experiência, boa parte permaneceu desempregada e relatou mais benefícios à saúde física e mental do que à vida financeira. O salário médio lá é de 3 500 euros. “Esses países têm um custo de vida muito elevado, então, mesmo que as pessoas tenham renda alta, isso não significa qualidade de vida”, explica Leandro Ferreira, presidente da Rede Brasileira de Renda Básica.

A dificuldade brasileira para acabar com a fome não tem a ver com dinheiro. Os países ricos destinam em média 1,5% do PIB para programas sociais, bem mais que os 0,5% reservado ao Bolsa Família. Mas o Brasil tem uma miríade de programas sociais, como o Benefício de Prestação Continuada, que destinará 111 bilhões de reais neste ano a idosos com renda de até um quarto do salário mínimo e a pessoas com deficiência que não têm Previdência, além do Seguro Defeso para pescadores e do Auxílio Gás, entre outros. "Quando se somam todos esses apoios, temos uma rede que soma 350 bilhões de reais por ano. É uma rede robusta", afirma Wellington Dias. Essa estrutura toda, além de outros investimentos sociais, elevam os gastos totais a 2% do PIB.

O governo diz estar atento à necessidade de criar condições para que as pessoas saiam da situação de emergência e possam deixar a rede de socorro do Bolsa Família. Welling-

SINAIS DE ALERTA

Gigantismo do programa expõe a necessidade de ajustes

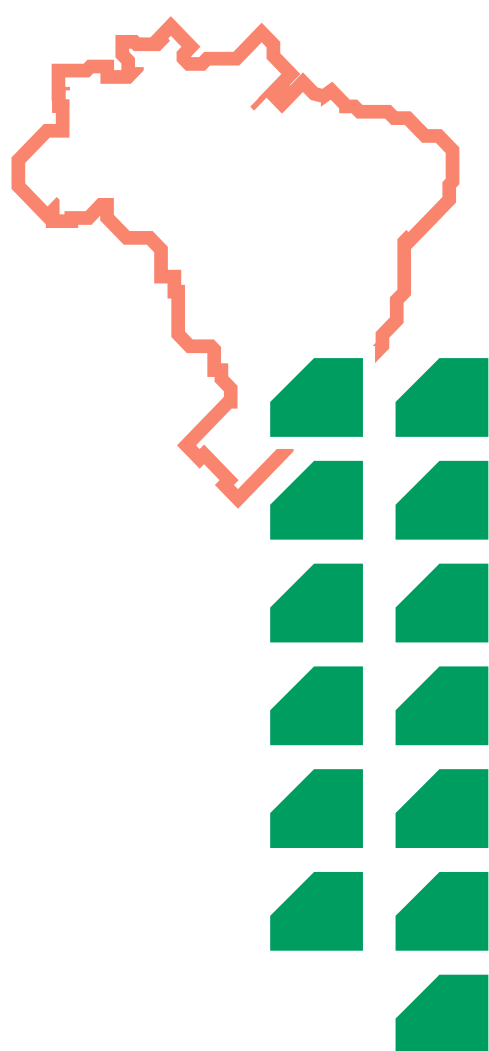
34,2 BILHÕES

DE REAIS É O PREJUÍZO ESTIMADO COM ESSES PAGAMENTOS*

40,3%

DOS BENEFICIÁRIOS TINHAM RENDA SUPERIOR À DECLARADA NO CADASTRO ÚNICO*

33,4%

DAS FAMÍLIAS TINHAM COMPOSIÇÃO DIFERENTE DA INFORMADA*

13 DOS 27 ESTADOS

TÊM MAIS BENEFICIÁRIOS DO BOLSA FAMÍLIA DO QUE TRABALHADORES COM CARTEIRA ASSINADA — O QUE É UM INDICATIVO DE ESTÍMULO INVOLUNTÁRIO DO PROGRAMA À INFORMALIDADE**

Fontes: ** Relatório de auditoria do TCU — dezembro de 2023; ** Ministério do Trabalho e Emprego e Ministério do Desenvolvimento Social*

DIVULGAÇÃO

MODELO Beneficiários do Prospera, no México: profissionalização, acesso ao ensino superior e microcrédito

ton Dias cita programas que a gestão recuperou ou criou e que funcionam no mesmo universo de promoção humana, como Farmácia Popular, Minha Casa, Minha Vida, Pé de Meia e ações de requalificação profissional e de aquisição de alimentos de pequenos produtores. “Não chamamos de ‘porta de saída’, mas de inclusão socioeconômica”, diz. A gestão voltou também a priorizar o combate à miséria ao lançar a iniciativa Brasil sem Fome, cujo nome remete ao Fome Zero, para articular mais de oitenta programas e ações intersetoriais em 24 ministérios, que teriam sido desvirtuados, esvaziados ou interrompidos em gestões anteriores. A ideia é aproveitar a barafunda de ações sociais para, de forma integrada, atingir o objetivo anunciado no já longínquo 2003, quando Lula lançou o Fome Zero em Guaribas (PI) — vinte anos depois, a cidade continua sendo uma das mais pobres do país. Tanto tempo e tanto dinheiro depois, é inadmissível que ainda haja no Brasil cidadãos que não têm o que comer. ■

TEMPORADA ELETRIZANTE

Os múltiplos interesses em torno dos pleitos municipais reúnem todos os ingredientes para fazer dessas disputas as mais emocionantes e inflamadas das últimas décadas **DANIEL PEREIRA**

RICARDO STUCKERT/PR

FUTURO Boulos e Lula: vitória em São Paulo é considerada estratégica para os planos reeleitorais do presidente

EM REGRA, a eleição municipal não tem relação direta com as eleições gerais. O mau resultado numa não significa necessariamente fracasso na outra. O PT é um exemplo disso. Em 2020, pela primeira vez desde a redemocratização, o partido não venceu em nenhuma capital e conquistou apenas 182 prefeituras, o seu pior desempenho. Em 2022, no entanto, ganhou a Presidência da República pela quinta vez. Apesar dessa lógica de descasamento entre as duas votações, a campanha municipal deste ano terá ares de competição nacional diante dos múltiplos interesses pessoais e partidários em jogo. Os dois principais líderes políticos do país querem transformar a disputa nas maiores cidades numa prévia da corrida ao Palácio do Planalto em 2026. Já partidos de centro lutam para ganhar musculatura Brasil afora e, assim, mais protagonismo no plano federal, a ponto de, quem sabe, apresentarem uma alternativa competitiva daqui a dois anos. Incendiada pela polarização, a eleição de 2024 ainda é considerada estratégica para a formação do futuro Congresso e pode influenciar até uma eventual reforma ministerial, que é cogitada desde o ano passado, mas ainda não foi realizada.

Em 6 de outubro, data do primeiro turno, 156 milhões de eleitores escolherão cerca de 5 570 prefeitos e 60 000 vereadores. Na maior parte dos casos, votarão levando em consideração questões locais, como a qualidade da merenda escolar e dos serviços prestados nos postos de saúde. Mesmo assim, o resultado de suas escolhas terá im-

RAFAELA ARAÚJO/FOLHAPRESS

INFLUÊNCIA Bolsonaro e Nunes: inelegível, o ex-presidente quer mostrar que ainda tem liderança e força política

pacto em engrenagens que alimentam planos, sonhos e ambições de alguns dos principais atores políticos do país. Lula e Bolsonaro entraram firmes nas campanhas em determinadas capitais. Ambos alegam que quem sair vitorioso em São Paulo e no Rio de Janeiro, por exemplo, largará com certa vantagem na sucessão presidencial de 2026. Há ainda um ingrediente de cunho pessoal nesse embate: um quer mostrar que tem mais capacidade do que o outro de transferir votos.

A capital paulista se tornou a arena preferencial da "nacionalização" da campanha deste ano. Na maior cidade do país, Lula está apoiando para prefeito o deputado federal Guilherme Boulos (PSOL), cuja vitória, segundo o petista, tornará mais remota a possibilidade de os "fascistas" voltarem ao poder. O presidente, ao que parece, só lida bem com autocratas de esquerda *(leia a matéria "Bomba-relógio").* Já Jair Bolsonaro indicou o ex-coronel da Polícia Militar Ricardo Mello Araújo, de seu partido, o PL, para vice na chapa à reeleição do prefeito Ricardo Nunes (MDB), que sonha com os votos dos apoiadores do ex-presidente, mas faz o que pode para se distanciar da pecha de bolsonarista. Por enquanto, a disputa se anuncia acirrada. Segundo pesquisa Genial/Quaest divulgada na última terça-feira, 30 de julho, há um triplo empate em intenções de voto para a prefeitura de São Paulo: Nunes tem 20%, enquanto Boulos e José Luiz Datena (PSDB) marcam 19%. O apresentador convertido em tucano pode, portanto, romper a polarização *(veja a reportagem "Cidade em alerta").* Espaço para isso existe, já que, de acordo com o mesmo levantamento, 51% dos entrevistados gostariam que o próximo prefeito fosse independente — ou seja, não fosse aliado nem de Lula nem de Bolsonaro.

O presidente e o antecessor são grandes cabos eleitorais, mas, como ocorreu em 2022, também enfrentam altas taxas de rejeição. Do total de consultados no município de São Paulo, 66% disseram que não votariam num candi-

JONAS PEREIRA/AGÊNCIA SENADO

NAS BASES Congresso: rincões garantem eleição de deputados e senadores e fortalecem partidos

dato desconhecido indicado pelo petista, e 75% afirmaram o mesmo sobre um concorrente apadrinhado por Bolsonaro. Empenhados em estimular a polarização, os dois rivais têm metas distintas para a eleição municipal, tirando, é claro, o sonho de conquistar o maior número de prefeituras. Lula determinou ao PT que abrisse mão de candidaturas na atual campanha em benefício de aliados, na esperança de que esses, em 2026, retribuam o favor e apoiem a sua reeleição. Os petistas não disputarão as prefeituras, por

exemplo, de São Paulo, Rio, Salvador e Recife. Já Bolsonaro, que está inelegível até 2030, mergulhou de cabeça nas articulações municipais por medo de ver desidratada sua liderança no campo da direita, de ser considerado página virada e substituído por outro nome desde já.

Essa preocupação foi externada por seus próprios filhos, que reclamaram de aliados que estariam ensaiando voos solos. "Por onde anda a 'união da direita' quando o presidente Bolsonaro traz todos os dias fatos sobre o momento político atual? Respondo: tentando destruir o mesmo Bolsonaro", escreveu o vereador Carlos Bolsonaro numa rede social. "Estão brincando, fingindo-se de cegos, surdos e mudos, para então se tornarem a 'direita permitida' do sistema", acrescentou. Por enquanto, o ex-presidente não quer abrir espaço para um sucessor e trabalha para recuperar seus direitos políticos na Justiça ou no Congresso. Apesar disso, há pressão para fazer a fila andar, inclusive de empresários e banqueiros. Hoje, são cotados como presidenciáveis no campo da direita, entre outros, os governadores de São Paulo (Tarcísio de Freitas), de Goiás (Ronaldo Caiado), do Paraná (Ratinho Junior) e de Minas Gerais (Romeu Zema). Filiado ao Republicanos, Freitas recebeu convite para migrar para o PL, que, se Bolsonaro deixar, o lançaria à Presidência de bom grado. Até aqui, o governador afirma que não trocará de legenda nem pretende concorrer ao Planalto. Nos bastidores, no entanto, são dados como quase certos os dois movimentos.

CELIO MESSIAS/GOVERNO DO ESTADO DE SP

LUIZ RODRIGUES/ATO PRESS/FOLHAPRESS

CARLOS ELIAS JUNIOR/FOTOARENA

PRESIDENCIÁVEIS
Tarcísio, Caiado e Ratinho: resultados podem pavimentar candidatura dos governadores ao Planalto

No caso de outros presidenciáveis, os obstáculos parecem um pouco maiores. Caiado e Ratinho Junior são filiados, respectivamente, ao União Brasil e ao PSD, siglas que têm como prioridade não a conquista do governo federal, mas a ampliação de suas forças na Câmara dos Deputados, já que é o tamanho da bancada que garante poder de barganha, cargos de primeiro escalão e nacos bilionários do Orçamento. Apesar de considerados independentes, União Brasil e PSD controlam três ministérios cada um e detêm, respectivamente, a terceira e a quarta maiores fatias do fundo eleitoral: 536 milhões de reais e 420 milhões de reais. Uma etapa crucial para a formação das bancadas de deputados federais é justamente a eleição municipal, já que prefeitos e vereadores fazem o trabalho de cabo eleitoral dos parlamentares no dia a

dia. Na prática, são os grandes puxadores de votos nos rincões do país. Por isso, eleger aliados em 2024 pode facilitar a vitória na eleição para o Congresso em 2026.

Dependendo do sucesso nas urnas em outubro, os partidos podem cogitar até uma candidatura presidencial. Em 2020, o MDB elegeu o maior número de prefeitos e, dois anos depois, lançou na corrida presidencial a então senadora Simone Tebet, hoje ministra do Planejamento, que terminou na terceira colocação. Outros frutos podem ser colhidos no curto prazo. Na Praça dos Três Poderes, diz-se que, após a campanha municipal, Lula pode finalmente realizar uma reforma ministerial, reorganizando o time para a segunda metade do mandato. Se isso ocorrer, os partidos mais fortes — tanto no Congresso como nos municípios — tendem a ser priorizados na redistribuição das pastas. Os interesses relacionados às urnas são diversos e interligados. "Quando se fala em 2026, temos que passar por 2024", declarou Bolsonaro num ato de campanha com seu candidato a prefeito do Rio, o deputado Alexandre Ramagem (PL). O tempo dirá qual peso a eleição municipal, uma das mais inflamadas dos últimos tempos, terá na Esplanada dos Ministérios, na eleição do futuro Congresso e na disputa pelo Planalto. Os cerca de 9 000 eleitores de Uiramutã (RR), o município mais ao norte do Brasil, podem até não saber, mas, ao votarem em outubro, ajudarão a mexer peças poderosas no xadrez jogado em Brasília, a mais de 2 600 quilômetros de distância. ■

MURILLO DE ARAGÃO

LIÇÕES VENEZUELANAS

O fracasso das elites comprometeu o país e as instituições

A DEMOCRACIA, enquanto sistema político, depende da participação equitativa e representativa de todos os segmentos da sociedade. No entanto, em muitos contextos, as elites — que reúnem aqueles que detêm poder econômico, social e político — têm desempenhado um papel significativo no fracasso das democracias. Uma das principais formas é através da concentração de riqueza e recursos. Quando uma pequena elite controla a maior parte dos recursos econômicos, ela adquire a capacidade de influenciar políticas públicas e processos eleitorais a seu favor, marginalizando a maioria da população. Esse fenômeno ocorre quando são priorizados os próprios interesses em detrimento do bem comum, subvertendo os princípios e as práticas democráticas, e contribuindo para a erosão das instituições.

A Venezuela é um exemplo claro do fracasso decorrente da atitude das elites. Nos anos 50, o país era um dos mais ricos do mundo. Deixou de ser pela soma inacreditá-

vel de erros cometidos por seus governantes. O fracasso em estabilizar a economia da Venezuela resultou na eleição de Hugo Chávez em 1998. Rafael Caldera, presidente que antecedeu Chávez, não conseguiu resolver os grandes problemas: as consequências da queda nos preços do petróleo, a recessão, a inflação elevada e uma enorme crise bancária. Explorando o descontentamento popular, Chávez foi eleito prometendo desafiar as elites e restabelecer a justiça no país.

A chamada revolução bolivariana alcançou alguns resultados positivos em seu início, com uma redução drástica da pobreza. Os bons resultados, porém, não duraram muito. Não à toa, cerca de 8 milhões de venezuelanos deixaram o país em busca de melhores condições de vida. A Venezuela chavista se transformou em um país de escassez e de filas. E o regime se tornou tão ou mais corrupto e

“O país era um dos mais ricos do mundo. Deixou de ser pela soma inacreditável de erros de seus governantes”

opressivo que os anteriores. O prenúncio do crescimento da oposição ao chavismo já se apresentava em 2023, de forma suave, no sucesso retumbante da canção *Caracas en el 2000,* um hit nostálgico que diz: “O que eu daria por uma coisa assim / você e eu em Caracas como nos anos 2000 / o que eu daria por uma coisa assim (uma coisa assim) / raspadinha de cola e o dólar a mil”.

Qual é a lição da Venezuela para o Brasil? O fracasso das elites abriu caminho para a tragédia venezuelana. Vale esclarecer que as elites incluem não apenas os ricos e abastados — temos também as elites intelectuais, acadêmicas, sindicais, entre outras. Os membros das elites detêm recursos significativos, em termos de riqueza, de autoridade política, de influência social e cultural, e desempenham um papel crucial na formação das políticas, na orientação das práticas culturais e na definição das normas sociais.

A qualidade das elites se reflete no desempenho econômico e social de um país. No Brasil, essa realidade não é diferente. Embora não sejamos piores no que tange à qualidade de nossas elites e instituições, estamos longe de desenvolver nosso potencial pleno devido ao egoísmo e à falta de compromisso de setores privilegiados. Venezuela e Argentina foram destruídas por uma sucessão de governos economicamente incompetentes, capturados por corporações e instituições extrativistas. Não podemos deixar que isso aconteça no Brasil. ■

CIDADE EM ALERTA

Aposta de risco do PSDB para tentar retomar o protagonismo em seu berço político, candidatura de Datena em São Paulo embola disputa pela prefeitura da metrópole **LAÍSA DALL'AGNOL**

FELIPE IRUATÃ/FOLHAPRESS

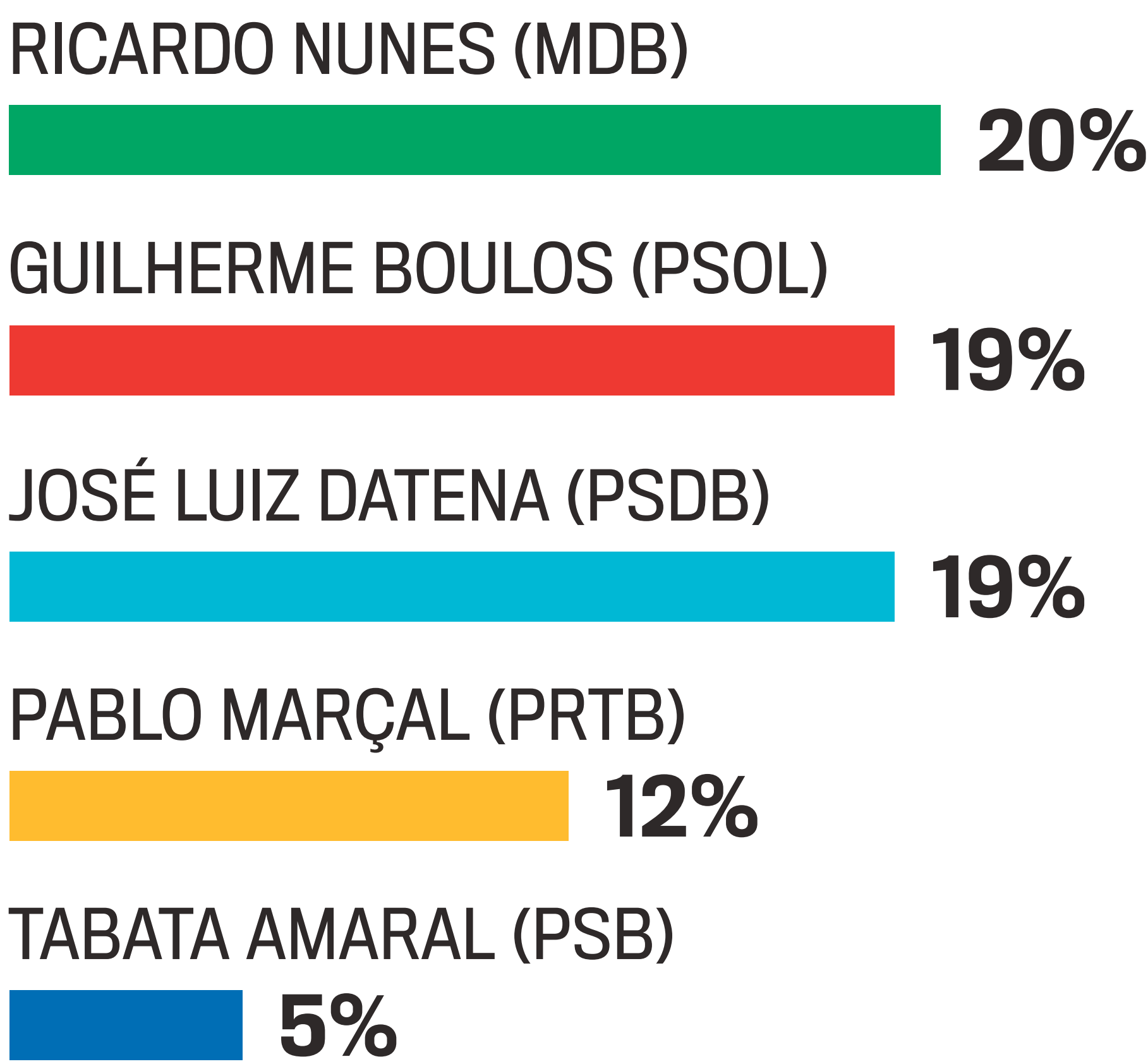
TUMULTO O apresentador na convenção do partido: xingado pelos dissidentes

TENDO COMO BERÇO a cidade de São Paulo, o PSDB surgiu na cena política com grandes ambições e alçou voo pilotado por uma nata de lideranças intelectuais que formaram o partido a partir de uma costela do antigo PMDB, como o sociólogo, e então futuro presidente, Fernando Henrique Cardoso. Depois de comandar o país por dois mandatos e o estado mais poderoso do país por 28 anos, derrotas sucessivas iniciaram a fase de declínio acelerado. Cada vez mais fraco em sua própria casa, tenta agora retomar o protagonismo na capital paulista com o popular apresentador televisivo José Luiz Datena, um *outsider* que é um estranho no ninho da legenda e tem um perfil muito distinto do DNA aristocrático da sigla. No final do mês passado, a candidatura dele foi oficializada na convenção na qual a ala de correligionários contrária à decisão recebeu Datena com xingamentos, em verdadeiro clima de briga de rua.

Foi uma decisão partidária de cima para baixo. Apesar do temperamento explosivo e inconstante do apresentador, a cúpula tucana bancou a aposta de risco, baseada nas grandes chances de êxito do jornalista graças à fama da TV. Nos últimos anos, Datena conquistou boa audiência no ar com programas de apelo policialesco, muitas vezes esbarrando no sensacionalismo, a exemplo do antigo *Cidade Alerta*. Sem nunca ter se candidatado a cargos públicos, já transitou por um total de onze partidos: do PT — sigla à qual foi filiado por 23 anos — ao, agora, PSDB, passando pelo extinto PSL de Jair Bolsonaro e pelo PSC, le-

genda na qual ensaiou uma candidatura ao Senado em 2022. O apresentador, aliás, notabilizou-se por prometer entrar como cabeça de chapa em várias outras campanhas, mas sempre desistindo, de forma espalhafatosa, com acusações de traição aos políticos. Em 2020, não embarcou no posto de vice de Bruno Covas. Depois disso, anunciou que cogitaria concorrer ao Palácio do Planalto no pleito seguinte.

LARGADA DE IMPACTO

Primeira pesquisa após convenção do PSDB mostra Datena empatado na ponta pela prefeitura de São Paulo

Num primeiro momento, a despeito da briga na convenção e do esforço dos tucanos dissidentes para tirá-lo do páreo, a aposta em Datena parece promissora. Em pesquisa divulgada pela Quaest na última terça, 30, o apresentador aparece com 19%, numericamente empatado com o deputado federal Guilherme Boulos, do PSOL, e apenas um ponto abaixo de Ricardo Nunes, o prefeito do MDB, que tenta a reeleição. Como a margem de erro da sondagem é de 3 pontos, os três estariam tecnicamente empatados neste momento. Assim como em seu dia a dia na TV, Datena tem centrado o discurso na segurança pública — embora essa não seja

KIM KATAGUIRI (UNIÃO BRASIL)
3%

MARINA HELENA (NOVO)
3%

OUTROS
2%

INDECISOS
8%

BRANCOS, NULOS OU NÃO VÃO VOTAR
9%

Fonte: *Pesquisa Genial/Quaest feita entre 25 e 28 de julho com 1002 eleitores. A margem de erro é de 3 pontos percentuais*

exatamente uma atribuição do prefeito. Defende, por exemplo, que se "aparelhe com equipamentos e armas" a Guarda Civil Metropolitana, com aumento salarial e de efetivo. Também prega uma atuação coordenada na cracolândia, com integração entre os poderes do Executivo estadual e municipal e o Judiciário. Em declarações recentes, afirmou ainda que irá se preocupar com saúde, trabalho e limpeza.

Na maior parte das vezes, suas críticas mais pesadas são disparadas na direção de Nunes, classificado pelo apresentador como o "pior prefeito da história de São Paulo". Isso não significa que a metralhadora do apresentador vai ser direcionada apenas ao prefeito. Ao comentar por meio de uma

PSDB/DVULGAÇÃO

NINHO Aécio, Datena, Perillo e Aníbal: aposta na popularidade do homem da TV

nota à imprensa o resultado da pesquisa Quaest, bateu nos dois rivais: chamou Boulos e Nunes de “marionetes” de Lula e Bolsonaro, em referência aos respectivos e maiores cabos eleitorais desses dois políticos.

Por essas e outras, o comportamento imprevisível do jornalista não deixa apenas os fiadores da candidatura no PSDB segurando o fôlego, pois vira e mexe Datena declara que pode abandonar tudo se sentir algum cheiro de traição. O impacto eleitoral de sua entrada no páreo não preocupa apenas Nunes, dentro da avaliação de que o discurso do apresentador pode dividir ainda mais os votos do centro e da direita, podendo até mesmo tirar o prefeito do segundo turno. Uma outra candidatura, a do coach Pablo Marçal, que se vende como o verdadeiro nome do bolsonarismo, já vem provocando esse efeito de desagregação à direita. Na Quaest, ele aparece com 12%. Mas até Boulos, favorecido pela entrada de um concorrente que pode tirar do segundo turno o atual prefeito, tem com que se preocupar. Ironicamente, apesar do discurso de esquerda voltado para os mais humildes, o psolista tem mais intenções de votos entre os mais ricos, até o momento. Melhorar esse quadro é essencial para a pretensão dele de vitória. Segundo a Quaest, no entanto, Datena é o que se sai melhor hoje entre os eleitores paulistanos com renda de até dois salários mínimos: tem nessa faixa 28%, contra 21% de Nunes e 13% de Boulos.

O apresentador entrou na corrida bancado pelos caciques que hoje dominam o PSDB: o deputado federal Aécio Neves, o governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, e o presi-

INSTAGRAM @PREFEITORICARDONUNES

ADVERSÁRIO Nunes: atual prefeito é principal alvo da campanha tucana

dente Marconi Perillo. José Aníbal, candidato a vice na chapa de Datena, também compõe o grupo: é ele o responsável por ajudar a articular o plano de governo que está sendo elaborado, além de inserir o colega nos círculos da política. “Essa candidatura do PSDB é um esforço de construir uma alternativa que não seja nem Lula, nem Bolsonaro. Porque não nos identificamos nem com um e nem com o outro, assim como 40% da população brasileira”, diz Aécio Neves, assinalando para uma estratégia que já vem sendo empunhada pela campanha de Datena. Dentro desse mesmo raciocínio, o deputado federal prevê que Datena irá roubar votos tanto de Nunes quanto de Boulos. “Ele é um candidato independente, que vai chegar ao segundo turno trabalhando essa margem de eleitores que não quer mais a polarização”, afirma Perillo, pregando uma espécie de versão municipal da chamada terceira via.

CÉLIO AZEVEDO/SENADO FEDERAL

ORIGEM FHC, Covas e Afonso Arinos, em 1988: aposta na social-democracia inspirada na Europa

Mesmo antes das brigas na convenção, a entrada de Datena na sigla já havia deflagrado uma crise interna na ala paulistana do partido. Quando ainda se falava da filiação, a insistência em uma candidatura própria tucana, ao invés do apoio a Nunes, foi considerada o estopim para a debandada dos vereadores do PSDB na capital paulista — a sigla, que tinha a maior bancada, ao lado do PT, ficou sem nenhum representante na Câmara Municipal após a janela partidária deste ano. Interferências do diretório nacional na direção local também desagradaram correligionários — os mesmos que se digladiaram com Datena na convenção. A filiação do jornalista motivou até a saída do ex-ministro e tucano histórico Aloysio Nunes, após 27 anos na legenda. Ele classificou a movimentação como "manobra política oportunista". "O Datena é uma celebridade televisiva. Quer candidatura própria? Precisa ser alguém com a míni-

GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS

MUDANÇA Com Bolsonaro em 2022: ele agora quer distância do capitão

ma vinculação com a política", declarou em entrevista à GloboNews. Parte dos especialistas concorda com essa visão. "O PSDB hoje é um agrupamento de políticos fazendo de tudo para se manter", avalia Carlos Ranulfo Melo, doutor em ciência política.

O jornalista licenciou-se da Band no final de junho, emissora pela qual apresentava o *Brasil Urgente*. Recentemente, por culpa de Datena, a empresa foi condenada a pagar uma multa de 4,7 milhões de reais a uma companhia aérea. O motivo: em 2009, ele teve problemas com um voo e descascou a empresa ao vivo. Na decisão, o juiz destacou o "destempero" e a "truculência" do jornalista. O comportamento mercurial será agora submetido à prova de fogo de uma campanha que promete ser duríssima. Dentro e fora do ar, Datena é sempre expectativa de grandes emoções. ■

RICARDO RANGEL

LULA E A ENRASCADA NA VENEZUELA

Ficar ao lado de Maduro aumenta a chance de perder em 2026

LULA está em uma enrascada. Se apoiar Nicolás Maduro, se desgasta com democratas e se põe a favor do golpismo do qual foi vítima; se denunciar o ditador, trai a causa do "Sul global", se desgasta com o PT raiz e perde a chance de negociar uma solução pacífica para a Venezuela.

Registre-se que quem criou a enrascada foi, em grande medida, o próprio Lula. Em mandatos passados, apoiou Hugo Chávez (inclusive com dinheiro do BNDES e do petrolão) enquanto ele desmontava a democracia venezuelana — usando o mesmo método de populistas como Bolsonaro, Trump, Orbán e outros. Neste mandato, deu tratamento preferencial a Maduro, preterindo outros chefes de Estado, ignorou muitas denúncias de fraudes eleitorais e desrespeito aos direitos humanos e afirmou que a Venezuela teria "excesso de democracia".

Foi fiador do Acordo de Barbados, que regula o atual processo eleitoral venezuelano, mas calou quando Maduro inviabilizou candidaturas oposicionistas, impediu vene-

zuelanos no exterior de votar, proibiu que a oposição usasse carros de som, manipulou recursos oficiais, constrangeu funcionários públicos etc. E zombou de uma candidata de oposição, que não deveria "ficar chorando" por ser impedida de concorrer.

Com essa atitude, Lula mostrou-se um mero vassalo de Maduro. Não surpreende que, ao dizer-se "assustado" com a ameaça de "banho de sangue" do ditador, Maduro o tenha mandado tomar "chá de camomila" e mentido que as eleições brasileiras não são auditadas (mesmo argumento de Bolsonaro).

Agora, com a fraude escancarada e a Venezuela em convulsão, não é hora de brigar com Maduro. A única solução pacífica possível é um acordo em que o ditador entregue o poder em troca de imunidade (e do produto do roubo dos últimos vinte anos) — fora disso, é o prometido banho de sangue. Ainda que com firmeza, é preciso cautela.

"A única solução pacífica possível é um acordo em que o ditador entregue o poder em troca de imunidade"

O governo está sendo cauteloso e firme: exige os boletins e só — espera-se que, nos bastidores, esteja tentando fazer ver a Maduro que, insistindo em ficar, o ditador pode acabar (como acabaram outros que não souberam a hora de ir embora) no paredão.

Falta cautela, porém, ao chefe do governo e a seu partido. O PT saudou a vitória e a jornada "pacífica, democrática" no mesmo dia em que pulularam denúncias de fraude e pessoas começaram a morrer. Lula afirmou que considera tudo "normal", que vai reconhecer a vitória quando (e não se) os boletins aparecerem e que, se a oposição não concordar, que recorra à Justiça, como se isso fosse possível.

Lula e seu partido sinalizam que o Brasil aceitará boletins adulterados e que, se eles não aparecerem, vão acabar reconhecendo a vitória do ditador assim mesmo. Em vez de empurrarem Maduro para a saída pacífica, o empurram para se manter no cargo.

Sem falar da questão eleitoral. Lula ficou do lado de Putin contra a Ucrânia, de Xi Jinping contra o Ocidente, do Hamas contra os judeus, perdendo votos de muitos dos não petistas que lhe deram a vitória em 2022. Ficar com Maduro contra o povo venezuelano aumenta a chance de perder em 2026.

Hora de ser mais firme, presidente. ■

A EMPRESA DO JAIR

Ex-presidente é um dos sócios de uma nova companhia criada para pesquisar, explorar e vender produtos feitos à base de grafeno, como armas e coletes à prova de bala **HUGO MARQUES**

INVESTIMENTO Bolsonaro: é antigo o grande interesse dele pelo material que promete revolucionar a indústria

EM ABRIL, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) esteve na Universidade de Caxias do Sul. Não foi uma incursão exclusivamente política. Lá, ele visitou a sede da empresa UCSGraphene, que construiu a primeira planta de produção de grafeno da América Latina. Ali, inspecionou as instalações e conheceu os processos de fabricação. No final, o filho do ex-presidente foi convidado pelo reitor para participar de um evento no fim do ano que vai discutir, entre outras coisas, as propriedades e aplicações do material obtido a partir do grafite, que promete revolucionar determinados setores da indústria. “O convite está aceito, sou o maior entusiasta, faço questão de ser um padrinho dessa pauta”, respondeu o senador.

Não foram palavras meramente protocolares. Dois meses depois, Flávio criou a Bravo, empresa que se propõe a pesquisar, explorar e vender produtos à base de grafeno. Além do senador, figuram como sócios do empreendimento Jair Bolsonaro, um assessor de gabinete do parlamentar e dois empresários — um de Brasília e outro do Rio Grande do Sul. A firma tem sede num coworking a 25 quilômetros do centro de Brasília, um capital social de apenas 100 000 reais e pretende comercializar capacetes, acessórios para motocicletas e armas feitas com grafeno. O material é trezentas vezes mais forte do que o aço, mais duro do que o diamante e também resistente, leve e flexível. Por isso, pesquisadores preveem que, em breve, será usado como matéria-prima pela indústria aeronáutica, bélica e na fabricação, por exemplo, de baterias e automóveis. Bolsonaro, enquanto presidente, incentivou

SEDE Escritório da companhia criada em junho: endereço fica num coworking a 25 quilômetros do centro de Brasília

pesquisas sobre o uso do grafeno, que ele definiu como o "ouro do futuro".

Pouco se sabe, porém, sobre o novo empreendimento do ex-presidente e do filho, além do fato de a Bravo já ter encaminhado uma parceria com a UCS Graphene, a empresa da Universidade de Caxias do Sul. O reitor Gelson Rech confirma que as tratativas estão avançadas, mas ressalta que não pode revelar detalhes. "Temos um acordo em andamento, um contrato privado, que não podemos divulgar, não só por segredo industrial, mas por respeito às regras dos negócios", justifica. Em linhas gerais, ele explica como funciona esse tipo de parceria. "Não produzimos equipamentos, mas fazemos o grafeno e desenvolvemos a pesquisa de aplicação. Se a empresa quiser usar o material numa peça automotiva, por exemplo, fazemos a análise da composição adequada, do índice e da quantidade de material necessário", diz o reitor.

Procurado por VEJA, Jair Bolsonaro não respondeu aos questionamentos. O mesmo ocorreu com o Zero Um e os de-

PARCERIA Flávio: contatos com a Universidade de Caxias do Sul

ANDRÉ BORGES/EFE

mais parceiros deles no negócio. Nos registros de criação da Bravo Grafeno consta como sócio administrador o empresário brasiliense Pedro Luiz Dias Leite, ex-proprietário de uma agência de automóveis que encerrou as atividades há seis anos. Ex-candidato a deputado distrital, hoje figura como dono de duas companhias da área de tecnologia da informação. O outro empresário, Maichel Chisté, se apresenta como um profissional experiente em gestão e processos de produção. Em sua ficha há uma acusação de disparo de arma de fogo. Em 2014, ele foi denunciado pelo MP por praticar tiro em sua propriedade no interior do Rio Grande do Sul. Não foi condenado, mas teve o revólver apreendido pela polícia.

O quinto e último sócio da Bravo Grafeno é funcionário do gabinete do senador Flávio Bolsonaro. Fernando Nascimento Pessoa é um antigo assessor da família. Em 2009, ele assumiu a função de secretário parlamentar do então deputado Jair Bolsonaro na Câmara. Cinco anos depois, foi no-

MATÉRIA-PRIMA
Mina de grafite: segunda maior reserva do mundo está no Brasil

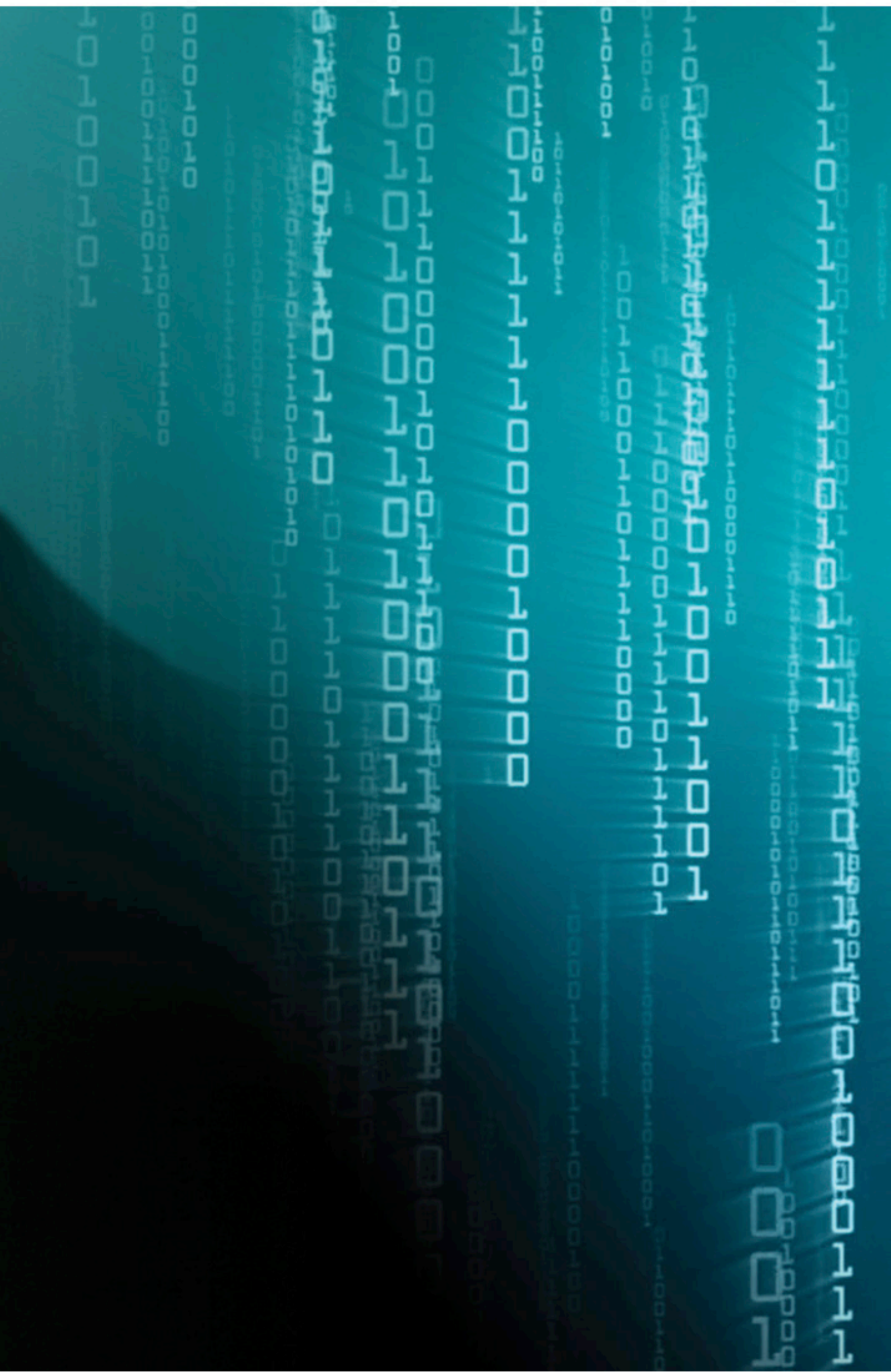
CHRISTINNE MUSCHI/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

meado para a mesma função no gabinete do então recém-eleito deputado estadual Flávio Bolsonaro, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Uma de suas tarefas era cuidar das redes sociais do parlamentar. O servidor chegou a ser investigado pelo Ministério Público. A exemplo de outros empregados do gabinete do filho mais velho do ex-presidente, na época ele costumava sacar seu salário na boca do caixa. Para os procuradores do MP, esse procedimento incomum tinha o objetivo de ocultar que parte dos vencimentos era devolvida ao parlamentar, a célebre rachadinha. Desde 2019 encontra-se lotado no gabinete do hoje senador. Procurado por VEJA, também não quis conceder entrevistas. Como se vê, além da fé no grafeno, o maior ponto em comum entre os sócios da Bravo consiste em levar ao pé da letra o provérbio de que o segredo é a alma do negócio. ■

VIA ABERTA
Estado na mira: "incidente grave" afetou Coaf, Casa da Moeda e ministérios

SEGURANÇA EM RISCO

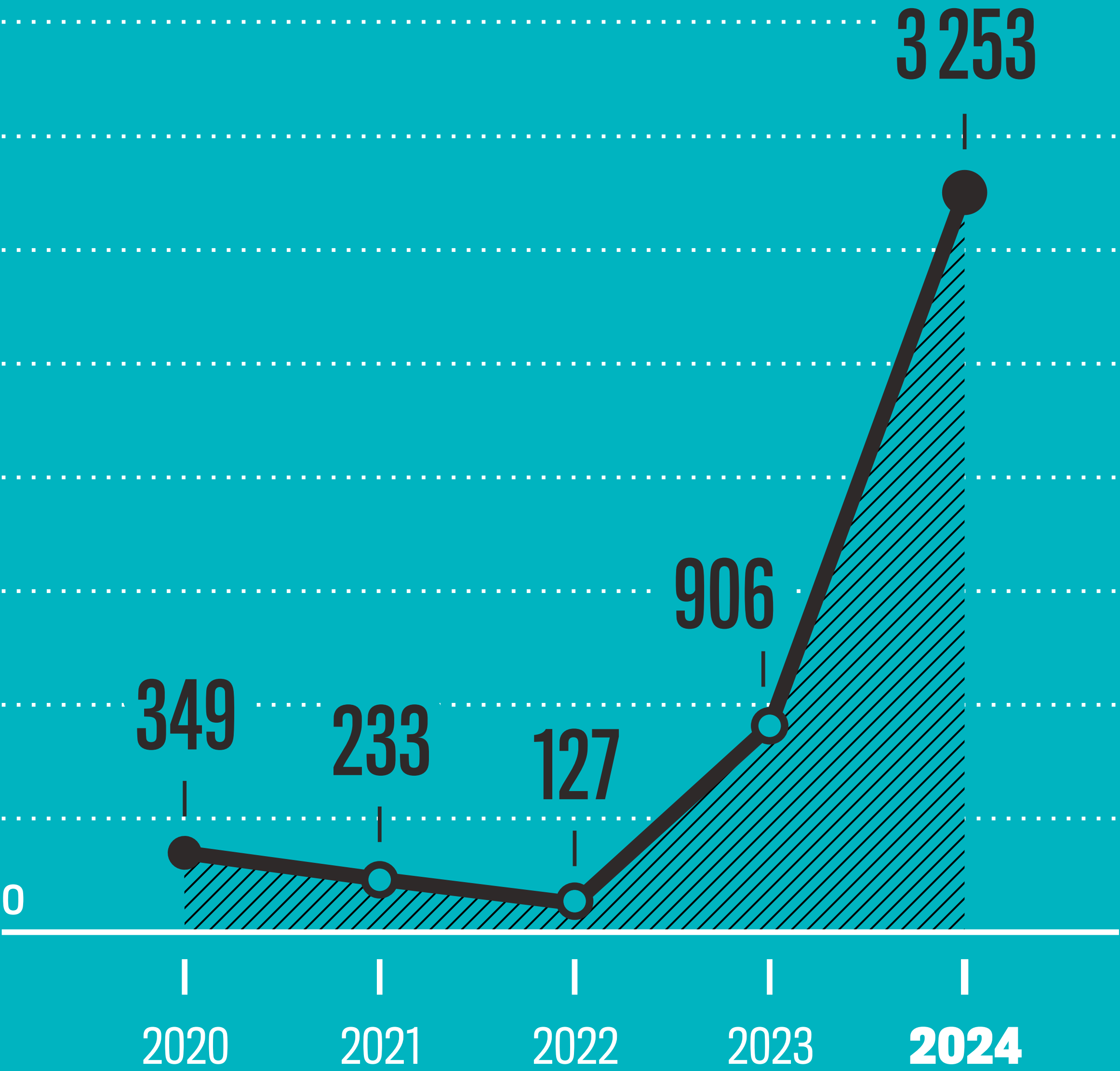
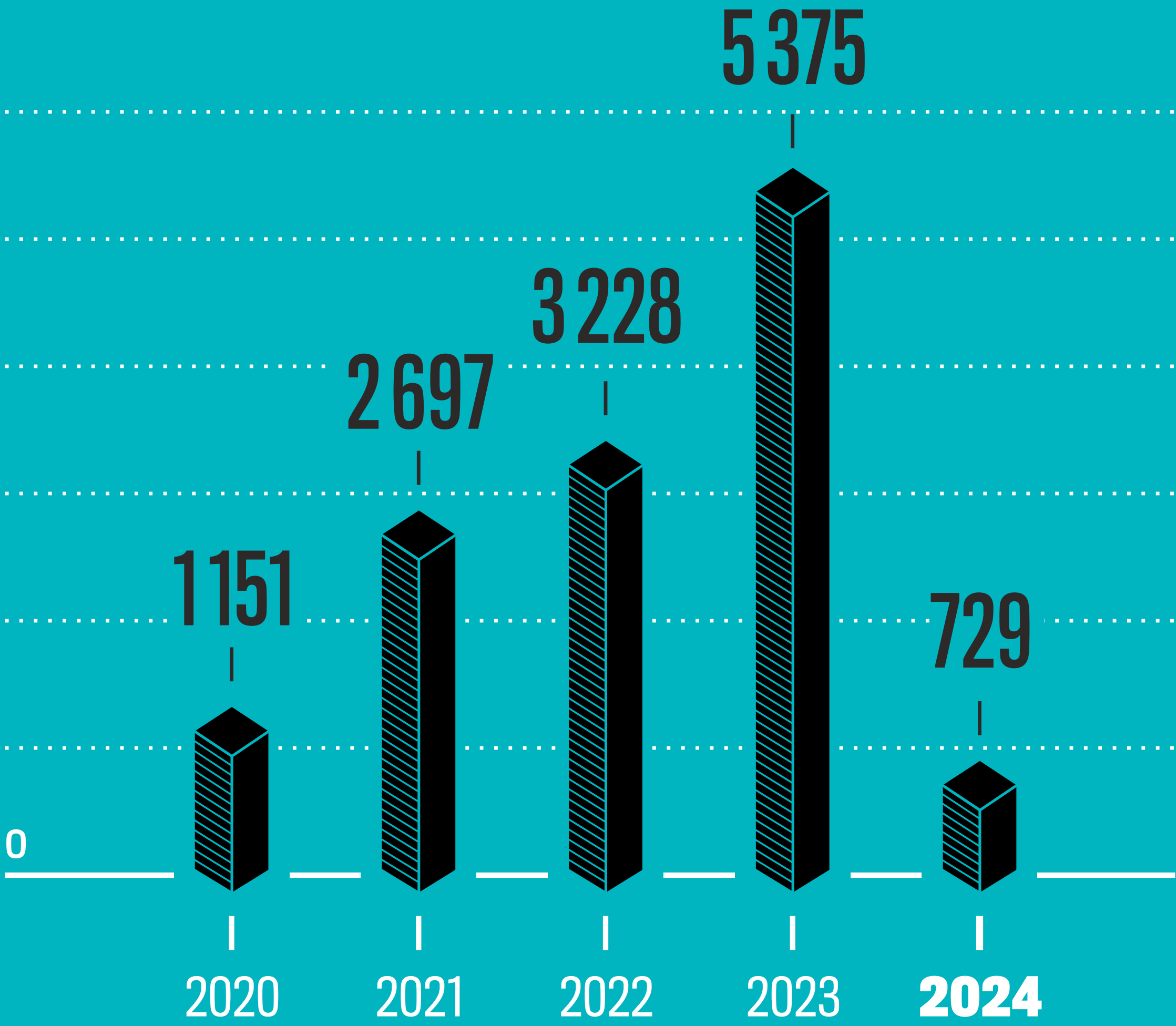
Cada vez mais comuns, ataques de hackers a órgãos públicos do país ameaçam os dados dos cidadãos e evidenciam a necessidade de uma política de proteção **BRUNO CANIATO**

MONTAGEM COM FOTOS ISTOCK/GETTY IMAGES; MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

HÁ POUCO MAIS de uma semana, um "incidente grave de segurança cibernética", nas palavras do próprio governo, travou um sistema eletrônico por onde tramitam processos de nove ministérios — entre eles Fazenda, Previdência e Planejamento — e dois órgãos, o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) e a Casa da Moeda. O evento foi provocado pela ação de hackers que tentavam invadir os computadores para roubar dados pessoais e sigilosos da população. O sério ataque fez com que a administração levasse uma semana até restabelecer totalmente os serviços. Os autores do ato criminoso e a sua extensão ainda são investigados pela Polícia Federal e pela Agência Brasileira de Inteligência (Abin), mas uma coisa é possível dizer: é mais um na longa — e preocupante — rotina recente de atentados do tipo a órgãos de Estado.

O quadro de insegurança cibernética no país só vem piorando nos últimos anos. Desde 2020, foram mais de

AMEAÇA CRESCENTE

Sistemas da União estão cada vez mais na mira de criminosos virtuais

VAZAMENTOS DE DADOS

VULNERABILIDADES DE CRIPTOGRAFIA*

25 234

FALHAS DE SEGURANÇA CIBERNÉTICA FORAM DETECTADAS PELO GOVERNO DESDE 2020

* Potenciais falhas no mecanismo que protege o sigilo dos dados e as informações no sistema

Fonte: *CTIR Gov/GSI (dados até junho de 2024)*

50 000 casos, incluindo registros de violações de segurança das redes federais e alertas de vulnerabilidades emitidos pelo Centro de Prevenção, Tratamento e Resposta a Incidentes Cibernéticos (CTIR). Nesse período, foram quase 5 000 ocorrências comprovadas de vazamento de dados confidenciais, sendo 3 253 só neste ano *(veja o quadro "Ameaça crescente")*. Alguns dos ataques renderam prejuízos reais, como o roubo de dados bancários de quase 1 milhão de brasileiros em doze invasões ao cadastro nacional de chaves Pix. Em abril, criminosos invadiram o Siafi, sistema de pagamentos do governo, e desviaram ao menos 3,5 milhões de reais. Em 2021, o Ministério da Saúde protagonizou o vexame de ter os sistemas do SUS derrubados e os dados de vacinação "sequestrados" em plena pandemia pelos cibercriminosos globais do Lapsus$ *(veja o quadro "Governo sob ataque")*.

A crise de cibersegurança não se restringe ao Brasil. Em 2023, governos pelo mundo sofreram, em média, 1 598 ataques cibernéticos semanais, segundo a empresa Check Point Research. Uma tática frequente é o ataque DDoS, em que um site é acessado milhares de vezes por segundo até entrar em colapso. No ano passado, o Brasil sofreu 685 000 investidas do tipo. "É possível 'alugar' hordas de robôs na *deep web* para fazer ataques DDoS, incluindo eletrodomésticos inteligentes como geladeiras e lâmpadas", diz Bruno Fraga, especialista em segurança da informação.

O governo reconhece o problema, tanto que deu um primeiro passo em dezembro de 2023 ao criar o Comitê Nacional de Cibersegurança (CNCiber). Vinculado ao Gabinete de Segurança Institucional (GSI), o grupo trabalha para elaborar uma política nacional que inclua treinamento de equipes, fiscalização da infraestrutura de prevenção e punição aos cibercriminosos. “É urgente criarmos uma agência central de cibersegurança para supervisionar investimentos e coordenar a resposta às crises”, avalia Patricia Peck, sócia fundadora do escritório especializado Peck Advogados.

GOVERNO SOB ATAQUE

Quatro ocorrências que colocaram a segurança dos dados federais em xeque

PANE NA PANDEMIA

Em 2021, hackers apagaram dados de imunização e paralisaram as emissões de comprovantes de vacinação contra a covid-19. O Lapsus$ Group, autor do ataque, exigiu resgate — a recuperação total do sistema, sem pagamento aos criminosos, levou mais de um mês

CHAVES VAZADAS

Desde 2022, o cadastro de chaves Pix no Banco Central foi invadido doze vezes, resultando no vazamento dos dados bancários de quase 1 milhão de brasileiros. Os cibercriminosos usaram brechas em instituições financeiras, em sua maioria, privadas

DESVIO DE DINHEIRO

Uma violação de segurança do Siafi, plataforma de execução das despesas da União, levou ao desvio de 3,5 milhões de reais em abril deste ano. Os invasores teriam roubado a senha de um servidor público com acesso ao sistema

ESPLANADA PARADA

Na terça, 23, um “incidente cibernético”, segundo o governo, travou por uma semana o sistema por onde tramitam processos administrativos de nove ministérios, além do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf). A PF investiga o caso

A proposta agrada ao setor privado, que já prioriza o combate a cibercrimes e vê o governo como agente fundamental na criação de uma cultura de segurança. "O Brasil tem boas leis e regulações de proteção de dados, mas é preciso implementar o ensino de cibersegurança já na educação básica para construir uma camada humana de proteção, não apenas tecnológica", defende Rony Vainzof, diretor de defesa e segurança da Fiesp.

A frequência e ousadia cada vez maiores dos ataques não deixam dúvidas quanto à urgência de colocar a cibersegurança como prioridade na pauta pública. Especialistas e empresários convergem sobre a importância de o poder público federal ser uma espécie de farol na busca da solução, mas, como de costume, as ações do governo vêm a reboque da crise. O cidadão indefeso, que tem boa parte de seus dados sob a guarda do poder público, espera uma solução urgente. ■

BATALHA NO CONGRESSO

O desafio dos militares diante das propostas de cortes no orçamento, de mudança nas regras da Previdência e dos projetos que criam restrições à categoria **MARCELA MATTOS**

INCÔMODO Os atuais comandantes: grupo de trabalho vai apresentar alternativas para revisão de privilégios

RICARDO STUCKERT/PR

DESDE QUE FOI eleito para o terceiro mandato, o presidente Lula não tentou esconder de ninguém a sua falta de confiança nos militares. Alimentando uma relação conturbada logo na largada, ele dizia ter certeza do envolvimento de uma ala das Forças em uma tentativa de ruptura democrática no 8 de Janeiro e determinou uma caça às bruxas para depurar a presença de "golpistas" no seu entorno. Todos ficaram sob suspeição. Dezoito meses depois e após acenos de pacificação de ambos os lados, o clima belicoso está arrefecido: tanto os militares quanto o governo baixaram as armas, e as divergências, garantem, estão superadas. Por outro lado, a fonte de dor de cabeça das Forças Armadas agora atravessa a Praça dos Três Poderes e alcança o Congresso, onde há articulações em torno de projetos que mexem no bolso e alteram certas prerrogativas da categoria. O estado de alerta foi novamente acionado.

Blindados dentro e fora do Parlamento, os militares são historicamente poupados de mudanças que atingem alguns de seus privilégios. Em meio ao arrocho nas contas, porém, cresce a pressão para que certos benefícios sejam revistos. Na última semana, o governo anunciou um contingenciamento bilionário para ajustar os gastos à meta fiscal. O Ministério da Defesa não saiu ileso e foi afetado por uma tesourada de mais de 600 milhões de reais. Antes da decisão, o titular da pasta, José Múcio, procurou Lula e os colegas Rui Costa (Casa Civil) e Fernando Haddad (Fazenda) para tentar mostrar que não havia espaço para cortes — sustentou

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

LOBBY Mourão e Múcio: "revanchismo" e esforço para evitar cortes

que os 10 bilhões de reais destinados a investimentos do ministério é um dos menores e ainda caiu à metade nos últimos dez anos. Lula ouviu o apelo, mas não se sensibilizou.

Também mirando a meta fiscal, as principais lideranças do Congresso defendem uma nova reforma da Previdência, cujo rombo ultrapassou os 400 bilhões de reais em 2023. Apenas os militares representam quase 50 bilhões desse prejuízo e, diferentemente do que se viu em propostas de ajustes anteriores, não devem se safar desta vez. Por isso, a insatisfação, embora silente, é generalizada. "É um assunto em que eles não aceitam tocar", resume um interlocutor com trânsito na cúpula das Forças Armadas. Hoje, um militar se aposenta mantendo o salário integral da ativa, que pode chegar a quase 40 000 reais no caso de generais, e, como se fosse uma espécie de prêmio por vestir o pijama, ainda recebe um adicional de oito salários. Além disso, em caso de morte, as filhas solteiras têm direito a

EXÉRCITO BRASILEIRO

VENEZUELA Vigias na fronteira: restrições podem comprometer operações

uma pensão vitalícia — benefícios que valem inclusive para militares que foram expulsos por cometerem algum crime.

Esses privilégios foram alvo de um recente questionamento do Tribunal de Contas da União, que vê excessos. "O sistema de proteção dos militares é o que impõe maior custo à sociedade por beneficiário e, por isso, deve ser objeto de atenção, estudo e debate", destacou Walton Alencar, ministro do TCU, ao analisar as contas do governo, lembrando que a categoria ainda paga uma alíquota de imposto sobre as pensões menor do que a dos servidores civis. Para tentar evitar uma mudança radical, foi criado um grupo, formado pelo Ministério da Defesa e por representantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, que pretende apresentar uma proposta de reforma ao Congresso. Em paralelo a isso, já está em ação um intenso lobby entre os parlamentares pela manutenção de algumas vantagens e contra os cortes.

Um dos argumentos usados é o de que é perigoso cortar investimentos num momento em que o mundo busca reforçar seu aparato bélico. Há casos notórios da eclosão de guerras na Europa e no Oriente Médio, e o Brasil não estaria tão distante do fogo cruzado. Membros da cúpula do Congresso foram alertados, por exemplo, de que a situação na fronteira com a Venezuela e a Guiana poderia voltar a se complicar. Os dois países travam uma disputa pelo território de Essequibo. Desde o ano passado, militares brasileiros reforçam a vigilância na região. A restrição orçamentária poderia comprometer esse trabalho. Além disso, dizem, haverá um aumento do fluxo migratório de venezuelanos que fogem da ditadura chavista. O recado é que, enquanto todos estão se armando, o país vê seu orçamento minguar, colocando em risco a segurança nas fronteiras.

Para além da discussão financeira, os militares também se mostram incomodados com propostas que criam restrições à categoria. Estão em tramitação no Congresso projetos que determinam que aqueles que queiram disputar eleições ou ocupar cargos públicos deverão passar para a reserva. O senador Hamilton Mourão (Republicanos-RS), general aposentado, classifica essas ideias como "revanchismo" pelo 8 de Janeiro e disse que elas rebaixam os militares a "cidadãos de segunda categoria". Claro, ele está falando em nome de seus antigos colegas de farda. O fato é que as Forças Armadas terão de enfrentar todas essas questões num território que até pode parecer hostil, mas é o palco legítimo para esse tipo de embate: o Parlamento. ■

PEDRO GIL

Com reportagem de Diego Gimenes
e Felipe Erlich

NO JOGO Cassino da MGM: o grupo americano prepara sua estreia no Brasil

Aposta alta

O grupo americano **MGM,** dono de negócios como restaurantes, resorts e cassinos em Las Vegas e outras cidades, negocia a compra da casa de apostas KTO por cerca de 175 milhões de dólares. Será a primeira grande transação do setor de bets no Brasil.

Botando a banca

A entrada da MGM não de-

JEFFREY GREENBERG/UNIVERSAL IMAGES GROUP/GETTY IMAGES

ve ser a única investida internacional por aqui. O grupo americano DraftKings, tradicional em apostas esportivas, estuda a entrada no mercado brasileiro, via aquisições ou parcerias, assim que toda a regulamentação do setor for aprovada.

Corrida do ouro

A mineradora canadense Aura Minerals prepara um investimento de 300 milhões de dólares para exploração de duas minas de ouro no interior de São Paulo e em Mato Grosso. As novas operações terão início em 2025.

Fechando o circuito

A geradora de energia Eneva pretende fechar a compra de seis termelétricas controladas pelo banco BTG até dezembro. O negócio já foi sacramentado por cerca de 3 bilhões de reais, mas ainda depende de averiguações finais e de autorização do Cade.

Reforço no caixa

Com as aquisições, a Eneva espera agregar mais 2,5 bilhões de reais de receita anual, mas o principal nem é isso. A operação deve permitir a emissão de novas ações — um *follow-on* — no montante de até 4,2 bilhões de reais e evitar endividamento.

Transferência quente

O Itaú BBA busca comprador para a fatia da 2bCapital, gestora de private equity do Bradesco, no Grupo Leveros, especializado em climatização de ambientes. A transferência não deve sair por

menos de 500 milhões de reais. Já há fundos interessados no negócio.

Termômetro em alta

Além de um novo parceiro, o Leveros, que tem faturamento anual de 1,3 bilhão de reais, está estruturando uma rodada de captação, que pode se dar via debêntures ou na forma de dívida estruturada. A ideia é acelerar a operação para chegar aos 2 bilhões de reais de receita anual até 2027.

Postos para aviões

A Air BP, fornecedora inglesa de combustíveis de aviação, planeja investir 100 milhões de reais em projetos de expansão no Brasil. Os planos incluem a criação de novos parques de abastecimento de aeronaves nos aeroportos de Congonhas, em São Paulo, e Palmas, no Tocantins.

Série fraca

A Netflix perdeu mercado no Brasil. Entre o terceiro trimestre de 2022 e o primeiro trimestre deste ano, a plataforma de streaming reduziu sua participação de 31% para 27% do setor. Os dados são da consultoria Tunad.

Mais audiência

O Globoplay e o Star+, por outro lado, avançaram. No mesmo período, o streaming brasileiro subiu sua participação no mercado de 7% para 10%. Já a marca do Grupo Disney dobrou a presença, saindo de 4% para 8%. ■

UM SETOR QUE NÃO DECOLA

O programa Voa Brasil é bem recebido por companhias aéreas, mas está longe de resolver os crônicos problemas da área

MÁRCIO JULIBONI

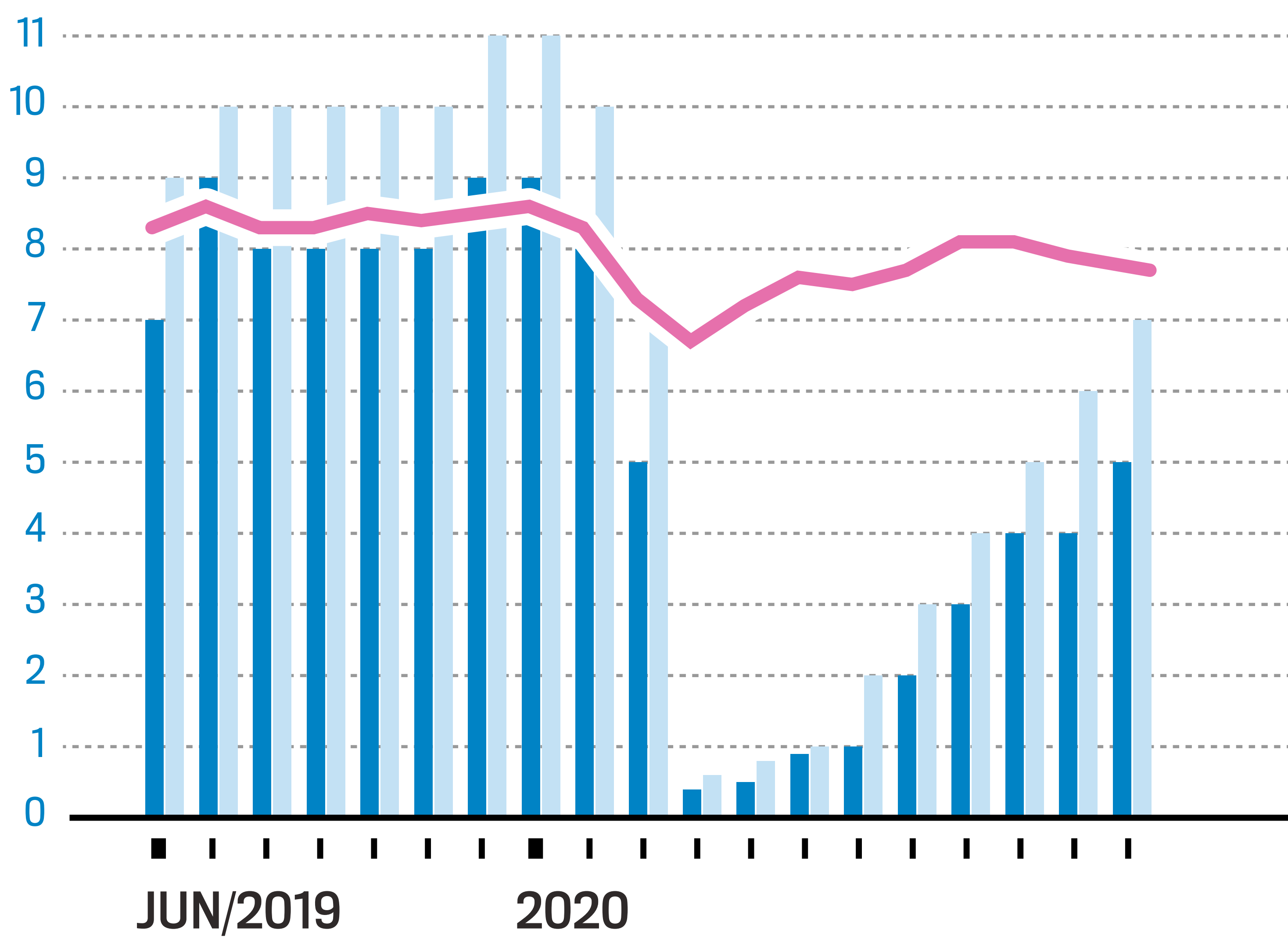
PESO Pátio de aviões: as empresas sofrem com falta de crédito e altos custos em dólar

CHRISTYAM DE LIMA/MOMENT/GETTY IMAGES

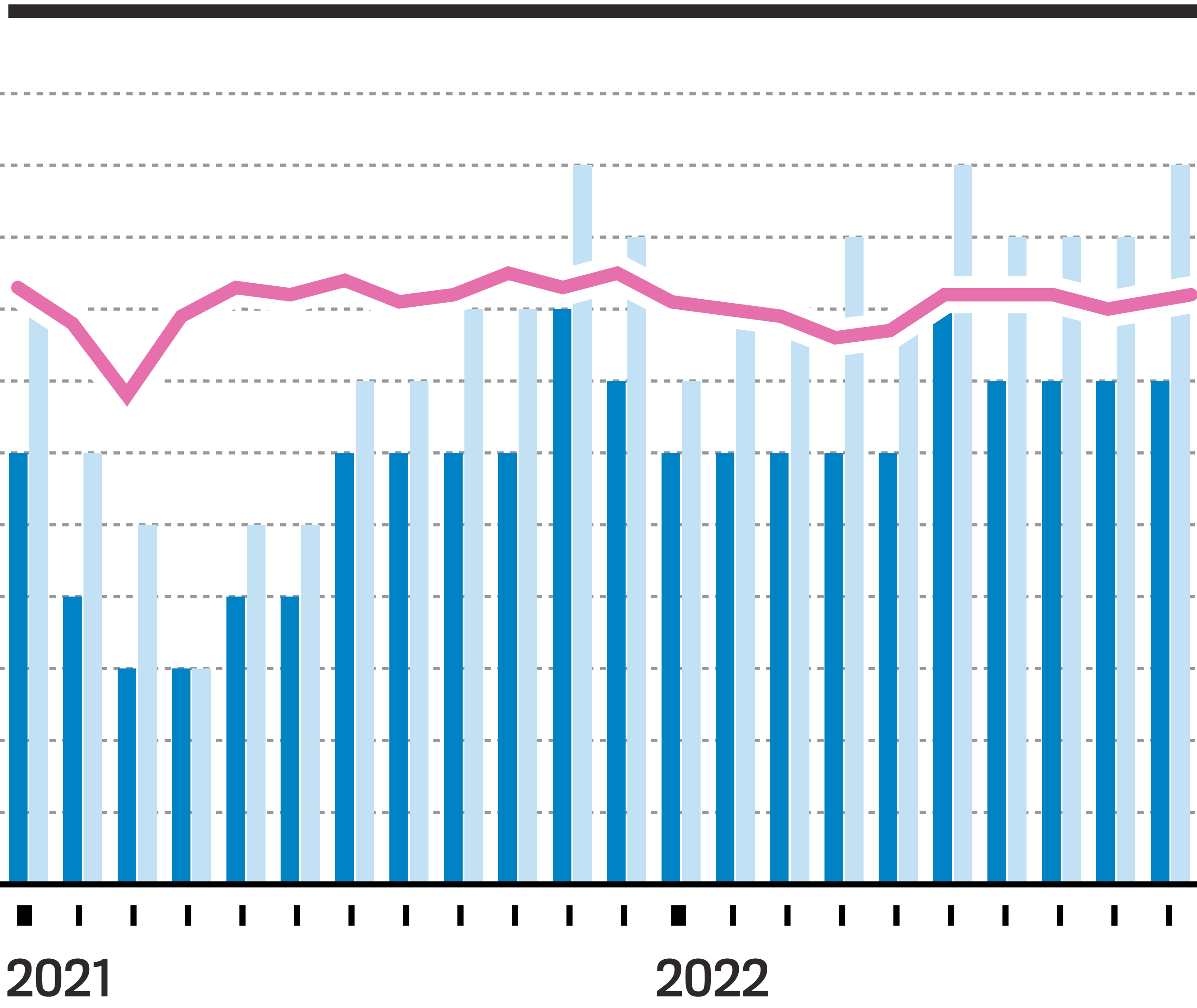
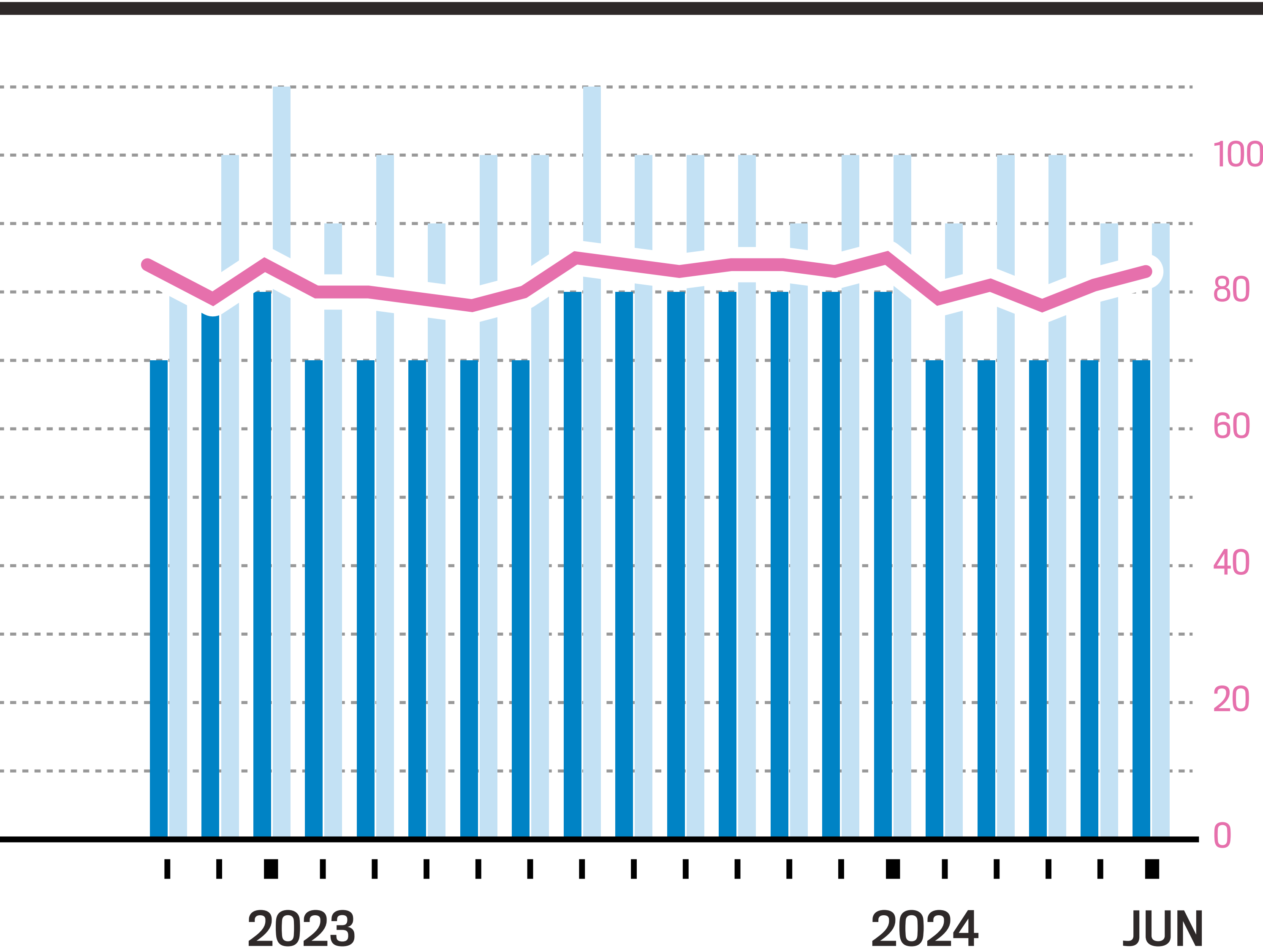
John Rodgerson, executivo-chefe da Azul, mantém um par de luvas de boxe pendurado em sua sala. Embora não seja pugilista, elas são presente de um amigo impressionado com a resiliência da companhia — uma das três maiores do país — durante a pandemia de covid-19. "Ele me disse que somos lutadores", afirma Rodgerson. Se o setor aéreo é um ringue, o histórico das aéreas é desolador, apanhando há décadas de adversários como a falta de crédito, os altos custos em dólar e políticas públicas erráticas. Desde a quarta-feira 24, porém, quando participou do lançamento do programa Voa Brasil ao lado de ministros em Brasília, o comandante da Azul exibe um discreto otimismo. "O programa é bom, porque põe a pauta da aviação na mesa do governo", diz ele.

As companhias da área e o governo concordam que é urgente aumentar o volume de passageiros — a questão é como fazer isso. O Voa Brasil aposta na oferta de passagens a preços de até 200 reais — fora tarifas e taxas de embarque — para atrair públicos específicos. Sua primeira etapa é focada nos 23 milhões de aposentados do INSS, que poderão comprar até dois bilhetes por ano, desde que não tenham voado nos últimos doze meses. Em 2025, a iniciativa deve ser ampliada para os cerca de 3 milhões de estudantes beneficiados por programas federais, como o Fies e o ProUni. "Esse é o primeiro passo de inclusão social do setor", disse a VEJA o ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho *(leia a entrevista no quadro "In-*

PARADO NO TEMPO

O setor aéreo se recupera do tombo da pandemia de covid-19, mas segue estagnado há anos (evolução do mercado doméstico)

clusão no ar”). Num país com mais de 200 milhões de habitantes, o mercado aéreo teve em torno de apenas 30 milhões de passageiros no ano passado, que compraram 112 milhões de bilhetes. “Queremos incluir, pelo menos, 3 milhões de pessoas nessa conta”, planeja o ministro.

Para os especialistas, contudo, o Voa Brasil não ataca o principal problema do setor: o resgate da aviação regional. “É aí que está a grande demanda potencial”, diz Ricardo Jacomassi, sócio da TCP Partners, consultoria foca-

da em reestruturação de empresas. No início dos anos 1990, o então presidente Fernando Collor chacoalhou o setor ao abrir o mercado de voos internacionais para companhias estrangeiras. Com isso, grandes empresas nacionais, como a Transbrasil, perderam quase metade de suas receitas e foram à falência. As sobreviventes se atiraram, então, sobre as rotas regionais, arruinando pequenas companhias. Para completar, Collor acabou com a política de controle de preços no setor. No começo, isso levou ao ba-

Fontes: *Anac e * RPK/ASK*

CADÊ ELE? Lançamento da iniciativa: ausência de Lula não passou despercebida

rateamento das passagens e aumento de clientes. Anos depois, o negócio desandou para uma guerra tarifária predatória, que comprometeu a saúde financeira das empresas. "Foi uma política de abertura muito equivocada", diz Ingo Plöger, presidente da consultoria IPDES e que já integrou os conselhos de administração da Embraer e da

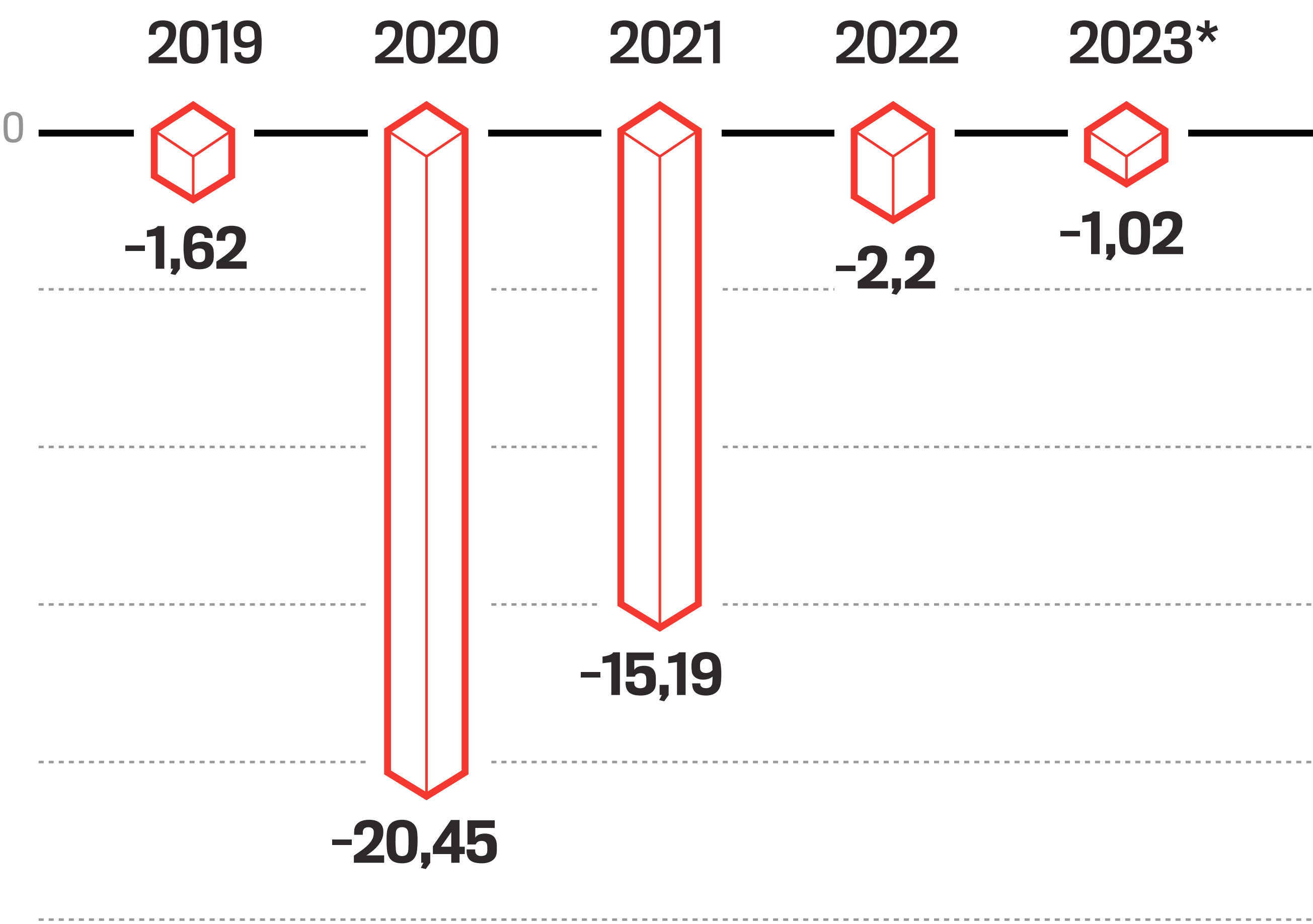
EDUARDO OLIVEIRA/MPOR

extinta Varig. Para piorar, as empresas remanescentes operavam aeronaves maiores, incapazes de pousar em pistas de pequenos aeroportos. “Na década de 1950, mais de 400 cidades recebiam voos regulares. Hoje, são cerca de 100”, compara Plöger.

Remontar essa malha regional vai exigir muitos anos de trabalho. Preparar pequenas e médias cidades para receber novamente voos é apenas uma parte da tarefa. A ou-

tra é garantir que as empresas tenham condições de operar. Enfrentando problemas financeiros crônicos, agravados pela pandemia, o setor acumula prejuízos, e recuperações judiciais são comuns, como a da Gol, com uma dívida de 20 bilhões de reais. A principal esperança é o projeto de lei 1.829/19, aprovado em junho pelo Senado, que aguarda

TURBULÊNCIA

As companhias aéreas não conseguem sair do vermelho (prejuízo em bilhões de reais)

* Até o 3º trimestre

Fonte: *Anac/Abear*

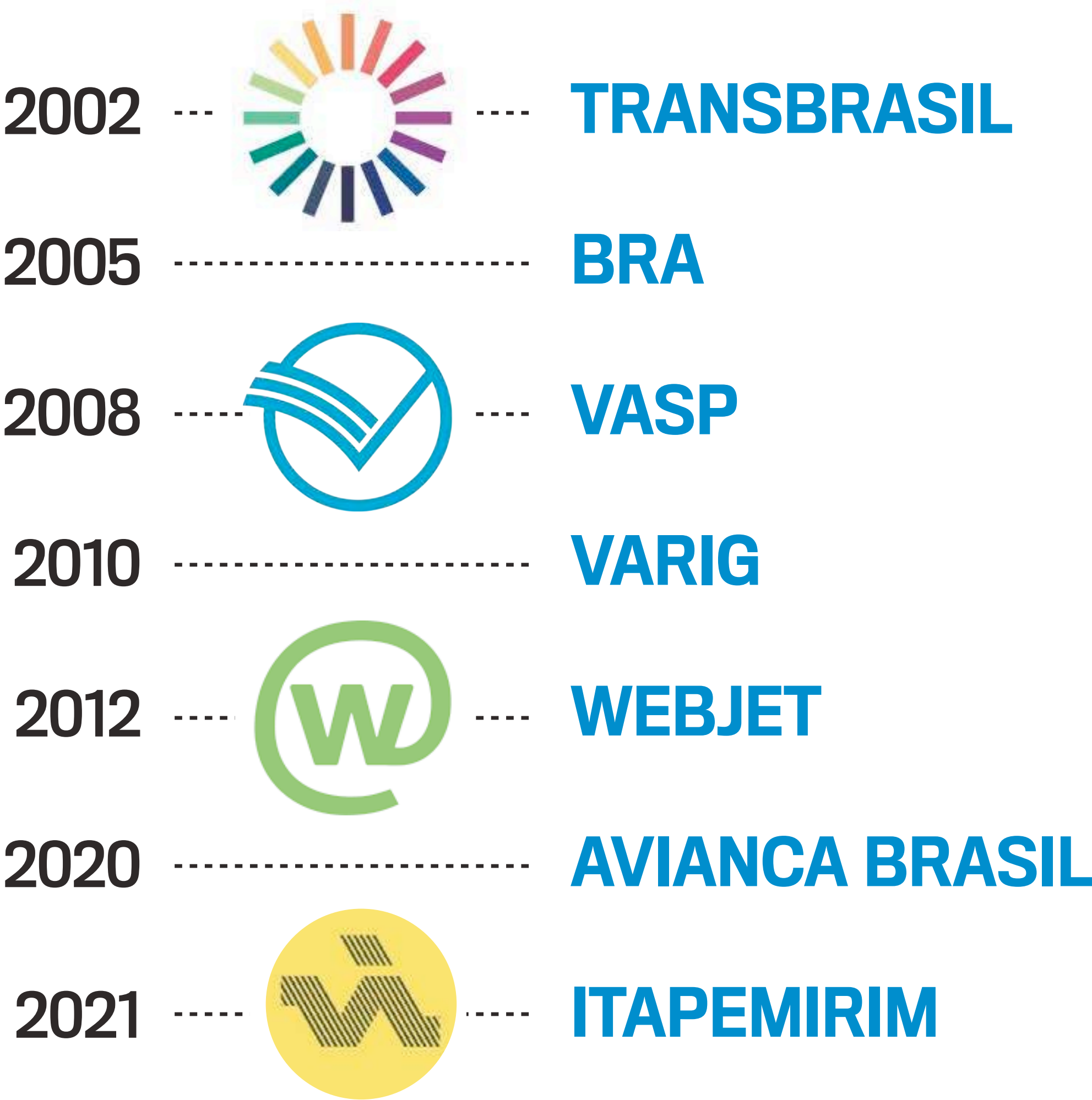
votação na Câmara dos Deputados. O texto permite que o Fundo Nacional da Aviação Civil, hoje com cerca de 3 bilhões de reais em caixa, seja utilizado como fiador em operações de crédito das aéreas, seja para renovar sua frota, seja para equilibrar as contas. Rodgerson, da Azul, apoia a ideia. "Dizer que se trata de socorro me ofende, porque não

MAURICIO LIMA/AFP

ABATIDA Transbrasil: a empresa sucumbiu à abertura do mercado nacional

é dinheiro a fundo perdido. Pagaremos juros por ele, mas é o mínimo de que precisamos”, diz. O tripé composto de crédito ao setor, desenvolvimento da aviação regional e atração de novos passageiros parece ser um caminho para evitar que, no futuro, mais executivos da aviação pendurem luvas de boxe em suas salas. ■

DEU PANE

As principais empresas que pararam de operar nos últimos anos

Fonte: *Anuários da Anac*

INCLUSÃO NO AR

O ministro de Portos e Aeroportos, Silvio Costa Filho, falou a VEJA sobre os planos do governo para incentivar o setor aéreo.

Qual é o balanço da primeira semana do Voa Brasil? Vendemos cerca de 2 200 passagens. Esperamos que o Voa Brasil se torne mais conhecido, já que as companhias aéreas vão divulgar o programa.

Como a iniciativa pode ajudar o setor? O Voa Brasil é o primeiro programa de inclusão social do setor e não envolve recursos públicos. Em 2023, as aéreas venderam mais de 100 milhões de passagens para 30 milhões de pessoas. Com o

ANTÔNIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL

EMBARQUE Costa Filho: "Mais 3 milhões de passageiros"

programa, queremos adicionar mais 3 milhões de passageiros. As aéreas também querem incluir quem nunca voou. Trabalhamos com a capacidade ociosa dos aviões, que chega a 20%. Esperamos chegar a 135 milhões de passagens em 2026.

A infraestrutura está preparada para isso? Até dezembro, entregaremos obras em 36 aeroportos, e anunciaremos mais quinze projetos. São investimentos públicos e privados de mais de 4 bilhões de reais. Vamos investir também na aviação regional.

Por que o governo quer vincular o socorro às aéreas à compra de aviões da Embraer? Nos Estados Unidos, 49% da frota é da Boeing. Na França, 48% é da Airbus. No Brasil, só 12% é da Embraer. Então, a orientação do presidente Lula é de estimular a compra de aviões nacionais. Isso também vai fortalecer a aviação regional.

Quando a ajuda às empresas estará disponível? A matéria já foi aprovada pelo Senado. Após o recesso, esperamos votá-la na Câmara. Sinto que há um clima de colaboração do Congresso. Serão quase 5 bilhões de reais para fortalecer as companhias aéreas.

MAÍLSON DA NÓBREGA

REFORMA: MELHOR PARA RICOS

As exceções beneficiarão sobretudo os mais favorecidos

A REFORMA TRIBUTÁRIA recentemente aprovada é o mais importante avanço estrutural dos últimos sessenta anos. Ela livrará o país do caos do sistema atual e de suas ineficiências, mas o Congresso rejeitou a alíquota única, uma das principais inovações da proposta e adotada nas modernas e melhores versões do imposto sobre valor agregado (IVA).

Os lobbies conseguiram enxertar grande número de exceções, com destaque para a alíquota reduzida nos serviços, consumidos essencialmente pelas classes mais favorecidas. Elas pagarão 40% da alíquota incidente sobre bens, que são adquiridos pelos mais pobres. Apesar disso, foram preservados os elementos mais relevantes da reforma, casos da uniformidade das regras em todo o território nacional, da não cumulatividade plena, da cobrança no destino e da isenção integral das exportações e dos investimentos.

O projeto de regulamentação na Câmara deu margem à criação de novos privilégios. O principal deles foi a amplia-

ção da cesta básica para incorporar todos os tipos de carne, elevando em 0,53 ponto percentual a alíquota final. A medida beneficiará os segmentos mais ricos e seu custo recairá sobre os menos aquinhoados. Estudos comprovam que tais benefícios elevam os lucros das empresas, que retêm parte da redução tributária.

Sem justificativa aparente, aprovou-se alíquota reduzida para a aquisição de sêmen, embriões e matrizes animais. O benefício não se traduzirá em diminuição do imposto no consumo final, pois nas etapas posteriores se cobrará a diferença, mas teve o efeito simbólico de mostrar a influência do lobby do setor. Outro benefício foi a alíquota reduzida para farinha, sem especificar o tipo, o que exigirá esforço de interpretação do Executivo quando da implementação da reforma (e mais normas).

O excesso de exceções criará situações curiosas como a dos supermercados, cujas prateleiras exibirão produtos com diferentes alíquotas. Um prato cheio para quem quer

“Há ganhos na produtividade e perda da oportunidade de reduzir as desigualdades”

pagar menos imposto: basta emitir a nota fiscal como se fosse de um produto sob alíquota zero. É provável que haja acumulação de saldos credores, já que vendas feitas majoritariamente por alíquotas reduzidas resultarão em débitos insuficientes para compensar os créditos sobre as compras. Os pedidos de ressarcimento exigirão fiscalização para que se comprove sua procedência.

Esses e outros exemplos reintroduziram complexidades que poderiam ser evitadas se a alíquota única tivesse prevalecido. As consequências serão mais controles e a abertura de caminho para que empresas se organizem para ter seus produtos entre os que pagarão menos impostos. A complexidade acarretará ineficiências e redução do potencial de crescimento da economia.

Há que comemorar os efeitos positivos da reforma na produtividade e ao mesmo tempo lamentar a perda da oportunidade de diminuir desigualdades sociais. É o custo decorrente do país dos privilégios. O Senado bem que poderia avaliar essas distorções. ■

QUANDO O IMÓVEL VIRA CRÉDITO

Empréstimos que têm um bem como garantia oferecem juros mais baixos e crescem depressa, mas desconhecimento e receio de perder a casa ainda são limitações **JULIANA ELIAS**

EVOLUÇÃO Condomínio: crescimento de 41% de empréstimos no modelo home equity

ROBERTO MACHADO NOA/UCG/GETTY IMAGES

NO CONTEXTO em que o país ainda não conseguiu se livrar do amargo remédio dos juros altos, os consumidores tendem a intensificar a busca por alternativas de taxas mais amigáveis. No caso do mercado imobiliário, as atenções no momento estão voltadas para o home equity, apelido americanizado dos empréstimos que têm um imóvel como garantia. O produto existe há mais de duas décadas no Brasil, mas somente nos últimos tempos engatou uma marcha forte de crescimento. No primeiro semestre de 2024, os empréstimos com garantia de imóvel dispararam, de acordo com a Abecip, associação que reúne as instituições que trabalham com crédito imobiliário no país. Eles cresceram 41%, na comparação com os mesmos meses do ano passado, e somaram 4,6 bilhões de reais. Até 2020, eram menos de 2 bilhões de reais no semestre. “Muita gente ainda não conhece essa opção”, diz Sandro Gamba, presidente da Abecip. “É de 2020 para cá que os bancos começam a ter maior interesse em oferecer essa linha, ao mesmo tempo que as pessoas buscam alternativas.”

Esse crescimento, porém, vem com um conflito inevitável: de um lado estão vantagens enormes, como taxas de juros entre as mais baixas do mercado, e, do outro, o incômodo risco de o devedor perder o imóvel. “A pessoa precisa ter muita consciência do que está em jogo”, diz o advogado especializado em direito imobiliário Marcelo Tapai. As linhas com garantia são semelhantes aos em-

MENORES DO MERCADO

Taxa de juros ao ano, por modalidade de crédito

- ROTATIVO DO CARTÃO DE CRÉDITO 430%
- CHEQUE ESPECIAL 135%
- CRÉDITO PESSOAL 88%
- CONSIGNADO 23%
- HOME EQUITY 18%

Fonte: *BC (dados de jun/2024)*

préstimos comuns, já que o tomador pode usar o dinheiro como quiser. A diferença é que, nelas, o direito de um bem, como a casa ou um terreno, é passado para o banco até que a dívida seja quitada. Caso não seja, o banco fica com a propriedade e a leva a leilão para saldar o que não foi pago. "A única chance que o devedor tem de reverter a perda é encontrar algum erro do banco no processo de notificação, o que às vezes acontece, e abrir uma ação", diz o advogado especializado Ronaldo Gotlib. Soa assustador, mas é o mesmo mecanismo que já rege há décadas os financiamentos imobiliários — que nada mais são que um empréstimo em que o próprio imóvel financiado é a garantia e que também termina em leilão caso a dívida não seja paga.

É essa segurança jurídica que dá aos bancos condições de fazer ofertas atraentes. Os juros médios do home equity estão hoje em 18% ao ano. No crédito pessoal comum a taxa é de 88%, e, no caso do rotativo do cartão de crédito, passa dos 400%. Os prazos e valores também são melhores: o período máximo chega a vinte anos, e o dinheiro emprestado pode equivaler a até 60% do valor do imóvel. A busca mais comum pela modalidade atualmente é para quitar dívidas mais elevadas. Na sequência, vêm a realização de reformas e os investimentos em pequenos negócios. "É uma operação que permite que as pessoas peguem um valor alto com parcelas que cabem no orçamento", diz Fabio Zveibil, vice-presidente de em-

JEFF HAYNES/AFP

DESCONTROLE Casa à venda nos Estados Unidos: explosão de créditos gerou a crise de 2007

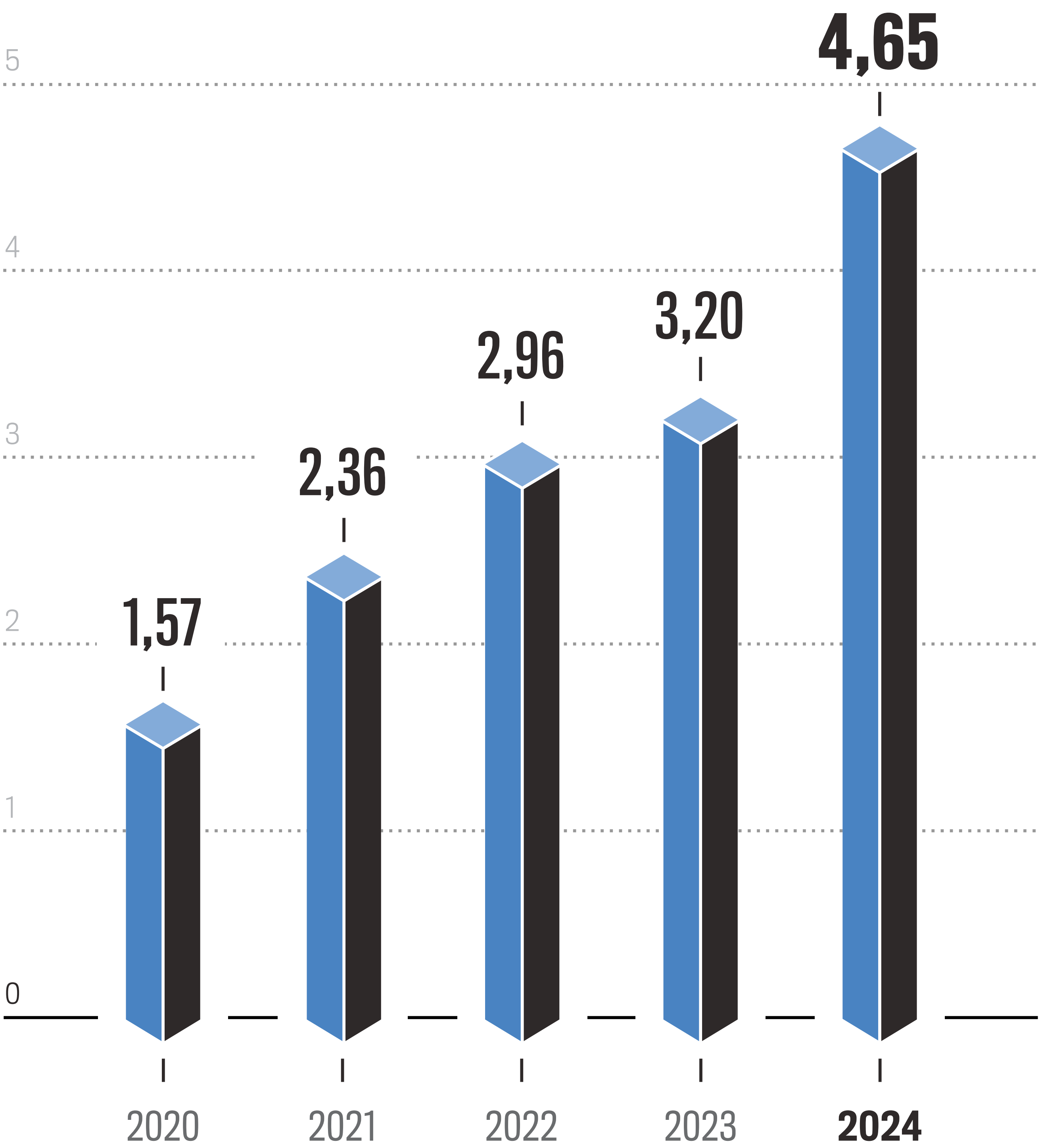
préstimos com garantia da Creditas, fintech voltada a esse nicho. Ali, o valor médio dos empréstimos é de 200 000 reais, com parcelas na faixa de 1 500. As mensalidades palatáveis ajudam a manter baixa a inadimplência. De acordo com a Abecip, 2,8% dos contratos de home equity têm hoje algum atraso. No crédito comum essa taxa é de 7%, e, no rotativo do cartão, passa de 50%.

Agora, com o Novo Marco das Garantias, norma aprovada em outubro do ano passado, a expectativa é de que

Volume de crédito emprestado com imóvel de garantia no primeiro semestre — em bilhões de reais

5
4
3
2
1
0

1,57
2,36
2,96
3,20
4,65

2020 2021 2022 2023 **2024**

Fonte: *Abecip*

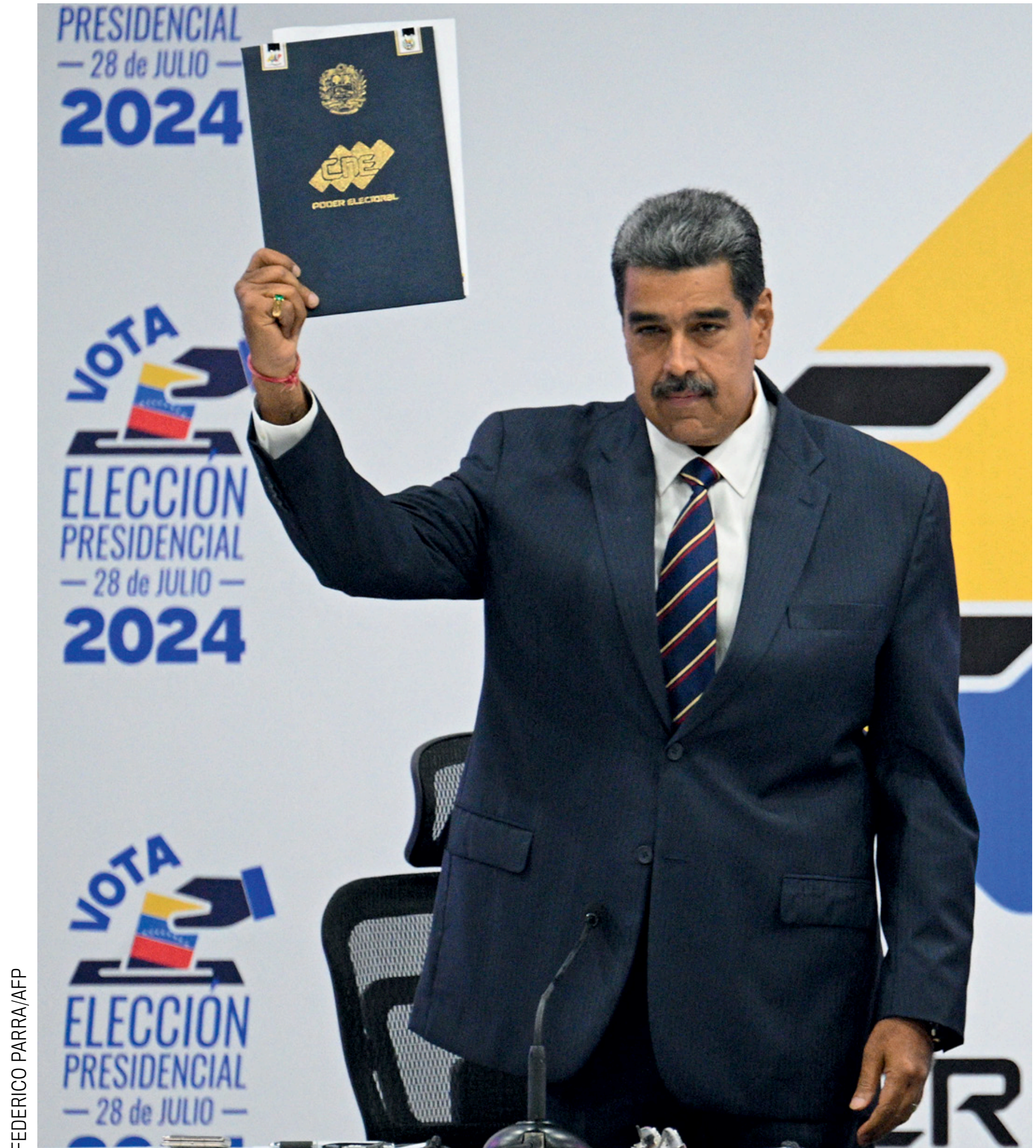
o crédito com garantia de imóvel possa dar um novo salto. Entre as principais mudanças está a possibilidade de usar o mesmo bem para mais de um empréstimo, inclusive em bancos diferentes, o que não era permitido antes. Ainda assim, o teto para empréstimo continua a ser de 60% do valor do imóvel. É essa trava que, de acordo com os especialistas, ainda deixa o Brasil bem longe do que aconteceu na crise financeira que abalou os Estados Unidos em 2007 e que se originou, justamente, no tamanho desproporcional que os refinanciamentos imobiliários tomaram. “Não havia controle: uma pessoa com um imóvel de 1 milhão de dólares podia tomar empréstimo de 3 milhões”, diz Bernardo Chezzi, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Direito Imobiliário e um dos autores do Marco das Garantias. Os empréstimos múltiplos a partir de uma mesma casa, de toda forma, ainda não pegaram no Brasil. Cautelosos, os bancos estão deglutindo as novas regras e desenhando internamente os primeiros contratos de home equity expandido que poderão oferecer. Mas, como mostram os crescimentos robustos mês a mês desse filão até aqui, não devem faltar interessados. ■

JEAMPIER ARGUINZONES/DPA/GETTY IMAGES

BOMBA-RELÓGIO

Maduro anuncia que foi reeleito, sem comprovação, e desencadeia protestos e um movimento internacional de rejeição. Lula e o PT foram na contramão: preferiram ficar do lado do ditador

AMANDA PÉCHY E **ERNESTO NEVES**

CAPA: MONTAGEM DE BETONEJME.COM COM IMAGENS PIKASSO.COM

FEDERICO PARRA/AFP

NÃO À FRAUDE Manifestação contra o governo: ninguém confia em um resultado que só Maduro *(acima)* viu

Assolados por mais de uma década de crise econômica e repressão política, os venezuelanos lotaram os pontos de votação no domingo 28, na esperança de encerrar 25 anos do regime comandado por Nicolás Maduro, que levou o país às ruínas e sepultou a democracia, e eleger, enfim, um novo presidente. Passadas apenas seis horas do fechamento das urnas, Maduro esmagou a ilusão de que, derrotado, deixaria de ser Maduro: antes do anúncio dos resultados ofi-

ciais, proclamou-se reeleito por mais seis anos, com hipotéticos 51,2% dos votos. No dia seguinte, sacramentou a reeleição em cerimônia no Conselho Nacional Eleitoral (CNE), órgão que ele controla e que sofreu um providencial apagão em seu site. Um dia depois, teve o novo mandato confirmado no Parlamento, dominado por deputados aliados. O motivo da pressa é a manipulação canhestra e evidente — enquanto o governo guarda a sete chaves os relatórios da apuração, a oposição, que teve acesso a parte deles, anunciou que seu candidato, Edmundo González, obteve maioria de, no mínimo, 66%. "É a eleição mais flagrantemente fraudulenta da América Latina em décadas", afirmou, categórico, o americano Steven Levitsky, autor do best-seller *Como as Democracias Morrem,* em entrevista a VEJA *(leia a íntegra ao lado).*

Inconformados, os venezuelanos passaram a semana demonstrando claramente sua insatisfação e pedindo a queda de Maduro, por meio de protestos nas ruas, queima de cartazes pró-governo, panelaços, barreiras de pneus queimados nas avenidas, e sob intensa repressão da polícia, que resultou até a quinta-feira, 1º de agosto, em quase duas dezenas de mortos e 1 000 presos. Com suas artimanhas, Maduro conseguiu o impensável: chacoalhar fortemente o chavismo incrustado em parte da população.

Até os moradores de Petare, a maior favela de Caracas e bastião chavista de primeira linha, desceram em peso para reclamar do resultado. Também inusitadas foram as cara-

STEPHANIE MITCHELL/HARVARD UNIVERSITY

OLHAR ACURADO Levitsky: há saída para crise se Brasil ajudar

"ENDOSSAR CHAVISMO É FRACASSO DO PT"

Autor de *Como as Democracias Morrem*, Steven Levitsky, professor de estudos latino-americanos de Harvard, falou a VEJA sobre a situação na Venezuela.

Qual a sua opinião sobre o resultado divulgado pelo Conselho Nacional Eleitoral? É obviamente uma fraude. Na verdade, esta é a eleição mais flagrantemente fraudulenta na América Latina em décadas.

Como o senhor avalia a atuação do Brasil nessa crise? O papel do Brasil é crítico. Lula tem uma tremenda influência na região. Ele poderia ter usado essa influência anos atrás, quando a Venezuela iniciou a guinada rumo ao autoritarismo. Em vez disso, os governos do PT endossaram tanto Hugo Chávez quanto Nicolás Maduro. Esse é um dos maiores fracassos das gestões petistas nas últimas duas décadas.

O Brasil ainda pode fazer diferença? Sim, Lula tem uma oportunidade histórica de rever sua postura e defender a democracia. O governo brasileiro deve flexionar seus músculos para pressionar por uma transição democrática. Isso faria uma enorme diferença.

É possível organizar um governo de transição para tirar a Venezuela dessa situação? Claro. Os militares venezuelanos fizeram exatamente isso em janeiro de 1958, quando removeram o ditador Pérez Jiménez. Eles são atores fundamentais dessa crise.

E qual seria o passo seguinte? Depois de remover Maduro, nomeia-se um governo de transição civil de base ampla para estabilizar a situação até que o presidente devidamente eleito, Edmundo González, assuma o cargo.

REAÇÃO González *(à esq.),* que se diz vencedor, com María Corina: denunciando as manobras de Maduro

vanas de motocicletas em meio a gritos de "Fora, Maduro" — até então, bandos em motos eram marca registrada dos *colectivos*, milicianos armados pelo governo para abafar brutalmente atos de insubordinação civil. No limite, manifestantes gritando "Este governo vai cair" derrubaram, em cidades do interior, estátuas de Hugo Chávez, antecessor e mentor de Maduro, uma espécie de "pai dos pobres" que, ao longo de catorze anos de deslavado populismo, cultivou um intenso culto à sua pessoa *(leia a coluna de Vilma Gryzinski*). "As manifestações são espontâneas. O comércio está fechado, e as vias, bloqueadas. Há grande risco de a situação escalar", disse a VEJA o brasileiro Victor Del Vecchio, advogado de direitos humanos que está em Caracas.

A demora do CNE em publicar o detalhamento dos votos urna a urna levou a ONG americana Centro Carter, que enviou dezessete observadores à Venezuela, a concluir que a eleição não foi democrática. No exterior, houve indignação geral. Líderes de diferentes matizes ideológicos, entre eles os da Argentina, Costa Rica, Peru, Panamá, República Dominicana, Uruguai, Estados Unidos e União Europeia, denunciaram o resultado.

De forma lamentável, o Brasil seguiu na contramão. O presidente Lula, responsável por tirar Maduro do ostracismo internacional e lhe passar a mão na cabeça perante seguidas barbaridades, tentou fazer vistas grossas ao escândalo evidente. Ao contrário dos venezuelanos em peso e da maior parte da comunidade global, ele não viu "nada de grave, nada de assustador" no processo eleitoral. Declarou ainda que bastava a apresentação das atas de votação para acabar com a "briga" e sugeriu que a oposição fosse reclamar à Justiça venezuelana — que, como sabe, é controlada com mão de ferro por Maduro. A postura equivocada foi de encontro até à posição de Celso Amorim, assessor especial enviado a Caracas por Lula para monitorar o processo. Amorim afirmou a VEJA que "ainda é cedo" para reconhecer os resultados. Só quem deu parabéns ao ditador venezuelano foram autocratas com quem o presidente Lula costuma confraternizar na arena global, como Vladimir Putin, da Rússia, Xi Jinping, da China, e Miguel Díaz-Canel, de Cuba.

CAUTELA Amorim: segundo ele, "ainda é cedo" para reconhecer reeleição

ANDRE BORGES/EFE

O PT foi ainda mais explícito no apoio cego e precipitado: em nota, a executiva nacional do partido tratou o venezuelano como legitimamente reeleito, de forma "democrática e soberana". Esse enorme vexame da esquerda brasileira ficou ainda maior na comparação com o comportamento da esquerda de outros países. O chileno Gabriel Boric, militante de uma vanguarda de esquerda com a rara qualidade de não reverenciar o passado, foi incisivo na rejeição, e até Gustavo Petro, da Colômbia, que já perfilou ao lado de Maduro, manifestou "sérias dúvidas" sobre o processo eleitoral. A Organização dos Estados Americanos (OEA) divulgou comunicado em que não reconhece a vitória. Apesar do posicionamento de Lula, o Itamaraty, honrando mais uma vez sua história, portou-se de forma equilibrada e profissional. A orientação dada à embaixadora na Venezuela, Glivânia Maria de Oliveira, foi a de não

comparecer a uma reunião convocada por Maduro para cantar vitória e de insistir para que o CNE comprove a legitimidade da eleição.

O fato é que, em Maduro, o presidente brasileiro tem uma batata quente na mão. Seu governo liderou, com os Estados Unidos, uma tentativa de domesticá-lo com um acordo no qual o venezuelano se comprometeu a respeitar as regras eleitorais. Foi um passo e tanto — para Maduro. Ele se beneficiou do alívio temporário trazido pela retirada de algumas sanções econômicas (já suspensa) e pôs-se imediatamente a descumprir o prometido: amordaçou a oposição, prendeu candidatos e usou de subterfúgios para impedir o avanço de rivais.

Lula, em posição mais do que desconfortável, viu-se obrigado a puxar a orelha do companheiro quando ele falou em "banho de sangue" se fosse derrotado: "Maduro precisa aprender que, quando você ganha, você fica; quando você perde, você vai embora". Ouviu, em resposta, a sugestão de "tomar um chá de camomila". A fraude da reeleição agora era a deixa para o petista — como, aliás, fez Joe Biden — denunciar o artifício e reafirmar seu compromisso com a democracia. Optou pelo caminho errado e espera-se, por isso, certa saia justa quando se encontrar com Boric no Chile, na segunda-feira 5. "Não cabe meio-termo. Ou se comprova que o processo na Venezuela foi legítimo, ou foi fraude", afirmou a VEJA uma fonte no Itamaraty.

Os meses anteriores à eleição foram pródigos em acusa-

JUAN BARRETO/AFP

SINTONIA Lula, com Chávez: o petista está na berlinda após anos de apoio ao regime vizinho

ções de irregularidades por parte do governo. Os meios de comunicação estiveram sob censura, e a imensa população residente no exterior viu-se, na prática, impedida de participar. Principal líder da oposição, a ex-deputada María Corina Machado foi levada a julgamento por suspeitíssima denúncia de sonegação de impostos e acabou impedida pela Suprema Corte (controlada por Maduro) de concorrer a qualquer cargo por quinze anos. María Corina soube transferir sua popularidade para o veterano diplomata González, um completo desconhecido que, colado a ela, disparou nas pesquisas. Os dois prometem fortalecer a iniciativa privada (ela é admiradora de Margaret Thatcher) e modernizar o arcaico Estado socialista erguido por Chávez.

Anunciando-se como insurgente contra as elites petroleiras corruptas que governavam o país, Hugo Chávez chegou ao poder em 1999 prometendo trazer "a democracia para mais perto do povo". Montou um sistema pelo qual o presidente resolvia diretamente os problemas dos cidadãos, distribuindo favores — um emprego, um empréstimo, uma casa —, o alicerce do movimento populista que ganhou seu nome. Personificação do poder, Chávez aumentou o campo de ação do Executivo e enfraqueceu as instituições. "Continuou popularíssimo, tanto pelo culto à personalidade como pela bonança econômica trazida pelos altos preços do petróleo", diz Alejandro Velasco, historiador da Universidade de Nova York. Chávez morreu de câncer em 2013, e Maduro, herdeiro sem o carisma do antecessor, ainda por cima acossado pela derrocada da renda do óleo (a Venezuela tem as maiores reservas comprovadas do mundo), apelou ao loteamento das estatais entre amigos e militares e à repressão de dissidências para se manter no poder. "A ditadura foi ficando escancarada", resume Velasco.

Sob Maduro, a Venezuela derreteu de vez. Outrora a quinta maior economia da América Latina e sexto principal parceiro do Brasil (hoje é o 44º), viu seu PIB encolher 80%, sendo atualmente equivalente ao da cidade do Rio de Janeiro. Castigada pela crise econômica, pelo despotismo e pela penúria, boa parte da população deixou o país — a diáspora venezuelana, uma das maiores do pla-

JEAN CATUFFE/GETTY IMAGES

GASTON BRITOS/EFE

KAY NIETFELD/DPA/GETTY IMAGES

REJEIÇÃO Milei, da Argentina, Lacalle Pou, do Uruguai, e Boric, do Chile: condenação internacional veio de todo lado

neta, é calculada entre 5 milhões e 8 milhões de pessoas abrigadas em países como Colômbia, Estados Unidos e Brasil. Observadores temem que o endurecimento do regime desencadeie uma nova fuga em massa: segundo pesquisa recente, um terço da população restante cogita ir embora se o governo não mudar. "Maduro não vai abrir mão do poder porque corre risco de ir parar na prisão", afirma Geoff Ramsey, observador do Atlantic Council, de Washington. "Tanto ele quanto boa parte da cúpula militar estão sendo investigados pelo Tribunal Internacional de Haia", acrescenta o pesquisador David Smilde, especialista em Venezuela.

Depois de anos sob escassez extrema, a liberalização de alguns setores da economia trouxe certo alívio, mas quase tudo continua caro demais para o cidadão comum. Oito em dez venezuelanos vivem abaixo da linha da pobreza, e o salário mínimo, de cerca de 3 dólares por mês, resulta em alta dependência de benefícios como vale-refeição e gasolina subsidiada. O ditador culpa as sanções contra o regime pelas agruras econômicas, embora a crise tenha origem bem antes do bloqueio de 2019. Com controle total sobre as instituições e a corda no pescoço, prevê-se que seja muito difícil expurgar Maduro do Palácio de Miraflores. “Ele aprendeu a operar sob isolamento político e econômico internacional”, avalia Rebecca Hanson, professora do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade da Flórida —, sem falar no suporte oferecido por uns e outros amigos inabaláveis. No cenário mais encorajador, as Forças Armadas, diante da revolta nas ruas, retirariam seu apoio a Maduro (o comando já declarou que ele é total e irrestrito), forçando-o a sair, e, mediante ampla anistia, concordariam com a implantação de um governo de transição. Faltaria, no caso, combinar com María Corina, com González — e com Maduro. O Brasil, com sua posição de liderança na América do Sul, terá papel determinante no jogo de interesses dos próximos dias. Tomara que acorde de vez e mova as peças na direção certa. ■

VILMA GRYZINSKI

O VÍCIO NO CHAVISMO

A esquerda brasileira não consegue se livrar dessa praga

LEMBRAM-SE de quando a esquerda defendia a liberdade, a democracia e os direitos humanos? Na verdade, essa esquerda nunca existiu. Como combateu ditaduras de direita na América Latina, desenvolveu o mito de que era uma força heroica, defensora de tudo o que é bom e nobre — e, realmente, muitos jovens idealistas tinham um grande espírito de sacrifício e dedicação à causa à qual se entregavam. Quem não conseguiu fazer a caminhada em direção a uma análise realista de como a esquerda dividia o mundo entre aliados (União Soviética e correlatos, até seu amargo fim) e inimigos (Estados Unidos), acabou ficando formidavelmente para trás. E acabou também apoiando uma figura execrável como Nicolás Maduro, uma espécie de imitador barato de Chávez — tanto o seu antecessor como o ingênuo personagem do humorista mexicano.

"O vício na União Soviética é tão difícil e tenaz quanto qualquer outro vício", escreveu Arthur Koestler, um dos pensadores convidados para a coletânea intitulada em in-

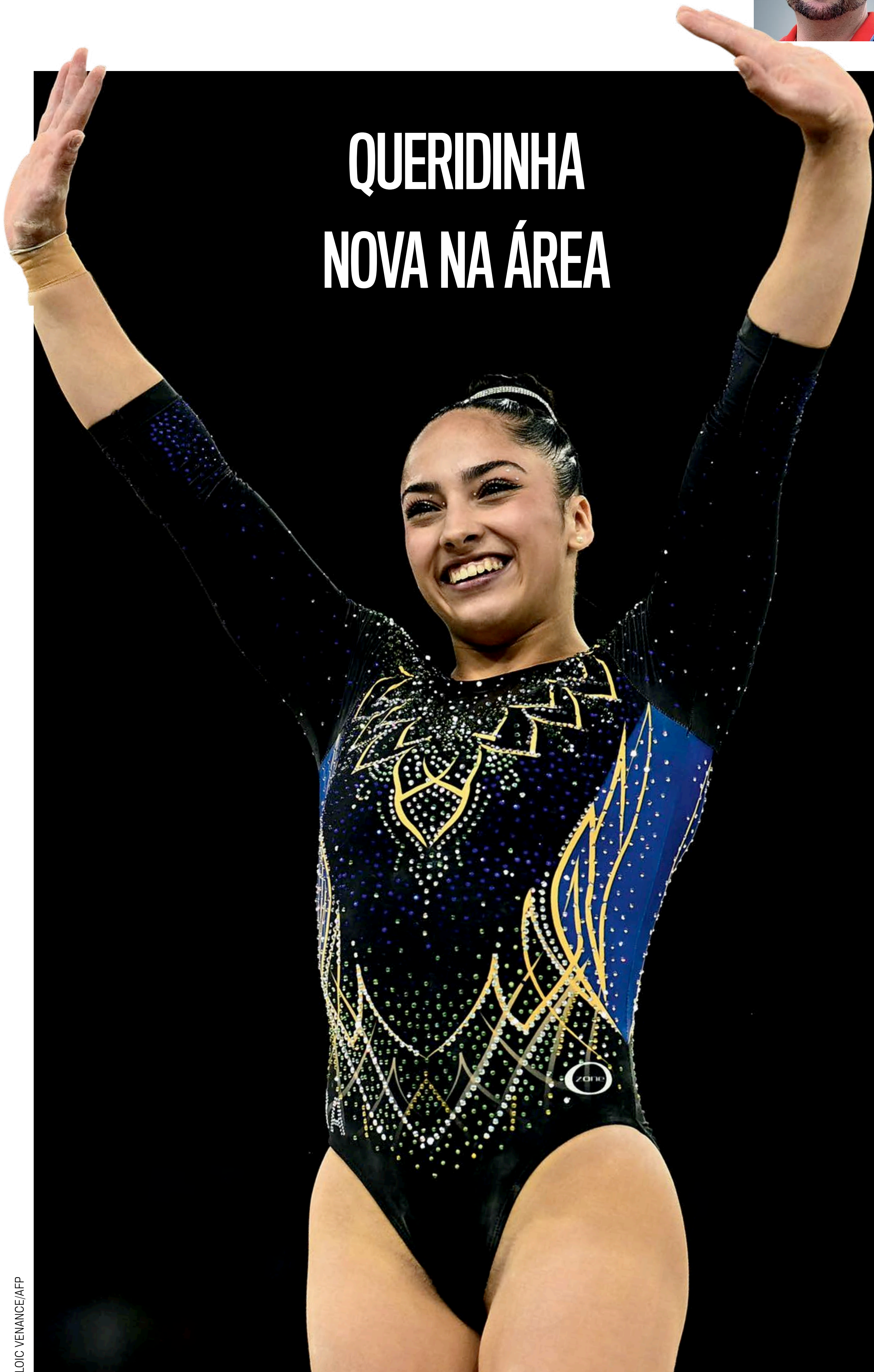
glês *The God that Failed* (O Deus que Fracassou). O organizador dos ensaios foi o inglês Richard Crossman. O livro foi publicado em 1949, trinta anos depois do começo do experimento soviético, e teve uma importância considerável no longo, às vezes incompleto, processo de autocrítica dos intelectuais de esquerda por apoiarem um dos regimes mais repressivos da história da humanidade, com o cálculo mais baixo cravando 20 milhões de mortos entre 1917 e 1987.

A farsa latina na Venezuela não teve esse caráter assassino. Usou o método de deixar sair do país os insatisfeitos, quando não desesperados com a hecatombe econômica — já se foram, no mínimo, 5,5 milhões, num país de 30 milhões de habitantes. Hugo Chávez também foi legitimamente eleito em 1999, seduzindo o público com o carisma dos caudilhos que são a maldição da América Latina. O culto à personalidade, ridículo para quem via de fora, mas efetivo a ponto de muitos pais venezuelanos vestirem seus filhos de "Chavecitos", foi abrindo caminho ao autoritarismo e ao complexo

"O culto à personalidade foi abrindo caminho ao autoritarismo e ao complexo de Deus"

de Deus. O processo aumentou depois de sua morte, chamada por Maduro e correlatos de “transição para a imortalidade”. Disse certa vez uma representante do partido bolivariano: “Pai Chávez que estás no céu, na terra, no mar e em nós representantes...”. Seria de dar risada se não fosse o sofrimento bíblico do povo venezuelano, um detalhe que os viciados no chavismo, desiludidos com o desmoronamento soviético, não conseguiram levar em consideração, convictos de que, caso contrário, estariam “fazendo o jogo da direita”.

O húngaro Arthur Koestler entrou no Partido Comunista da Alemanha em 1931 e saiu em 1938, horrorizado com o stalinismo. Foi chamado de agente do capitalismo por colaborar com propaganda anticomunista da inteligência britânica. Tanto ele quanto Richard Crossman analisaram a identidade entre a crença férrea dos comunistas que tudo perdoavam no stalinismo e a entrega exigida pela religião. “O noviço comunista, sujeitando sua alma à lei canônica do Kremlin, sentia algo semelhante à liberação que o catolicismo também traz para o intelectual, sobrecarregado e afligido pelo privilégio da liberdade”, escreveu Crossman. “Deus colocou a mão para que eu seguisse na missão”, disse Maduro, com o cinismo redobrado ao abandonar qualquer pretensão de imitar alguma coisa parecida com a democracia. Foi ele falar e as estátuas de Chávez começaram a ser derrubadas. ■

QUERIDINHA NOVA NA ÁREA

LOIC VENANCE/AFP

Se Rebeca Andrade é a estrela incontestável da equipe brasileira de ginástica artística, **JULIA SOARES,** 18 anos, já ocupa o posto de revelação. A atleta, que se destaca em competições desde 2018, conquistou mais de 1 milhão de novos seguidores em apenas 48 horas, aumento de 2 000%, após garantir uma vaga na disputadíssima final da trave de equilíbrio na Arena Bercy. O feito tem peso de ouro, já que pode render polpudos patrocínios durante e depois dos Jogos. A prima-dona Rebeca, com seus 3,6 milhões de fãs virtuais, tem faturado alto a cada *selfie* tirada em Paris. O sucesso digital de Julia também é fruto da escolha da trilha de sua apresentação no solo. A atleta misturou o clássico *Cheia de Manias,* do Raça Negra, com *Milord,* de Edith Piaf, e ganhou a simpatia de brasileiros, franceses e até do grupo de pagode. “Levei um susto, não esperava tanto seguidor. Quero agradecer a todas as mensagens”, disse ela, ainda à espera de contratos.

UM LÁ, OUTRO CÁ

Separados há 23 anos, **TOM CRUISE,** 62 anos, e **NICOLE KIDMAN,** 57 anos, seguem causando frisson quando surgem, vez ou outra, no mesmo evento. Dessa vez o ex-casal 20, que abalava Hollywood na década de 1990, agitou os Jogos de Paris. Mantendo, como sempre, a distância regulamentar, ele apareceu nas preliminares da ginástica artística feminina, e ela, na plateia da final do skate feminino. Tom vibrou com a impressionante performance do maior nome da equipe americana, Simone Biles. Já a atriz, ao lado do marido, Keith Urban, empolgou-se com a conquista do bronze de Rayssa Leal e fez até ola com a torcida. Em ambos os casos, quando um desavisado se dava conta de estar próximo às estrelas, a empolgação logo virava vídeos nas redes sociais. "Quase surtei, vim ver Rayssa e estou fazendo ola com Nicole", comemorou a brasileira Cândida Ivih no X.

PASCAL LE SEGRETAIN/GETTY IMAGES

JEAN CATUFFE/GETTY IMAGES

MANAN VATSYAYANA/AFP

TUBARÃO NA ÁGUA

Os franceses fizeram fila quilométrica, com direito a cartazes, faixas e bonecos de papelão, para ver o primeiro ouro olímpico de **LÉON MARCHAND,** 22 anos. Chamado de "Phelps francês", em alusão ao americano que conquistou 37 recordes mundiais, ele é líder de popularidade entre os jovens que lotam a Arena La Défense para vê-lo superar os adversários com poderosas braçadas. Até Lady Gaga e Serena Williams foram ver de perto o fenômeno chegar mais de 5 segundos à frente do segundo colocado. O tempo de prova foi tão bom que Léon pulverizou em quase 1 segundo o recorde olímpico de Michael Phelps, nos 400 metros medley, estabelecido em Pequim, em 2008. "O sonho se tornou realidade", disse o francês, que usa um emoji de tubarão como símbolo nas redes sociais. A julgar pelo seu apetite na água, nada mais apropriado.

NU COM A MÃO NO BOLSO

JOHN WALTON/PA IMAGES/GETTY IMAGES

Não chega a ser novidade: além de se submeterem a treinamentos extenuantes, os atletas da elite dos esportes com menos apelo junto ao público têm de se virar para viver com o dinheiro contado. Mas o britânico **JACK LAUGHER,** 29 anos, que compete nos saltos ornamentais, elevou os sacrifícios a outro patamar. Mesmo tendo ganhado ouro, prata e bronze nos Jogos do Rio, em 2016, e de Tóquio, em 2021, precisou se lançar em plataformas bem mais quentes do que aquelas de onde salta de 3 metros de altura. Há alguns meses ele tirou a sunga e passou a se expor como veio ao mundo no OnlyFans, rede de publicações de conteúdo adulto. O saltador até reconhece que o trabalho extra pode ser malvisto, mas se diz “confortável” com a escolha. “Faço de tudo para conseguir uma verba”, lamentou ao *The Sun.*

SE A MEDALHA FOSSE PARA POSE...

Ao ganhar as páginas dos tabloides europeus, que não abandonam a verve machista e insistem em eleger a "musa estrangeira em Paris", a nadadora paraguaia **LUANA ALONSO,** 20 anos, viveu seu momento de fama. Deu entrevistas, distribuiu *selfies* por onde passava e posou para ensaios fotográficos tendo Paris como cenário. Só faltou mesmo mostrar que era tão boa na piscina quanto de rede social.

INSTAGRAM @LUANAALONSOM

Na classificatória dos 100 metros borboleta ficou em sexto lugar, com 0,24 segundo atrás da quinta colocada, sendo sumariamente eliminada. Saiu fazendo beicinho para a TV e anunciando que iria pendurar a touca e o maiô, apesar da pouca idade. "É oficial. Estou me aposentando. Desculpe, Paraguai", limitou-se a dizer, irritada, antes de rumar às ruas da capital francesa a tempo de mais um clique. Se pose fosse modalidade olímpica, era ouro na certa. ■

TENSÃO OLÍMPICA

Em um mundo chacoalhado por guerras e rachado pela polarização, os Jogos de Paris refletem o nosso tempo – e o que não falta é torcida na arena da política

MONICA WEINBERG E **FÁBIO ALTMAN,** de Paris

CADÊ O FUTEBOL? Partida Israel X Mali: vaias e grito de "Palestina livre"

MAJA HITIJ/GETTY IMAGES

A abertura da Olimpíada sobre as águas do Sena não havia nem acontecido quando, no primeiro dia de competições, em 24 de julho, uma partida de futebol entre Israel e Mali já dava a elevada temperatura sob a qual esses Jogos de Paris transcorrem — e não é a do inclemente verão canicular que se anuncia. O duelo esportivo foi tomado por uma batalha em outro campo. Vaias ecoavam no estádio durante o hino nacional israelense. A resposta veio com gritos: "Israel, Israel!". Bandeiras da Palestina eram agitadas na arquibancada, e torcedores vestiam camisas com um bordão em inglês: "Free Palestine", uma Palestina livre. Estava ali uma amostra da alta tensão que emoldura o torneio, e à qual ele não é impermeável, ao contrário: o evento de alcance planetário é caixa de ressonância do mundo que chacoalha à sua volta.

Quando o barão Pierre de Coubertin revirou o baú dos gregos e repaginou as Olimpíadas para a era moderna, em 1896, desencavou a ideia da trégua olímpica, a antiga tradição segundo a qual os conflitos eram interrompidos sete dias antes e sete dias após o torneio. Funcionava, mas revelou-se utópico no intrincado tabuleiro geopolítico dos séculos XX e XXI. Ainda que a Carta Olímpica sugira, em texto vago e intencionalmente ingênuo, a neutralidade em nome da paz, o esporte nunca mais fez cessar tiros e bombas, misturando-se às circunstâncias políticas que o rodeiam. O planeta que os Jogos encaram agora não é para amadores, rachado por conflitos sangrentos e sob as fissuras da polarização. "Vivemos provavelmente o mais tenso

NATHAN LAINE/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

CORTEM-LHE A CABEÇA Uma Maria Antonieta moderna ao som de *Ça Ira:* ideologia já na abertura

momento visto desde o final da Guerra Fria, e não há como isso não se refletir na Olimpíada", disse a VEJA Lukas Aubin, especialista em geopolítica nos esportes do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas da França.

Ao longo destes dias, a preocupação em não deixar a ebulição manchar a festa se manifestou em palcos como o Palais de l'Élysée, sede da Presidência, onde o presidente Emmanuel Macron externou a uma plateia de estrangeiros, entre *ça vas* protocolares e acepipes, algo que vem atormentando a todos desde o marco zero. "Espero que as guerras que sacodem o mundo não estraguem o que é para entreter

e unir os povos", disse. São palavras lançadas ao vazio em meio à confusão que ele próprio armou, na véspera da festa, pondo fogo na pira política. Em incompreensível xadrez, Macron dissolveu a Assembleia Nacional por estar enfraquecido — e mais fraco ficou. A França tem um primeiro-ministro demissionário e não consegue escolher o sucessor.

O banzé local somou-se ao nervosismo internacional. Um dos vespeiros mais sensíveis é o da guerra entre Rússia e Ucrânia, em que o Comitê Olímpico Internacional (COI) meteu a colher ao decidir banir os russos e, por tabela, seus aliados bielorrussos. Os pouco mais de trinta atletas das duas nacionalidades que duelam por medalhas competem sem bandeira nem hino. Não têm apoios de comitês olímpicos nacionais, já que o COI decidiu penalizá-los por terem reconhecido organizações esportivas em territórios ucranianos anexados ilegalmente, movimento vetado pela Carta Olímpica. O COI já vinha há tempos analisando o veto à Rússia, e o martelo foi enfim batido em dezembro passado. Vladimir Putin reagiu: "Vou fazer a minha própria Olimpíada".

O argumento dos dirigentes da vetusta entidade: a Rússia invadiu a Ucrânia entre os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de Inverno em Pequim, em 2022, rompendo com a trégua imaginária. Os ucranianos, instalados em prédio discreto na Vila Olímpica, recomendaram a seus atletas, por vias oficiais, que "mantivessem o máximo de distância possível" dos esportistas inimigos. Abertamente pró-Ucrânia, a prefeita de Paris, Anne Hidalgo, chegou a esbravejar: "Por mim,

KEVIN VOIGT/GETTYIMAGES

PROCURA-SE Cartazes com o rosto de Putin espalhados pela cidade: a banida Rússia é um dos grandes espinhos olímpicos

eles nem vinham”. Nas ruas da cidade, avistam-se cartazes de “procura-se” com o rosto de Putin estampado.

A chegada dos atletas de Israel, que trava um mortal conflito com o Hamas, reafirme-se, atiçou a polêmica. Logo de saída, um deputado da extrema esquerda francesa disparou: “Vocês não são bem-vindos”. Macron teve de vir aos holofotes reforçar que, muito pelo contrário, os israelenses terão boa acolhida. Na Vila, andam sem uniforme, de modo a não ser identificados, e são monitorados de perto por um grupo de agentes de segurança cujo tamanho não foi revelado. “Pensar o esporte como atividade apolítica é um mito”, diz Jean-Baptiste Guégan, especialista da faculdade Sciences Po, em Paris.

Nenhuma Olimpíada pode ser uma ilha. São arenas saudáveis para o exercício da política e podem servir, inclusive, de terreno fértil para germinar boas bandeiras e trazer à luz expressões inaceitáveis do poder. Foi assim com a exclusão dos Jogos da África do Sul em plena era do apartheid, de 1964 a 1988. O veto à presença da Alemanha, depois das duas grandes guerras mundiais, também representou castigo (muito bem dado, aliás) em favor dos direitos humanos, que o país havia demolido. Foram decisões corretas, carbono de seu tempo, embebidas da ideologia que os cartolas juram neutralizar.

Os Jogos ajudam a contar os passos e tropeços do vaivém diplomático e bélico. A vitória do velocista americano negro Jesse Owens, em 1936, foi um tapa na cara do racismo de Hitler, com o nazismo em ascensão. Os punhos erguidos dos "panteras negras" John Carlos e Tommie Smith no pódio da prova dos 200 metros rasos, em 1968, tinham as feições daqueles anos agitados. Ambos perderam as medalhas, mas o mundo girou, e Smith foi recebido como herói pelos franceses no início de 2024. Em 1972, o ataque terrorista do grupo palestino Setembro Negro deflagrou uma crise mundial e iluminou enrosco ainda sem solução. Os boicotes de 1980 (dos americanos e seus amigos contra os soviéticos) e de 1984 (o revide dos comunistas) serviram igualmente como rascunho dos impasses da humanidade.

Pouco depois da sabotagem nos trens parisienses, a abertura no Sena, que se desenrolou sob alerta máximo de terro-

BETTMANN/GETTY IMAGES

BETTMANN/GETTY IMAGES

ESPELHO DA HISTÓRIA
Punhos erguidos dos "panteras negras" em 1968 *(à esq.)* e o ataque terrorista de 1972: política na veia

rismo, também deu seu mergulho de enciclopédia, ao atravessar capítulos de sangue da civilização, como o da Revolução Francesa, embalado pela canção *Ça Ira* ("Ah, ficará bem, ficará bem, os aristocratas vamos enforcar"). Uma Maria Antonieta moderna e teatral despontou de cabeça cortada. A jornada lúdica pôs em cena, ainda, a diversidade de gêneros, com uma Santa Ceia de drag queens, em postura que Coubertin consideraria inaceitável. E o que dizer dos enfáticos gritos aos pés da Torre Eiffel de "Viva a Ucrânia, viva a Palestina"? Na Olimpíada de Paris, o que não falta é torcida. Tudo é política. ■

LÁ VEM ELE Noah Lyles, cuja irreverência faz bem para o renascimento da prova: “Por que não posso chegar lá?”

PERTO DO LIMITE

O início das provas de atletismo reabre uma fascinante discussão: quão veloz o ser humano é capaz de correr a mais mítica das distâncias, a de 100 metros? **FÁBIO ALTMAN,** de Paris

TIM CLAYTON/CORBIS/GETTY IMAGES

PATRICK SMITH/GETTY IMAGES

LÁ VEM ELA A americana Sha'Carri Richardson: favorita à medalha de ouro

DESDE OS PRIMÓRDIOS, o ser humano corre — atrás de uma caça, para escapar de um predador, anunciar a vitória contra os persas, pegar um ônibus e também dentro das pistas de estádios. Não há, no atletismo, modalidade mais celebrada do que os 100 metros rasos, âncora de toda Olimpíada, ímã de atenções globais. A distância é celebrada por servir de régua para nomear o homem e a mu-

RÁPIDOS COMO O VENTO

A evolução dos recordes mundiais dos 100 metros

Jim Hines (EUA)
Cidade do México, 1968
9s95

↓

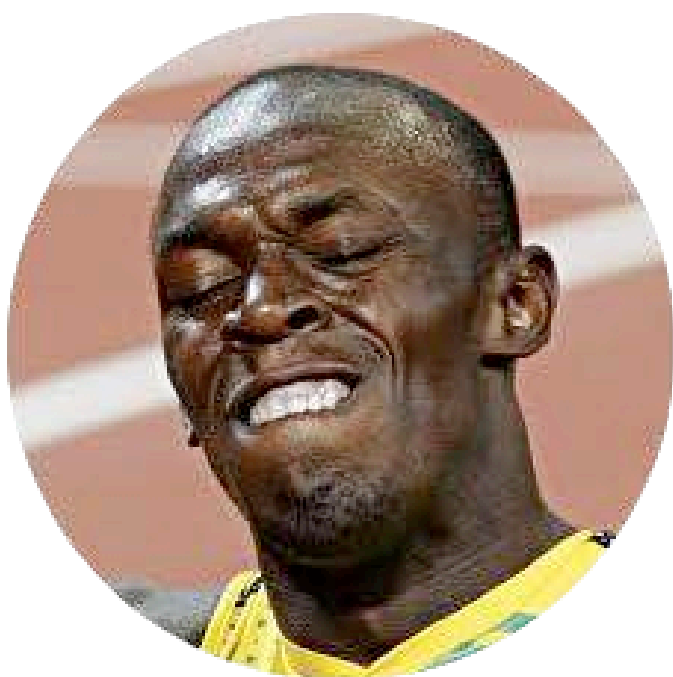
Carl Lewis (EUA)
Tóquio, 1991
9s86

↓

Maurice Greene (EUA)
Atenas, 1999
9s79

↓

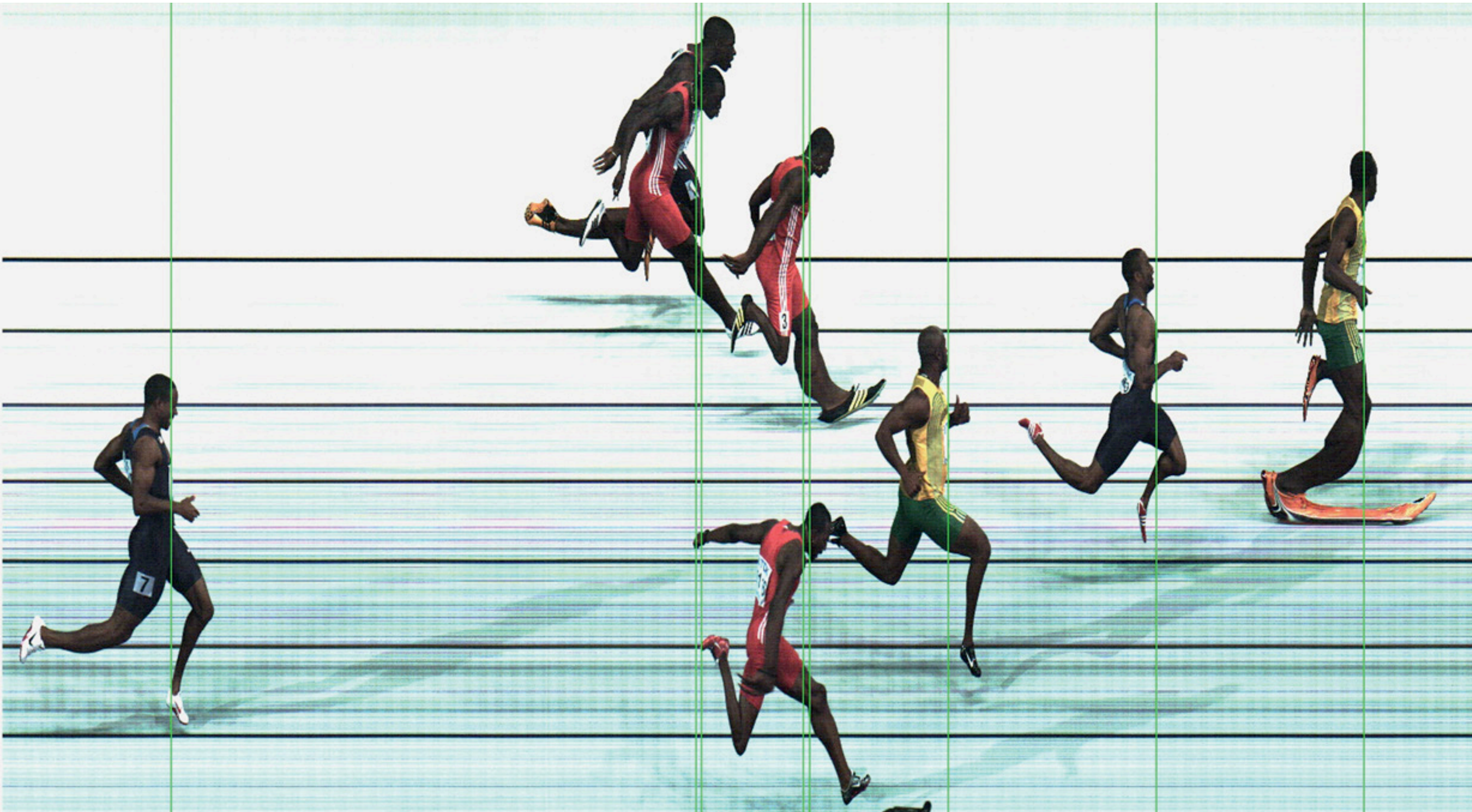
Usain Bolt (JAM)
Pequim, 2008
9s69

↓

Usain Bolt (JAM)
Berlim, 2009
9s58

lher mais rápidos do planeta. Olho, portanto, neste sábado, 3 de agosto, na final feminina, e domingo, 4, na masculina. Entre elas, as favoritas para o pódio são Sha'Carri Richardson, dos Estados Unidos, Shelly-Ann Fraser-Pryce, da Jamaica, e Julien Alfred, de Santa Lúcia. Entre eles, aposta-se em Noah Lyles, dos Estados Unidos, Kishane Thompson e Oblique Seville, ambos da Jamaica.

O tiro dos homens, por ser um tantinho mais rápido e por centenas de anos de tradição machista, sempre foi mais celebrado. Não há na Olimpíada de Paris, entre os velocistas, nome mais interessante do que Lyles, cuja iconoclastia pode devolver a magia perdida às raias de linha reta desde que Usain Bolt abandonou o esporte, logo depois dos Jogos do Rio, em 2016. Como tudo é questão de tempo, já não basta o ouro. Trata-se de baixar marcas, e Lyles não esconde a ambição: bater o recorde mundial.

Em 2009, há quinze anos, Bolt cravou 9s58. Em julho deste ano, Lyles fez 9s81. É uma eternidade de diferença, mas ele vem voando. Kishane Thompson tem 9s76, anotado em junho, mas com vento acima da média. Oblique Seville já cruzou a linha de chegada a 9s82. Seria espetacular se o feito de Bolt virasse pó, agora, e um dia isso acontecerá — mas a pergunta de 1 milhão de dólares, mãos dadas com a ciência, é outra: qual o limite dos 100 metros? Dito de outro modo: quão rápido seria possível corrê-los, até o ponto de congelamento? Há quem diga que Bolt — ao associar largada perfeita, velocidade má-

SEIKO PRESS SERVICE/GETTY IMAGES

RECORDE DE 2009 O raio Usain Bolt: velocidade máxima durante 3 segundos

xima durante 3 segundos e pernas compridas, além do sorriso — seria o teto. Estudos recentes, porém, sugerem surpresas, e em algum momento breve o cronômetro será parado antes.

Um reputado estudo do professor Mark Denny, da Universidade Stanford, dos Estados Unidos, indica 9s48 — 10 centésimos de segundo abaixo do mítico número de Bolt. O pesquisador chegou a essa constatação depois de puxar informações de um imenso banco de dados atrelado a levantamentos de fisiologia e esforço. Há um obstáculo humano, demasiadamente humano: para encurtar os ponteiros, é preciso aceleração, e isso depende

da força com que os pés tocam o chão. Nesse aspecto, a fronteira está muito próxima: ir com mais força do que Bolt, no trote inigualável, pode romper ligamentos e destruir joelhos. Mas há vantagens que podem compensar, como o aprimoramento dos treinamentos e a evolução dos calçados, cada vez mais leves e anatômicos. Instado a comentar os trabalhos científicos que indicam a velocidade máxima, Lyles ironiza, a seu modo: “Por que não posso chegar lá?”, disse. “Meu corpo não conhece a história do mundo, basta desligar a mente e correr, porque coisas incríveis podem acontecer.”

Se tudo der errado, e em Paris a corrida temporal ainda deixar o gênio jamaicano no topo do topo, dois corpos à frente de quem vinha atrás dele, uma dica: acompanhar os 200 metros masculinos, em 8 de agosto. O recorde mundial é de... Bolt, com 19s19. Entre os atletas ainda em atividade, quem chegou mais perto é... Noah Lyles, com 19s31. Em entrevista a VEJA, antes dos Jogos cariocas, Bolt foi direto ao ponto: “Acho difícil, nos próximos anos, alguém correr menos do que os 9s58 dos 100 metros, mas os 200 metros logo serão alcançados”. A oportunidade está logo aí, no Stade de France. Nas duas provas rapidíssimas, o silêncio imposto antes da largada será a antessala de instantes únicos, que passam rápido, zás-trás, mas duram para sempre. O céu é o limite, mas só saberemos no futuro — daí o fascínio da evolução atlética. ■

SOU GORDA, BONITA E SAUDÁVEL

A apresentadora Letticia Munniz, 34 anos, conta como superou a bulimia e se tornou voz ativa contra a gordofobia

QUANDO CRIANÇA, era tão magra que me chamavam de Olívia Palito, a noiva esquálida do Popeye. Mas um pouco antes da puberdade, aos 10 anos, meu corpo começou a mudar radicalmente. O collant que usava para praticar ginástica artística, esporte pelo qual sou apaixonada, foi ficando apertado, e eu, cada vez mais envergonhada diante de comentários maldosos dos familiares. "É só fechar a boca", diziam, como se a culpa fosse minha, por comer demais. A pressão era tanta que abandonei de vez as piruetas. A partir daí, desenvolvi transtornos alimentares e me entreguei a dietas malucas que prometiam a silhueta perfeita. Com bulimia, tomava laxantes e vomitava após as refeições. Passava horas na esteira para perder peso. Aos poucos, o amor que tinha pela atividade física se

transformou em obsessão doentia. Mas uma foto da modelo plus size americana Ashley Graham, com a qual me deparei, me fez abrir os olhos. “Que mulher bonita!”, pensei — e me convenci de que também havia beleza em mim. Hoje, estou na TV e ilustro a capa das revistas mais cobiçadas do país.

Esse percurso, porém, não foi nada fácil. Quando a gente se acostuma a ter comportamentos destrutivos, a vida saudável parece estranha. Enquanto era magra, ninguém me questionava sobre a minha saúde, que, por sinal, estava péssima. Agora que fiz as pazes com a balança, essa é a pergunta que mais escuto. Entendi que o meu biotipo não tem barriga chapada e é cheio de curvas e decidi mostrar a outras pessoas que é possível ser gorda, saudável e bonita. Comecei a compartilhar mensagens nas redes sociais falando de autoestima e do meu processo de aceitação do próprio corpo. A cada relato, o número de seguidores crescia, até que acabei atraindo uma legião de mais de 1 milhão de fãs. O sucesso chamou a atenção de uma agência de modelos. Logo eu, que queria trocar o meu corpo pelo delas. Aceitei o desafio de me lançar nessa carreira e, de degrau em degrau, fui conquistando meu espaço nos editoriais de moda.

Infelizmente, esse ambiente ainda não é diverso e inclusivo. Sofri gordofobia explícita e velada. Era normal que eu só tivesse três looks para vestir, enquanto outros modelos provavam mais de dez. Chorava muito por isso, não entendia como marcas que se diziam inclusivas po-

diam agir de maneira tão dolorosa. Ergui minha voz mais uma vez, batendo de frente com os donos das empresas, reforçando a importância de as roupas se adequarem aos corpos, não o contrário. Alguns me escutaram, outros não. Lidar com o preconceito cara a cara me fez mudar o rumo e resolvi que focaria meu trabalho em publicidade e parcerias nas redes. Logo fechei um contrato com a Nike, empresa líder no segmento esportivo. Quando é que uma pessoa gorda pensaria que isso seria possível? Eu, certamente, não pensaria.

Fazer publicidade para marcas famosas e estar em capas de revista, inclusive em publicações que, por anos, venderam a imagem do corpo perfeito, me emociona. Mas também me rendeu ataques, ainda repletos de preconceito. Nutricionistas e treinadores se sentiram à vontade para dar pitacos sobre o meu corpo. Diziam que eu era uma mulher doente e que não servia de exemplo para ninguém. Achei graça. Minha rotina é repleta das mais variadas atividades físicas: corro, remo, sapateio e faço musculação. Tudo acompanhado de uma alimentação balanceada e de uma equipe médica que me auxilia. Virei assistente de palco do *Domingão com Huck*, na TV Globo, e agora sou atriz. No passado, corpos gordos eram ridicularizados. Hoje, inspiram a mulherada nas tardes de domingo. Esta é a minha bandeira: mostrar que há beleza (e muita vida) além da magreza. ■

Depoimento a Paula Freitas

SINAL DE PERIGO

Após provocar as primeiras mortes, a febre oropouche, transmitida por mosquitos, leva as autoridades a aumentar os sistemas de vigilância contra a doença **PAULA FELIX**

EM FOCO Mosquito-pólvora: o principal transmissor do vírus oropouche, ao lado do pernilongo

GREGORY S. PAULSON/CULTURA CREATIVE/AFP

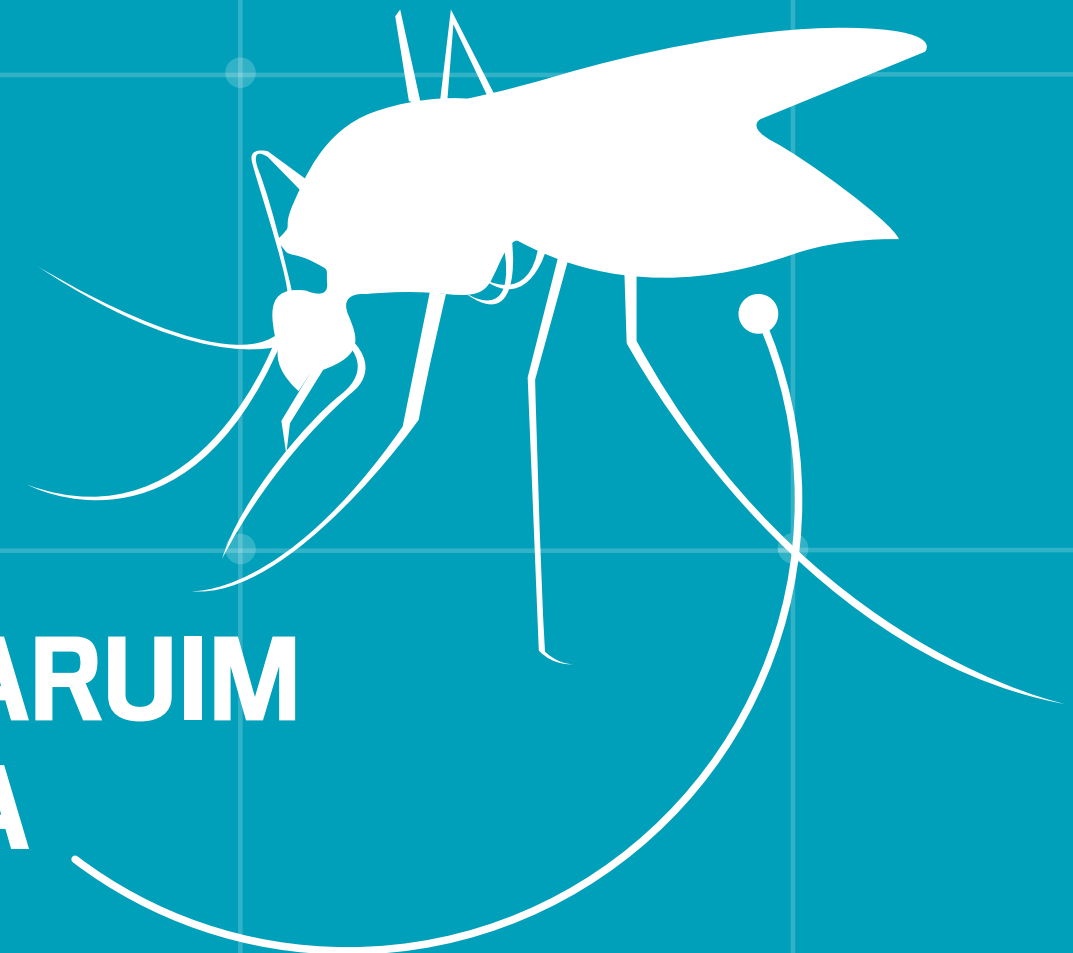
EM 2017, o ano em que se encerrava a emergência global pelo vírus zika e seu devastador rastro de 4 595 bebês nascidos com malformação craniana, uma voz se elevou para apontar o risco de outro patógeno propagado por insetos — e até então circunscrito à Região Norte — se disseminar e causar pânico. Em uma reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), o infectologista Luiz Tadeu Moraes Figueiredo, professor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP, cravou: “O oropouche é um vírus que pode emergir a qualquer momento e provocar um sério problema de saúde pública”. Exatos sete anos depois, em meio a um surto de arboviroses encabeçado pela dengue, o Brasil se torna o primeiro país a registrar mortes pela doença e investiga episódios de microcefalia e morte fetal ligados à infecção. São elementos suficientes para que os sistemas de vigilância monitorem, cada vez com mais rigor, a moléstia transmitida por mosquitos que já se alastra por vinte estados, somando 7 200 casos.

O vírus oropouche é um velho conhecido do território amazônico e de alguns outros locais nas Américas. Descrito em Trinidad e Tobago em 1955, foi detectado no Brasil em uma amostra de uma fêmea de bicho-preguiça resgatada nas obras da rodovia Belém-Brasília em 1960. Desde então, surtos pipocaram de tempos em tempos por países como Equador, Panamá e Peru. “É uma zoonose que vinha se mantendo na natureza, entre os animais silvestres, e os casos humanos eram de pessoas que entravam na mata, mas

O RAIO X DA DOENÇA

A infecção provoca sintomas parecidos com os de outras viroses propagadas por mosquitos

CAUSADOR
VÍRUS OROV

TRANSMISSÃO
POR PICADAS, PRINCIPALMENTE DE MARUIM OU MOSQUITO-PÓLVORA

SINTOMAS
FEBRE DE INÍCIO SÚBITO, DOR DE CABEÇA, RIGIDEZ ARTICULAR, NÁUSEAS E VÔMITOS PERSISTENTES

COMPLICAÇÕES
CASOS GRAVES SÃO RAROS, MAS PODEM DESENCADEAR MENINGITE. INVESTIGAM-SE OUTROS DANOS

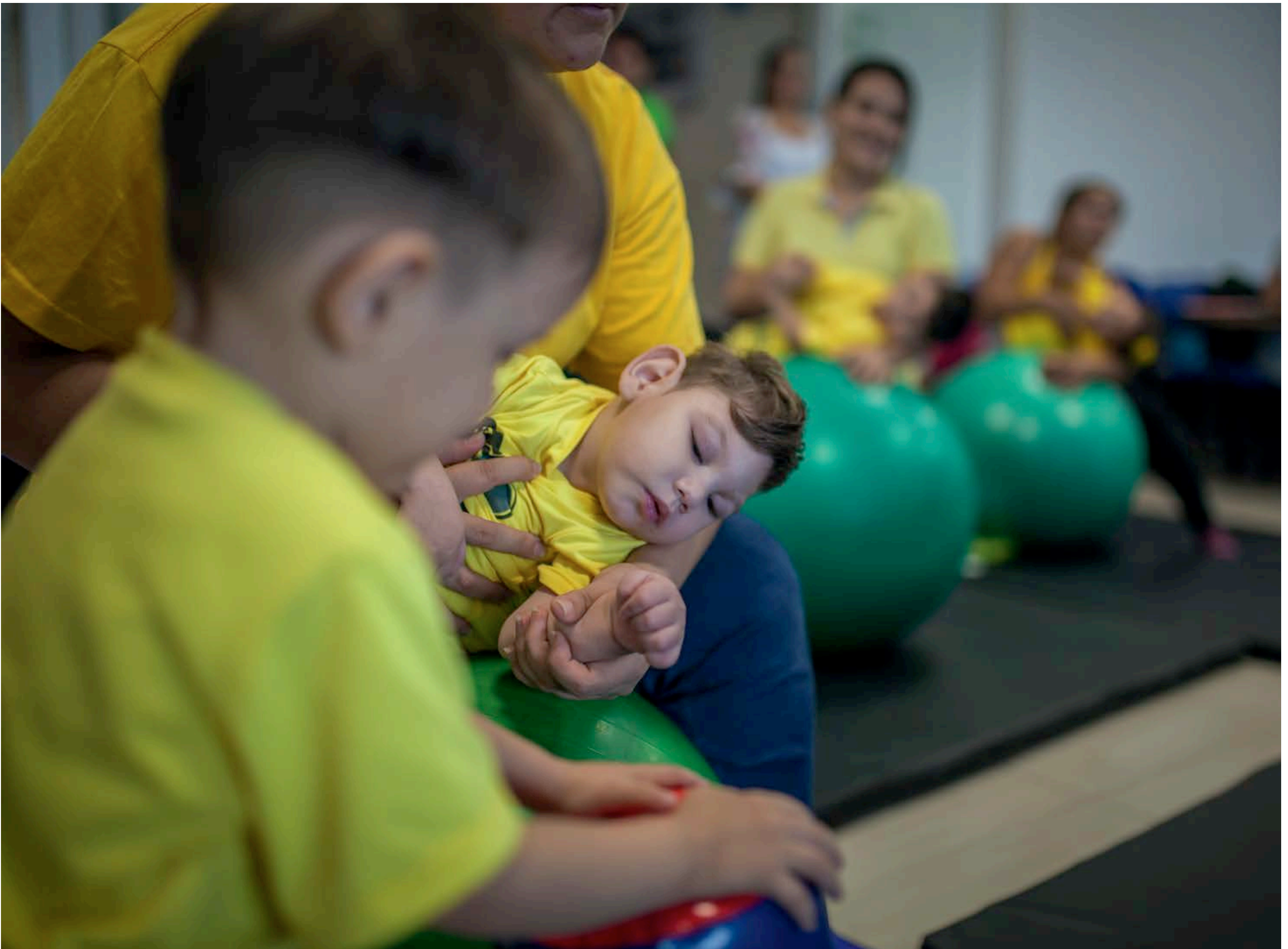
PREVENÇÃO
USAR ROUPAS CLARAS QUE CUBRAM BRAÇOS E PERNAS, INSTALAR TELAS EM PORTAS E JANELAS, TER MOSQUITEIROS NAS CAMAS E UTILIZAR REPELENTES

Fontes: *Jean Gorinchteyn, infectologista do Hospital Israelita Albert Einstein; Ministério da Saúde; Opas*

agora ela se adaptou ao ciclo urbano", diz Figueiredo. "Já tínhamos observado casos na região do Planalto Central, o que nos dava a ideia de que era uma arbovirose que vinha alargando a sua área de influência."

Com o maior surto de dengue da história brasileira, com 6,4 milhões de casos e 4 900 mortes, os holofotes se concentravam nas infecções transmitidas pelo *Aedes aegypti,* o mosquito mais adaptado para levar doenças aos humanos. Ocorre que, na surdina, outra patologia ganhava terreno e escala: uma enfermidade viral que tem como vetor uma pequenina mosca, apelidada de maruim ou mosquito-pólvora. Apesar do aumento na incidência da febre oropouche, a literatura médica pontuava que casos graves eram raros, sendo a complicação mais conhecida a meningite. Mortes não tinham sido notificadas até então. No mês passado, porém, a luz vermelha se acendeu.

O Ministério da Saúde apresentou, em uma nota técnica, os primeiros casos em investigação de microcefalia, aborto espontâneo e morte fetal, trazendo de volta o temor dos impactos do zika para as gestantes e seus bebês. Ao todo, são seis casos de transmissão da mãe para o filho em apuração. Houve reforço na orientação para monitoramento de registros de oropouche em grávidas e recomendação para uso de repelente e roupas que cubram a pele. A Organização Pan-Americana da Saúde também se mobilizou e emitiu um alerta, considerando o fato de Bolívia, Peru, Cuba e Colômbia terem registro da infecção. Na última semana, a preocu-

JUANCHO TORRES/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

TEMOR Microcefalia: investiga-se se a nova moléstia causa malformação congênita

pação decolou com a confirmação da morte de duas mulheres com menos de 30 anos e sem doenças prévias, no interior da Bahia. Um terceiro óbito é investigado.

As notícias bateram na porta das autoridades sanitárias e suscitaram uma onda de medo. Mas há que ponderar e contextualizar o quadro. “Mortes podem ser registradas quando uma doença tem um número maior de acometimentos por causa das respostas individuais”, afirma o infectologista Jean Gorinchteyn, do Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo. Ainda que o oropouche também seja transmitido pelo pernilongo comum (o *Culex),* não há indícios de que

possa ganhar as mesmas proporções da crise do zika. O que não significa que a vigilância e as pesquisas possam dar trégua. “Até porque não se acreditava que ele fosse capaz de matar”, diz Figueiredo.

Nesse sentido, prospera a hipótese de que o vírus se rearranjou geneticamente com outros dois micróbios em circulação na Amazônia, o vírus de Iquitos e o de Perdões, ambos capazes de acometer humanos. “Mas ainda é cedo para afirmar se o oropouche modificado pode levar a sequelas mais complexas”, declarou o biólogo Renato Santana, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que conduziu o estudo junto ao laboratório Hermes Pardini a partir de amostras colhidas em estados afetados. Para evitar que a história se repita como tragédia, a prudência manda ter cautela. Ouvir as vozes da ciência é vital. ■

JOGADA ESPERTA

A nova versão do sistema de inteligência artificial da Meta almeja destronar o ChatGPT e reforça a aposta das big techs em um segmento que não para de evoluir **VALÉRIA FRANÇA**

NO COMPUTADOR Vasto conteúdo: a ferramenta de IA Llama 3.1 foi treinada a partir de uma enorme base de dados

ISTOCK/GETTY IMAGES

O SURGIMENTO do ChatGPT, no fim de 2022, se tornou um divisor de águas no acesso a ferramentas de inteligência artificial (IA). Criado pela OpenAI, do empreendedor do Vale do Silício Sam Altman, o software foi o primeiro a colocar na palma da mão de milhões de pessoas uma espécie de robô capaz de conversar, realizar cálculos, escrever textos e produzir imagens, popularizando uma das tecnologias mais revolucionárias e controversas da atualidade. Como não poderia deixar de ser, foi um sucesso estrondoso. Em apenas três meses, o ChatGPT superou a marca de 100 milhões de usuários. Em 2024, a dona do negócio alcançou 80 bilhões de dólares em valor de mercado, um salto extraordinário para uma empresa nascida há apenas uma década. A concorrência não ficou atrás. Logo o Google apresentou sua ferramenta — o Gemini —, com proposta semelhante. Agora, a bola da vez é a nova versão da IA desenvolvida pela Meta, a Llama 3.1, que promete adicionar recursos à tecnologia.

O lançamento vem causando burburinho porque a Meta é a primeira a apresentar um sistema com os códigos abertos, ou open source, como o modelo costuma ser conhecido. Antes, quem optava por um dos serviços de inteligência artificial não tinha acesso à maneira como essa ferramenta funcionava nem podia fazer alterações em seu modus operandi. Os criadores da Llama, que é voltada para empresas, destacam justamente a vantagem da customização. “Ela permite que o sistema seja adaptado de acordo com as ne-

PRÓS E CONTRAS

Por que o novo modelo promete criar oportunidades em IA

VANTAGENS

Código aberto: *é o único que assegura maior transparência ao sistema*

Gratuito: *os concorrentes ChatGPT, da OpenAI, e Gemini, do Google, dependem de licenças pagas para um funcionamento mais sofisticado*

Maior número de parceiros tecnológicos: *são 25, como Azure e Google Cloud*

DESVANTAGEM

Sistema pesado: *não roda em computadores comuns*

cessidades da companhia, sem a exigência de compartilhamento de dados internos", diz Anderson Rocha, diretor do Laboratório de Inteligência Artificial da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

A Meta anunciou que o modelo foi testado e aprovado cientificamente, tendo sido treinado a partir de uma enorme massa de dados. Com uma base de informações que bebe de diversas fontes e está sempre em expansão, a Llama 3.1 pretende acelerar a busca de soluções pelos usuários, especialmente diante de projetos e problemas mais complexos. "Com essa ferramenta, não se começa do zero, mas com 70% do trabalho feito pela Meta", afirma Tiago José de Carvalho, diretor de tecnologia da Inovia, empresa voltada para a automatização de processos em negócios.

Outro ponto que conta a favor da ferramenta é a gratuidade. Nos sistemas concorrentes, como o ChatGPT, paga-se um valor a cada nova requisição de uso. "Estávamos restritos a um modelo financeiramente mais caro", diz Rose Ramos, CEO e fundadora da Match IT, empresa focada em soluções corporativas. "Agora, ganhamos flexibilidade", afirma a executiva, para quem a Llama deverá abocanhar boa fatia do mercado. Mesmo assim, os gastos de implantação são pesados. A começar pelo fato de que ela não roda em qualquer computador. Uma máquina apta a suportar a Llama 3.1 custa, em média, 90 000 dólares e a mão de obra especializada, 190 dólares a hora.

SEONGJOON CHO/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

EM ALTA Sam Altman, da OpenAI: o mercado tem cada vez mais concorrentes

Da mesma forma que a chegada do ChatGPT mobilizou discussões e polêmicas sobre os limites e perigos da IA, a Llama também desperta preocupação. Ainda que seja louvado por alguns usuários, o modelo de código aberto está longe de ser um consenso. Para alguns especialistas, há ameaças em jogo. Quando uma empresa lança sua ferramenta, ela assume a responsabilidade pela maneira como ela é empregada e treinada. No sistema open source, usuários podem entender como o programa funciona e tentar modificá-lo com más intenções. Isso geraria brechas na segurança. Mas os especialistas também

JOSH EDELSON/AFP

APOSTA Mark Zuckerberg: bilhões de dólares para desenvolver o projeto

dizem que nenhum desses programas são totalmente seguros. Portanto, o caminho é o usuário escolher o que melhor se adapta à própria necessidade.

Há ainda um questionamento sobre as motivações por trás da decisão de Mark Zuckerberg, o CEO da Meta, de oferecer um sistema gratuito após gastar bilhões de dólares em seu desenvolvimento. Para os analistas do segmento, é provável que ele queira aproveitar a mão de obra da comunidade e usar os resultados para tornar sua própria ferramenta melhor. E, mais tarde, começar a cobrar por ela. No mundo da tecnologia, não há serviço grátis. ■

O PREÇO DO PARAÍSO

O aluguel de ilhas privadas que pertencem a personalidades conhecidas é a nova tendência do mercado de luxo, mas acessá-las custa até 800 000 reais por dia **SIMONE BLANES**

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

NECKER ISLAND

ILHAS VIRGENS BRITÂNICAS

Ilha privativa do empresário britânico Richard Branson, é um dos destinos mais exclusivos do mundo, com acomodações de tirar o fôlego, areia branca, esportes aquáticos e alta gastronomia. Por lá passaram personalidades como o ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama, a ex-modelo e empresária Kate Moss e a atriz Kate Winslet.

PREÇO: 790 000 reais por noite, para grupos de até 48 pessoas.

NOS ÚLTIMOS ANOS, o turismo de luxo passou a oferecer experiências cada vez mais exclusivas para aqueles que não precisam se preocupar com dinheiro ao planejar a viagem dos sonhos. Estadias em castelos, passeios em iates e aventuras automobilísticas com Ferraris e Lamborghinis, entre outras máquinas, se tornaram corriqueiros no time dos ricos. Agora, uma nova tendência começa a conquistar adeptos: o aluguel de ilhas privadas — de preferência, que pertencem a personalidades conhecidas. Comprar uma

ilha é, obviamente, tarefa para pouquíssimos. Um destino no Caribe pode custar 200 milhões de dólares, ou inalcançáveis 1 bilhão de reais. O jeito é desfrutar desses pedaços de terra sobre o mar por breves períodos de tempo, em pacotes que podem durar poucos dias ou semanas, ainda que a conta continue salgada.

O movimento surgiu na pandemia, quando as regras sanitárias obrigaram as pessoas a deixarem o convívio social, e desde então não para de crescer. De acordo com um estudo realizado recentemente pela empresa de pesquisas Euromonitor, o aluguel de ilhas inteiras para fins turísticos cresceu 200% desde a crise de covid-19. Atentos à oportunidade de faturar alto com seus imóveis imponentes, bilionários de diversas partes do mundo passaram a oferecê-los para aluguel. O britânico Richard Branson, dono do Grupo Virgin — um conglomerado que inclui companhias aéreas, ferrovias e empresas de telecomunicações, entre outras —, foi um dos pioneiros ao transformar a sua Necker Island, nas Ilhas Virgens Britânicas, em um destino aberto ao público dotado de contas bancárias recheadas. “É uma ilha linda demais para não compartilhar”, justificou ele.

Lá, o mar de águas cristalinas é cenário para as acomodações da Great House, mansão em estilo balinês com onze suítes e vista panorâmica do Caribe e Atlântico, e das nove Bali Houses, espécie de chalés espalhados pela ilha. No centro, fica o Elders Temple, um espaço com pis-

DIVULGAÇÃO/THE MORRIS GROUP

PELORUS PRIVATE ISLAND

AUSTRÁLIA

A ilha particular do bilionário australiano Chris Morris possui residência de 900 metros quadrados com cinco suítes e serviços exclusivos como chef particular e piscina à beira-mar com vista para a Grande Barreira de Corais.

PREÇO: 140 000 reais por noite.

cina infinita e lounge. A ilha ainda tem spas, quadra de tênis e todos os equipamentos de esportes aquáticos. O próprio Branson costuma aparecer no local e interagir com os hóspedes, famosos ou não. O ex-presidente americano Barack Obama e os atores Robert De Niro e Kate Winslet já se hospedaram no refúgio. O mimo custa cerca de 800 000 reais por dia para grupos fechados de até 48 pessoas, incluindo crianças.

DIVULGAÇÃO

ILHA LOPUD 1483
CROÁCIA

Amantes da cultura, arquitetura e história são os hóspedes mais frequentes do antigo mosteiro franciscano do século XV na Croácia. Com vistas panorâmicas para as ilhas Elaphiti e Dalmácia, recebe até dez pessoas em cinco suítes repletas de obras de arte contemporâneas e renascentistas.

PREÇO: 640 000 reais por semana.

O mercado de ilhas privadas para aluguel não está restrito a Branson. O australiano Chris Morris, fundador da empresa de softwares para investidores Computershare, abre sua Pelorus Private Island, na Austrália, para estadias. O preço é mais em conta, mas nem tanto: 140 000 reais por noite. "É um lugar único", diz o bilionário, que promete experiências ultraluxuosas, como chef particular e iates à disposição dos visitantes. Nem

DIVULGAÇÃO

ILHA DO JAPÃO
RIO DE JANEIRO

A Ilha do Japão fica em Angra dos Reis e é acessível apenas por helicóptero ou barco. São 2,5 hectares de verde, praias particulares e casas de alto padrão para até dez hóspedes.

PREÇO: 22 000 reais a diária.

só de praia, porém, vivem os adeptos das ilhas privativas. Há quem prefira pagar por experiências ligadas à cultura e desfrutar de ambientes decorados com obras de arte e arquitetura arrojada, como é o caso da Ilha Lopud 1483, na Croácia. As ilhas particulares ainda são para poucos, mas o número de privilegiados que as acessam não para de aumentar. ■

A CASA DA FERA

Trabalhando na construção de um aeroporto, operários deparam na Ilha de Creta com uma estrutura que se assemelha muito ao célebre labirinto do Minotauro

SARA SALBERT

LABIRINTO? Estrutura descoberta em Creta: edifício circular, divisões e passagens

MINISTÉRIO DA CULTURA DA GRÉCIA

COM VESTÍGIOS de ocupação humana que datam de 9 000 anos atrás e traços remanescentes da primeira civilização avançada da Europa, aquela comandada pelo rei Minos, a Ilha de Creta é cenário de vários episódios da mitologia grega. Uma das lendas mais conhecidas tem como personagem uma criatura com corpo de homem e cabeça de touro, o temido Minotauro, aprisionado em um labirinto construído pelo arquiteto Dédalo a mando de Minos. Pode-se imaginar então o frenesi causado por uma descoberta recente no topo de uma montanha em Creta: uma estrutura circular de 4 000 anos que lembra, em tudo e por tudo, o formato de um labirinto gigante.

Reza a lenda que o Minotauro nasceu de uma relação da mulher do rei Minos, Pasífae, com um touro que lhe fora presenteado por Poseidon. À medida que crescia, a feroz criatura passou a se alimentar de seres humanos, o que levou Minos, filho de Zeus e ele mesmo um semideus, a solicitar a construção de um labirinto para aprisionar a fera e garantir a segurança dos súditos. Lá viveu o Minotauro por longo tempo, em condições de tragédia grega, até ser morto pelo grego Teseu. Nem o labirinto nem muito menos a criatura meio homem, meio touro podem ser transplantados para o mundo real da forma como são descritos na lenda, mas o anúncio das escavações na ilha, como era de se esperar, desencadeou todo tipo de elucubrações nas redes sociais.

MITO PRESERVADO Mosaico em vila romana recria a lenda: tragédia grega

A descoberta da nova estrutura em Creta ocorreu durante a instalação de um sistema de radares para o novo aeroporto internacional da ilha, a maior e mais populosa da Grécia. Escavando o solo, uma equipe deparou com os restos de uma construção composta de oito paredes circulares concêntricas no topo do Monte Papoura, próximo à cidadezinha de Kastelli. Segundo o Ministério da Cultu-

ra grego, o edifício de 48 metros de diâmetro, que ocupa uma área de 1 800 metros quadrados, exibe um desenho de alta complexidade, comparável ao lendário labirinto.

O propósito exato da construção ainda está sendo investigado. A grande quantidade de ossos de animais encontrados no local, ocupado provavelmente entre 2000 a.C. e 1700 a.C., leva à suposição de que não se trata de moradia. Ele possivelmente era usado de maneira esporádica, para a realização de rituais religiosos e performances teatrais envolvendo sacrifícios, um símbolo de celebração na cultura minoica. "Outros santuários já foram localizados em cumes de montanhas altas na ilha. Vendo por esse ângulo, é possível, sim, que se trate de uma construção relacionada à religião", confirma Lilian Laky, pesquisadora do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP e doutora em arqueologia grega.

A estrutura, que vista de cima lembra uma enorme roda de carro, difere no entanto de todas as demais edificações minoicas já encontradas, principalmente dos palácios, sempre quadrados ou retangulares, de arquitetura avançada para a época. Quanto mais as escavações progridem, mais o edifício recém-descoberto, dividido por grossas paredes em quatro zonas interligadas por pequenas aberturas que podem funcionar como passagens, se assemelha a um gigantesco labirinto. Peter Meineck, professor de estudos clássicos da Universidade de Nova York e especialista em mitologia grega, explica

que o formato circular está presente na cultura minoica, mas é bastante raro, pela dificuldade de seu processo de construção. “A estrutura é, sem dúvida, o maior e, provavelmente, o mais significativo espaço circular já encontrado em Creta”, diz. Restos de cerâmica desenterrados no local levam os arqueólogos a acreditar que o espaço foi ocupado durante centenas de anos.

Como é comum acontecer na Grécia, a descoberta paralisou as obras em andamento. Até o momento, pelo menos outros 35 sítios arqueológicos foram desenterrados na área projetada para o aeroporto e suas conexões rodoviárias, e a ministra da Cultura, Lina Mendoni, assegurou que a proteção de mais esse monumento da Antiguidade é prioridade — tanto que as autoridades aeroportuárias já buscam locais alternativos para a instalação da estação de radar. Por mais expectativas que tenha levantado, a estrutura, se vier a se confirmar como labirinto, não será o do Minotauro. Esse, segundo a lenda, era subterrâneo e ficava perto de Knossos, o majestoso palácio de Minos — a 50 quilômetros de distância. ■

CAMPEÃ EM QUALIDADE

Viena, a capital da Áustria, se firma como a cidade mais habitável do mundo, graças a uma política consistente de serviços de primeira e moradia para todos

PAULA FREITAS

CALMA E BELEZA Palácio imperial em Viena: lições do passado bem aproveitadas e aperfeiçoadas no presente

JOHN HARPER/STONE/GETTY IMAGES

A MIGRAÇÃO das populações do campo para as cidades impulsionou o progresso da humanidade e foi fator essencial para avanços científicos e conquistas de direitos. Mas também criou problemas conhecidos e lamentados, como ruas congestionadas, poluição, falta de moradias e serviços públicos de má qualidade. Foi justamente na busca da cidade ideal que, nos anos 1960, Walt Disney idealizou seu Protótipo Experimental de Comunidade do Amanhã (EPCOT, na sigla em inglês), uma "cidade do futuro" para 20 000 habitantes, autossustentável e em constante modernização — sonho que não vingou e acabou virando uma das divisões da Disney World, o parque de diversões na Flórida. Mesmo imperfeitas, algumas metrópoles, no entanto, se destacam pela qualidade de vida que proporcionam a seus moradores, e, entre elas, a medalha de ouro vai para Viena: pelo terceiro ano consecutivo, a capital da Áustria é a cidade mais habitável do planeta no ranking da Economist Intelligence Unit (EIU), o setor de pesquisas do grupo que publica a respeitada *The Economist*.

O estudo aplicou trinta critérios a 173 cidades, abrangendo cinco áreas: estabilidade (aí incluído o quesito segurança), saúde, cultura e meio ambiente, educação e infraestrutura. Viena cravou 100, a nota máxima, em todas elas, menos uma: tirou 93,5 em cultura "devido à falta de grandes eventos esportivos", apontou a EIU. "A capital austríaca se destaca pelos serviços públicos de alta qualidade em todos os setores. Nem tudo pode ser aplicado em cidades maiores, mas dá para fazer adaptações. É uma questão de planejamento e execução eficaz", afirma o analista-sênior Akshay Rathi, que fez parte do estudo. Atrás de-

JOE BURBANK/ORLANDO SENTINEL/TRIBUNE NEWS SERVICE/GETTY IMAGES

SONHO EPCOT: atração foi idealizada por Disney para ser cidade-modelo

la surgem no alto da lista a capital da Dinamarca, Copenhague, a suíça Zurique, Melbourne, na Austrália, e Calgary, no Canadá — quase todas com áreas urbanas ocupadas por 1 a 2 milhões de pessoas (Melbourne destoa, com 5 milhões).

Em seu auge, Viena foi a capital do Império Austro-Húngaro e palco principal de Sissi, a imperatriz de Francisco José, uma mulher à frente de seu tempo, retratada em filmes e séries de TV. O poderoso reinado dos Habsburgos desmoronou ao fim da Primeira Guerra Mundial e, com ele, a imponência da capital, tomada por fome generalizada, desemprego e cortiços amontoados. A recuperação foi lenta, mas consistente e organizada. Há cinco anos, a prefeitura, ao lado da iniciativa privada, pôs em prática um ambicioso projeto que segue os passos definidos nos dezessete Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da ONU, e vai além, com metas para digitalização e inclusão social a serem completadas até 2050. “Temos ali um modelo de planejamento urbano focado em acessibilidade,

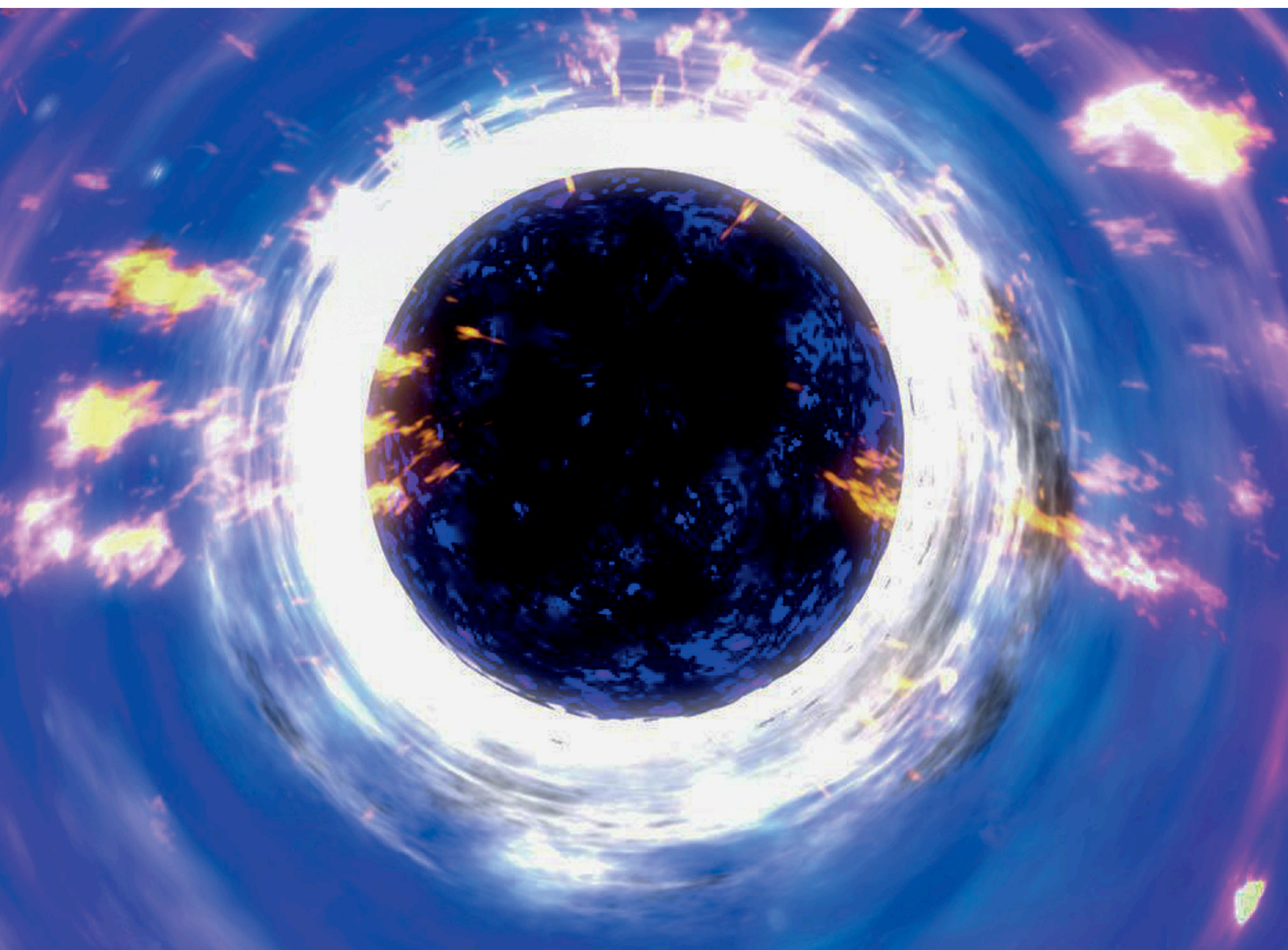
transporte público eficiente e mobilidade", explica a arquiteta e urbanista espanhola Victoria Fernández Áñez, especialista em cidades inteligentes. Entre os que usufruem das melhorias está a terapeuta brasiliense Letícia Diethelm, que vive lá há doze anos. "Nem se compara com Brasília, uma cidade planejada. Não tenho carro, faço tudo de metrô, trem de superfície e ônibus. A vida é mais tranquila", afirma.

Outro ponto forte da capital austríaca é sua política de habitação social, fruto da iniciativa da prefeitura de comprar propriedades e transformá-las em prédios de apartamentos para fazer frente à crise imobiliária no início dos anos 1920. Resultado: em meados daquela década, o governo era o maior proprietário de imóveis da cidade e até hoje tira partido dessa condição para oferecer moradia a todos os habitantes. "O financiamento se divide entre público e privado, mas a gestão está nas mãos do governo e de cooperativas sem fins lucrativos", diz o geógrafo Robert Musil.

Metade da população, aí incluídos os imigrantes (34% dos quase 2 milhões de moradores), mora em imóveis subsidiados, e o governo investe 500 milhões de euros anualmente em habitação. Na capital das valsas e da música clássica, a vida cultural efervescente é mais um atrativo. "No Brasil, eu ficava em casa nos fins de semana. Aqui, sempre tem algo que te tira do apartamento", elogia a estudante de arquitetura Camila Carivali, 21 anos, em Viena há cinco meses. Na cidade mais habitável do mundo, a prioridade é o bem-estar dos moradores. E isso faz toda a diferença. ■

PERDIDOS NO ESPAÇO

Cientistas de diversas partes do mundo começam a investigar a existência de buracos brancos, o que poderá trazer novas pistas sobre a origem do universo

ALESSANDRO GIANNINI

INFINITO Representação do fenômeno: o oposto de seu irmão famoso

NASA

UMA DAS HIPÓTESES mais fascinantes da física moderna afirma que os buracos negros, numerosos nos céus e populares nos estudos astronômicos, se transformariam em buracos brancos ao fim de sua vida útil. Enquanto os primeiros engolem toda a matéria que se aproxima deles, os outros funcionariam de maneira oposta, como se fossem buracos negros invertidos, emitindo energia infinita. Por enquanto, trata-se de uma tese, já que esses objetos celestes ainda não foram observados, mas ela começa a ganhar defensores entre os cientistas. “A pesquisa sobre eles está completamente aberta: nem sabemos se realmente existem”, disse a VEJA o físico italiano Carlo Rovelli, autor do aclamado livro *Buracos Brancos: Dentro do Horizonte (leia a entrevista).* “Mas é uma grande viagem, que compreende entrar num buraco negro e descer para ver o que acontece lá dentro.”

Para entender o que são os buracos brancos, é preciso antes conhecer o caminho dos buracos negros, objetos astronômicos com uma atração gravitacional tão forte que nada, nem mesmo a luz, pode escapar deles. Sua formação decorre de um processo violento, quando uma estrela massiva chega ao fim de sua longa vida. A intensa força gravitacional comprime a matéria até um ponto de densidade infinita, dando origem a um dos corpos celestes mais misteriosos e curiosos do universo.

A ideia dos buracos negros remonta à Antiguidade, mas os primeiros a teorizar sobre o assunto de forma organizada, no século XVIII, foram o matemático francês Pierre-Simon Laplace e o clérigo inglês John Michell. A teoria da relativida-

de geral, de Albert Einstein, publicada em 1915, foi o alicerce teórico que os confirmou. Só em 2019, no entanto, o telescópio Event Horizon conseguiu capturar a primeira imagem de um deles, no centro da galáxia M87.

Foi preciso que mais de um século transcorresse para que os buracos negros passassem de teoria a objetos visíveis. Os cientistas à frente da tese que sustenta a existência dos buracos brancos creem que eles percorrerão caminho semelhante. A jornada envolve um mergulho na estrutura já conhecida, que pode ser comparada a um funil. A parte mais estreita representaria a singularidade, ponto de quebra das teorias físicas comuns, enquanto a parte mais larga simbolizaria o horizonte de eventos, superfície imaginária que delimita a região de onde nada jamais poderia escapar. “No fim do funil, onde fica esse ponto extremamente denso, devem estar as respostas que procuramos”, afirma o físico italiano.

Para explicar como os buracos negros se transformariam em buracos brancos, Rovelli recorreu à teoria da gravitação quântica, da qual é um dos principais signatários, que descreve o espaço-tempo como uma estrutura granular. “O salto que poderia dar origem a essa transformação é de ordem quântica, que acontece em dimensão atômica e subatômica”, afirma o cientista. “Se a intuição sobre essa tese estiver correta, testá-la nos daria informações sobre as propriedades do espaço e do tempo, que ainda não entendemos muito bem.” Embora ainda seja uma hipótese, os buracos brancos abrem novas e fascinantes perspectivas sobre a natureza do universo e de nossa vida no sistema solar. ■

MISSÃO Carlo Rovelli: entender o mundo envolve todo o conhecimento

STEFANIA D'ALESSANDRO/WIREIMAGE/GETTY IMAGES

"A CIÊNCIA NÃO CAMINHA SOZINHA"

Físico de fama internacional, o italiano Carlo Rovelli, 68 anos, tem como missão de vida traduzir conceitos complexos de sua disciplina ao grande público. Rovelli pesquisa a gravidade quântica, que tenta entender como as forças vitais da natureza se comportam em escala atômica e subatômica.

Seu trabalho abrange da física quântica à cosmologia, da filosofia à história da ciência. O que o levou a explorar um campo tão vasto? Penso que os

avanços em nossa compreensão do mundo sempre foram feitos envolvendo todo o nosso conhecimento, incluindo a filosofia e a história. Os melhores físicos da grande geração que nos deu a física moderna, como Albert Einstein, Niels Bohr e Werner Heisenberg, tinham interesses filosóficos muito vivos. A ciência não caminha sozinha: faz parte de uma conversa mais ampla, na qual entra toda uma cultura.

Como acha que a ciência pode ser mais bem comunicada ao público? Não existe uma forma única de divulgação, porque os leitores são diferentes. Escrevo para quem nada sabe de ciência, para mostrar sua extraordinária beleza e seu fascínio. E também para meus colegas mais instruídos, para lhes mostrar outras perspectivas sobre o que já sabem.

Acha que a ciência possui as ferramentas necessárias para resolver os problemas mais urgentes do planeta? Acho que os verdadeiros problemas são políticos, não científicos. A ciência ajuda e oferece muitas ferramentas úteis. Graças a ela, no mundo há alimentos para todos, medicamentos para curar as doenças e riqueza suficiente para uma vida digna. Mas, se os seres humanos pensarem em intimidar uns aos outros em vez de colaborar para o bem de todos, a ciência não poderá fazer nada.

ANDRÉ REBOUÇAS
(Engenheiro, abolicionista e defensor da imigração)

"Se toda essa gente tivesse consciência, não se animaria nem a levantar os olhos para o céu, com medo de acordar a justiça divina."

ERAZA COLLECTION/ALAMY/FOTOARENA

UM RESGATE HISTÓRICO

Novas biografias recuperam o papel fundamental de intelectuais negros do Brasil e do mundo na luta contra a escravidão e outras formas de racismo

LUIZ PAULO SOUZA

NOS LIVROS de história, o dia 13 de maio de 1888 ficou marcado como a data em que a princesa Isabel assinou a Lei Áurea e colocou fim a um período de mais de 300 anos de escravidão no Brasil. A narrativa oficial diz que, na ausência do imperador D. Pedro II, ela cedeu à pressão para que o país se tornasse o último do Ocidente a deixar para trás o legado de crueldade e horror. Pouco se menciona, no entanto, a importância que tiveram os intelectuais negros, próximos e distantes da corte, na organização popular que levou à assinatura do documento. A reboque de um movimento que combina reconhecimento e reabilitação, esses personagens e suas obras começam a ser resgatados pelo mercado editorial, em busca de fazer valer uma almejada diversidade.

Os livros *O Engenheiro Abolicionista* (Chão), organizado pela historiadora Hebe Mattos, e *Luiz Gama contra o Império* (Contracorrente), escrito pelo advogado Bruno Rodrigues de Lima, fazem esse trabalho de maneira formidável. O primeiro reabilita a figura de André Rebouças (1838-1898) como engenheiro, abolicionista e defensor da imigração. O outro reposiciona Luiz Gama (1830-1882), um advogado autodidata que comprou sua liberdade e defendeu outros escravizados, como uma referência do mundo jurídico e um importante pensador da democracia e da República.

A história oficial restringiu os negros à vivência de escravidão e apagou toda a sua experiência de liberdade. "É muito forte o imaginário de que a princesa um dia acordou de bom humor e decidiu acabar com a escravidão, invisibilizando o

LUIZ GAMA

(Advogado autodidata)

"Em uma sociedade sob o império da escravidão, a luta por liberdade e justiça se faz valer pelos escravizados, despossuídos, humilhados e ofendidos que ousam enunciar o que é o direito."

THE HISTORY COLLECTION/ALAMY/FOTOARENA

movimento abolicionista e a luta dos negros", afirma a autora Hebe Mattos. No caso de Luiz Gama, isso é ainda mais gritante, já que ele foi um pensador que ensejou ideias de democracia e igualdade social que são profundamente atuais. "Gama enfrentou problemas complexos e inéditos e deu respostas originais a essas questões", diz o biógrafo Bruno Lima.

Em um país que ignora a lei que obriga o ensino da história e da cultura afro-brasileiras na educação básica, a popularização e divulgação desses personagens é mais do que necessária. O resgate histórico acompanha também o renascimento de obras como *Homem Invisível* (José Olympio), de

Ralph Ellison, *A Rua* (Carambaia), de Ann Petry, e, mais recentemente, *Filho Nativo* (Companhia das Letras), escrito pelo americano Richard Wright. Por meio da ficção e de relatos factuais, essas jornadas têm o poder de sensibilizar o leitor e aproximar realidades aparentemente distintas, mas que compartilham a crueldade deixada pela herança escravocrata. "A partir do intercâmbio de ideias, nós conseguimos diluir as diferenças entre as relações raciais e produzir uma imaginação literária da realidade negra", diz o historiador Fernando Baldraia, editor de diversidade da Companhia das Letras.

Durante a segunda metade do século XX, muitos desses autores foram traduzidos e publicados, ao mesmo tempo que houve uma ebulição de intelectuais negros no Brasil, como Beatriz Nascimento, Lélia Gonzales e Abdias do Nascimento, que questionaram o mito da democracia racial e demandaram justiça pelo legado racista deixado na nossa história. Agora, potencializadas pelo movimento global Vidas Negras Importam, essas reivindicações ganham novo e bem-vindo fôlego.

Há muita estrada pela frente. Apesar dos avanços, marcados pela revisão da história, o mercado editorial ainda é pouco diverso, fazendo com que, muitas vezes, empresas surfem o movimento do antirracismo, mas relegando pessoas negras ao lugar de objeto de estudo e não de protagonista. Uma consequência disso é o espaço, ainda restrito, reservado aos autores pretos. De todo modo, é fato que há um interesse mais aguçado para a literatura de autoria negra. "Diante do que era um descaso total, a mudança é grande, mas basta ir a

RICHARD WRIGHT

(Escritor americano)

"É só uma coisa que eu sinto. Toda vez que começo a pensar sobre eu ser preto e eles brancos, eu aqui e eles lá, sinto que alguma coisa horrível vai acontecer comigo."

DPA/ALAMY/FOTOARENA

uma livraria para verificar que ainda existe uma desigualdade entre quem consegue publicar no Brasil", diz Vagner Amaro, fundador da editora Malê. "A importância de se reafirmar a intelectualidade negra se mantém." Durante muito tempo, os intelectuais negros lutaram para se fazer ouvir, criando as suas próprias editoras ou organizando feiras especializadas. Até agora, esse esforço demonstrou ser insuficiente. Um passo importante está no reconhecimento do legado deixado por grandes personalidades que ajudaram a construir a história do Brasil. Mas é preciso fazer mais. O racismo, afinal, não está superado no país. ■

NOVELA DA VIDA REAL

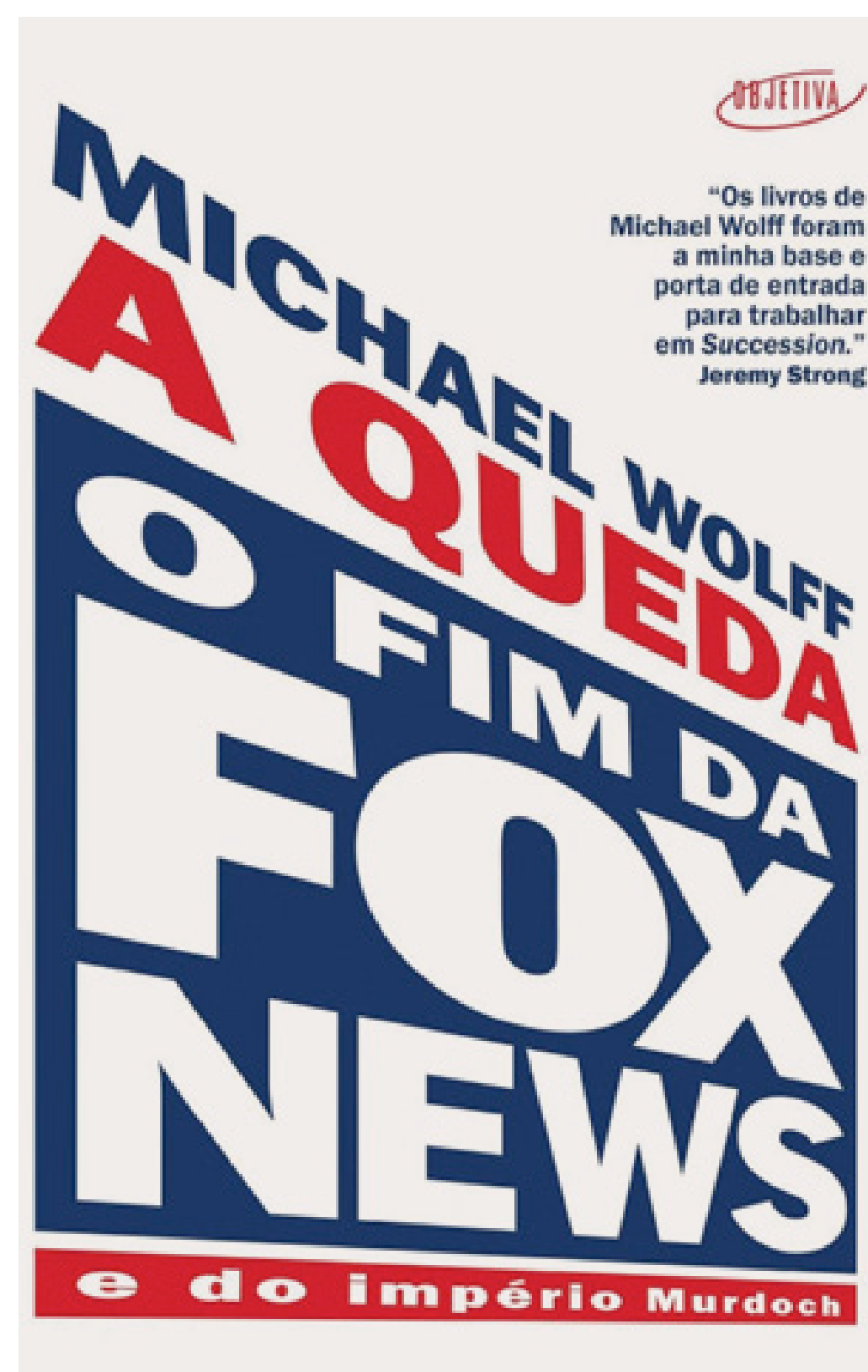
Em novo livro, autor revela os bastidores da disputa entre os Murdoch – família que inspirou a série *Succession* – pelo controle do império midiático do qual faz parte o polêmico canal Fox News

RAQUEL CARNEIRO

DAVID BAILEY/X @JERRYHALL_

DIGAM XIS Rupert ao centro, com Jerry Hall e cercado pelos filhos: último momento de paz

O ano de 2016 começou reluzente para Rupert Murdoch. Então aos 84 anos, o bilionário australiano se casava — pela quarta vez — com a modelo Jerry Hall, 59, ex do roqueiro Mick Jagger. A cerimônia em Londres foi um luxo, com a presença de celebridades e políticos. Murdoch celebrava, ainda, o feito de reunir os seis filhos em harmonia — momento eternizado por uma foto de fachada feliz, na qual figuram também os quatro novos enteados, filhos da noiva. A imagem é simbólica: essa foi a última vez em que a família se viu unida antes de mergulhar numa briga judicial de 20 bilhões de dólares.

As picuinhas do clã se tornaram mundialmente conhecidas graças à série da HBO *Succession* — que eles odeiam. A produção sobre uma família que disputa o posto mais alto dentro do conglomerado de mídia criado pelo pai bebeu da ampla pesquisa do jornalista americano Michael Wolff, que atiçou a ira de

A QUEDA: O FIM DA FOX NEWS E DO IMPÉRIO MURDOCH, de Michael Wolff (tradução de Natalie Gerhardt; Objetiva; 288 págs.; 109,90 reais e 44,90 reais em e-book)

Murdoch com uma detalhada (e nada elogiosa) biografia em 2008 e que, agora, assina ***A Queda: o Fim da Fox News e do Império Murdoch,*** outro título que observa as brigas da família, dessa vez passando pelos bastidores do tóxico canal de notícias Fox News, parte do império do magnata. Diante da comparação com *Succession*, o autor sugere que o clã combinaria mais com uma sitcom. "São personagens caricatos, sem carisma, que repetem os mesmos erros. É risível", disse Wolff a VEJA *(leia mais ao lado).*

A curiosidade sobre o que acontece nas mansões da família não vem só do gosto mundano pela vida alheia, mas também das implicações drásticas que suas movimentações causam nos reles mortais. Além do polêmico canal de TV, Murdoch é dono de jornais na Austrália, na Inglaterra e nos Estados Unidos, dos mais chinfrins até o respeitável *The Wall Street Journal*. Ele está por trás do endosso a políticos estridentes, sendo Donald Trump o mais emblemático: o ex-presidente teve apoio da Fox para se eleger — e ainda conta com seu impulso para um novo mandato. Ímã de audiência, Trump foi também a causa de um processo que custou ao canal 787 milhões de dólares pagos à empresa de tecnologia Dominion, acusada levianamente por ele de fraude nas eleições de 2020 — discurso abraçado pela Fox News e que culminou na invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021.

Ironicamente, nem todos os filhos compartilham da visão política de Murdoch. A mais nova manobra do patriarca, aliás, foi escolher um herdeiro como depositário de seu

TESTEMUNHA Wolff: jornalista infiltrado nas esferas do poder

INSIDEFOTO DI ANDREA STACCIOLI/ALAMY/FOTOARENA

"TENHO PENA DE RUPERT MURDOCH"

Michael Wolff falou a VEJA sobre seu novo livro e a longa experiência como observador do clã do magnata.

Ao escolher o filho homem mais velho como gestor de seu império, Murdoch enfureceu os demais herdeiros. Como avalia a decisão? Há dois tipos de mortalidade, a do corpo e a do legado. Rupert quer deixar um legado imortal, por isso escolheu o filho mais ligado à sua visão política. Mas é uma postura simbólica, que dificilmente será aceita pela lei.

Pode explicar melhor? Rupert queria criar uma dinastia. Mas ele e os filhos não falam a mesma língua. Ele ainda demorou a dar poder aos sucessores. Aos 93 anos, continua reinando.

Como foi conviver com ele para escrever a biografia de 2008? Ele é agradável. Não é extremista. Aliás, Rupert diz a quem quiser ouvir que não gosta do Trump. Ele fala sempre dos filhos, relação que tem o dinheiro no meio do caminho. Também sou pai, tive pena de Rupert Murdoch e dessa família em conflito.

Como vê o modo em que *Succession* se inspirou nessa história? A série usou mais a estrutura, a ideia da disputa. Mas os personagens não são retratos fiéis. Rupert não tem quase nada do patriarca da série, Logan Roy. Ele não é tão articulado, nem intimidador, odeia conflito – por isso tem advogados que brigam no lugar dele. Já os filhos, na série, querem aprovação do pai. Na vida real, os filhos querem se ver livres do Rupert.

No livro, o senhor diz que os Murdoch seriam mais adequados para uma sitcom. Por quê? Pois ele são caricatos, sem carisma, e repetem os mesmos erros o tempo todo, como acontece em uma comédia. *Succession*, por sinal, era uma dramédia. A gente ri dos absurdos que acontecem nesse mundo.

HBO

VERSÃO ALTERNATIVA Elenco de *Succession:* série irritou o magnata

espólio: o eleito é Lachlan Murdoch, 52 anos, o filho homem mais velho e CEO da Fox Corporation, alinhado aos ideais conservadores do pai — hoje com 93 anos. James, Prudence e Elisabeth, os outros três herdeiros igualitários da herança (as duas filhas mais jovens nasceram depois do acordo), responderam com um processo que corre na Justiça americana. "Rupert quer deixar um legado imortal", afirma Wolff. "Mas é provável que, quando morrer, os filhos entrarão em conflito e a Fox News será o centro do embate."

Aos 70 anos, o jornalista é figura respeitada e temida entre os poderosos. Sarcástico, Wolff construiu uma carreira sólida em grandes veículos de comunicação e entrou no universo paralelo dos Murdoch em 2001, quando, após tecer um artigo criticando Roger Ailes (1940-2017), criador e diretor da Fox News, recebeu um telefonema do próprio para ouvir o lado dele — e o convidando para um almoço. Ailes

REPRODUÇÃO

APOIO ABERTO
Cena de telejornal da Fox News: Trump virou estrela do canal ao impulsionar sua audiência

SLAVEN VLASIC/GETTY IMAGES

ESCÂNDALO
Gretchen Carlson: ela ganhou processo de assédio sexual contra Roger Ailes, chefão da Fox

apresentou Wolff a Murdoch e a Trump. Isso lhe deu acesso à Casa Branca no primeiro ano da presidência do republicano, resultando no explosivo *Fogo e Fúria* (2018), obra que expõe absurdos de Trump no poder.

No novo livro, Wolff transita com elegância e sagacidade entre análises políticas e o apelo de uma boa fofoca. A gama de personagens ajuda. Ailes caiu em desgraça ao ser acusado de assédio sexual pela apresentadora Gretchen Carlson. O clima machista da Fox News é, aliás, um capítulo tenso do livro — que ilustra as curiosas semelhanças entre os herdeiros de Murdoch e os filhos de Logan Roy.

Neles, não é difícil entrever os traços de Kendall, Roman e Shiv, os irmãos de *Succession*. Lachlan é o filho sem pulso, mas ansioso por agradar ao pai. James, 51 anos, foi quem convenceu Murdoch a vender boa parte das empresas da Fox para a Disney, em 2017, por 71,3 bilhões de dólares — ele esperava, sem sucesso, um cargo na gigante do entretenimento. James não fala com o irmão e o pai há anos. Já Elisabeth, 55, é a filha rebelde que se virou sozinha, mas flerta com a chance de ascender ao trono. Prudence, 66, é a primogênita que não se interessa pelos negócios, mas tem voto ativo entre os acionistas. Já Grace e Chloe, de 23 e 21, não têm parte no comando, mas desfrutam da juventude com 2 bilhões de dólares no bolso — grana que cada filho recebeu com a venda para a Disney. Não bastasse o complexo jogo de xadrez familiar, Murdoch se casou este ano pela quinta vez. A novela da vida real está longe de acabar. ■

DESCIDA AO INFERNO

No vexaminoso papel do caçador de demônios de *O Exorcismo*, Russell Crowe dá outro passo errático na carreira — e ilustra a triste sina dos astros que foram da glória ao fundo do poço

HORROR SEM FIM O astro neozelandês no novo filme: show de canastrice

IMAGEM FILMES

COM CRUZ na mão e batina de padre, um ator decadente aposta no papel de exorcista para reacender sua carreira. A descrição não se refere ao neozelandês Russell Crowe, e sim ao personagem que ele vive em ***O Exorcismo.*** Mas se aplicaria facilmente ao próprio: o filme que acaba de chegar aos cinemas é sua segunda passagem infeliz pelo horror em pouco mais de um ano. Na anterior, *O Exorcista do Papa,* Crowe representava com canastrice assombrosa a figura real de Gabriele Amorth — que dizia ter expulsado o demônio de ao menos 60 000 corpos. Círculo do inferno ainda mais baixo que o anterior, *O Exorcismo* comprova a implacável gangorra do prestígio em Hollywood: antes um dos nomes mais cobiçados da indústria, Crowe, de 60 anos, amarga agora um melancólico lugar na lista B.

O lançamento não deixa dúvidas: o ator que ganhou o Oscar em 2001 pelo arrasa-quarteirão *Gladiador* e enfileirou indicações por trabalhos notáveis como *O Informante* e *Uma Mente Brilhante* hoje é uma sombra dos dias de glória. Ao atingir seu aparente fundo do poço, ele repete a sina da ascensão e queda de grandes astros masculinos. Após chegar ao ápice, Robert De Niro e Al Pacino foram relegados a comédias medíocres por anos — mas sua devida estatura acabou prevalecendo e os manteve à tona. O caso exemplar mais recente é o de Nicolas Cage: com fracassos acumulados nas telas e uma dívida pessoal milionária, o ator adotou nos últimos anos uma nova tática para dar a volta por cima: em filmes como *Renfield,* ele se mostrou capaz de rir de si mesmo. Agora, transfor-

ma sua estranha forma de mediocridade em trunfo até no horror, como vilão do elogiado *Longlegs — Vínculo Mortal,* que estreia no país em 29 de agosto.

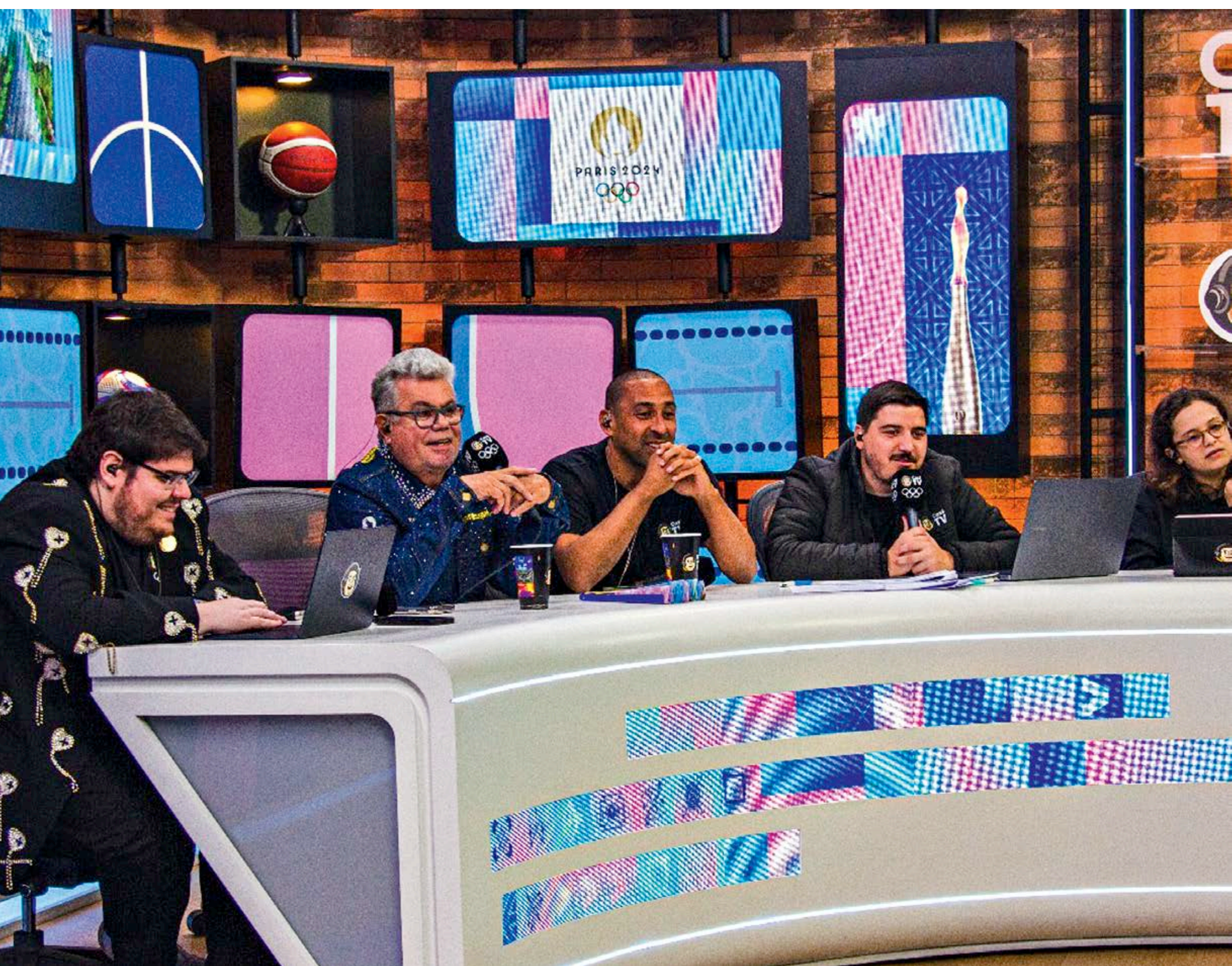
De Mickey Rourke a Stallone ou Brendan Fraser, antigos heróis provaram ser possível a ressurreição em Hollywood — até com direito a um Oscar após a decadência. Mas talvez não seja tão simples para Crowe. O astro estabeleceu uma reputação difícil nos bastidores. Em 2005, o notório pavio curto lhe rendeu um processo por arremessar um telefone em um funcionário de hotel. Em 2016, foi acusado pela rapper Azealia Banks de agressão e racismo. Mais recentemente, o falido Crowe recorreu a um leilão para custear seu divórcio. Desde então, tem se esquivado de polêmicas — mas faz questão de errar feio. De uma década para cá, seu filme menos vexaminoso foi *Noé* (2014), ainda assim, um pecado cinematográfico. *O Exorcismo* dá mostras de que o astro, além de tudo, insiste em se levar a sério: a história do ex-ator alcoólatra convertido em caçador de demônios tem um tom grave, pomposo — e enfadonho. A descida ao inferno parece não ter fim. ■

COLLUMBIA PICTURES

NO AUGE Em cena de *Gladiador:* ele foi do Oscar à lista B de Hollywood

Thiago Gelli

GOL DE PLACA

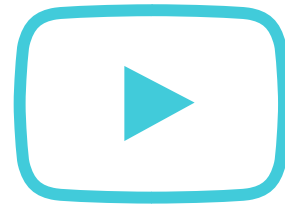
Com carisma, irreverência e algumas caneladas, Casimiro Miguel e seu canal, a CazéTV, fazem sucesso na cobertura da Olimpíada e incomodam a concorrência **KELLY MIYASHIRO**

ESCRACHO NO AR Bancada do canal nos Jogos: humor é trunfo, mas traz deslizes

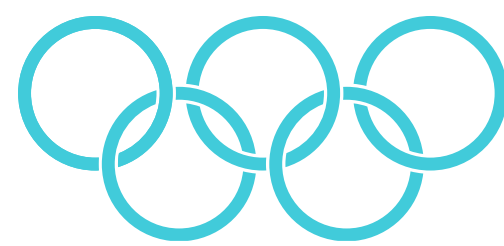
DIVULGAÇÃO

EM DEZEMBRO DE 2022, após seu canal no YouTube exibir diversos jogos da Copa do Mundo do Catar, o carioca Casimiro Miguel emergia como o dono da bola na internet — pela primeira vez, a Globo dividia esses direitos com um competidor on-line "raiz". Mas o streamer mirava mais alto: disse numa *live* que sonhava em apresentar a Olimpíada um dia. O impeditivo à época era a exclusividade da mesma Globo sobre a competição que seria realizada em Paris em 2024. Nos bastidores, porém, o Comitê Olímpico Internacional (COI) desejava que o evento tivesse uma presença mais forte na internet. Enquanto a emissora era a única detentora dos direitos dos Jogos nas TVs aberta e paga, a CazéTV — canal criado por Casimiro em 2022 em parceria com a LiveMode, empresa de mídia esportiva — fez uma proposta ao COI para adquirir parte dos direitos digitais da competição. E assim ganhou a chance de ouro de transmitir os Jogos.

O lance se revelou certeiro. Com a proposta de fazer uma cobertura mais descontraída, mas ao mesmo tempo profissional, a CazéTV contratou ex-atletas, influenciadores digitais, apresentadores e jornalistas (alguns ex-Globo, caso de Fernanda Gentil), e vem conquistando espaço impressionante no mercado em tão pouco tempo. Só nos primeiros três dias de Olimpíada, foram mais de 500 milhões de visualizações de conteúdo do canal, que já ostenta 14,7 milhões de inscritos no YouTube *(veja o quadro à dir.).* Comercialmente, o espírito informal — estilo também na re-

ARTILHARIA ON-LINE

Os números que mostram a força da CazéTV

14,7 MILHÕES

DE INSCRITOS NO YOUTUBE

500 000

TELESPECTADORES SIMULTÂNEOS NA ABERTURA DA OLIMPÍADA DE PARIS 2024

500 MILHÕES

DE *VIEWS* EM TRÊS DIAS NO EVENTO ESPORTIVO

5,1 MILHÕES

DE VISUALIZAÇÕES NA FINAL DO SKATE FEMININO COM RAYSSA LEAL

6,9 MILHÕES

DE USUÁRIOS SIMULTÂNEOS FOI A AUDIÊNCIA DA TRANSMISSÃO DE BRASIL X CROÁCIA NA COPA DO MUNDO DE 2022, NO CATAR, RECORDE DE UMA *LIVE* ESPORTIVA NA HISTÓRIA DO YOUTUBE

cente transmissão da Eurocopa — tem feito boa tabelinha com o desejo das marcas. Entre os patrocinadores da CazéTV estão empresas como Havaianas, iFood, Mercado Livre, Samsung e Volkswagen. VEJA apurou que só um dos contratos publicitários rendeu a bagatela de 1,5 milhão de reais. “A linguagem do canal se aproxima do popular, e tudo que uma marca quer é chegar a todos os públicos”, afirma Edu Simon, CEO da agência Galeria.

Criador e alma do fenômeno, Casimiro Miguel é um carioca de 30 anos, vascaíno roxo, que se tornou referência dos amantes de esportes na internet. Em 2014, enquanto cursava jornalismo, Cazé era só mais um funcionário do Esporte Interativo (atual TNT Sports), trabalhando na edição de vídeos e redes sociais. Com o tempo, conquistou espaço como comentarista esportivo. Mas foi em 2020, em meio à pandemia, que Casimiro viu sua popularidade explodir com *lives* em que reagia a qualquer tipo de conteúdo, de jogos de futebol a receitas de comida. *Teasers* dessas transmissões viralizaram nas redes, e logo ele se tornou um ídolo entre boleiros e simpatizantes.

Quando começou a atuar sério no YouTube, o jovem tinha como objetivo aposentar seus pais, para que eles não precisassem trabalhar e não corressem o risco de pegar o coronavírus. Em menos de um ano, o objetivo foi atingido. Hoje, o streamer ostenta ganhos até difíceis de mensurar, mas as estimativas indicam pelo menos 1 milhão de reais por mês, graças a acordos publicitários, mo-

DIVULGAÇÃO

REFORÇO Fernanda Gentil na Eurocopa: ex-Globo brilha na internet

netização no YouTube e na Twitch, além de outros negócios. Num leilão beneficente do Instituto Neymar no ano passado, o youtuber arrematou um lote por 825 000 reais como quem vai ao shopping.

Por trás das câmeras, a CazéTV não se vê como concorrente direta da Globo — por cautela e consciência. Enquanto o canal teve pico de 500 000 telespectadores simultâneos na abertura da Olimpíada, a Globo alcançou 36,4 milhões de pessoas com a rede aberta. Mas na internet o cenário é mais competitivo, com ambas no topo dos assuntos mais comentados da rede X.

DIVULGAÇÃO

O DONO DA BOLA Casimiro: *lives* desinibidas e favoritismo nas redes sociais

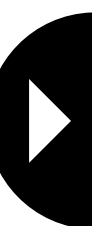
A descontração é um trunfo da CazéTV, mas traz armadilhas. Na transmissão olímpica, uma blogueira criou saia justa ao repercutir uma fofoca sobre duas jogadoras de vôlei. Pegou mal. Mas os deslizes não anulam um fato: o teor escrachado atrai uma parcela de espectadores que a TV aberta hoje pena para atingir. “Estamos olhando para um público que quer consumir conteúdo esportivo de múltiplas formas”, diz Fabio Medeiros, chefe de conteúdo da CazéTV. Tudo indica mesmo que a bola está com a empresa, craque em ascensão no mercado do entretenimento. ■

O RESGATE DA SEREIA

Um musical em cartaz em São Paulo celebra a vida e a música de Clara Nunes. A deusa do samba deixou um legado fabuloso que merece ser mais conhecido

FELIPE BRANCO CRUZ

ENTIDADE A cantora no auge, nos anos 1970: uma bela voz a serviço dos orixás

DIVULGAÇÃO

NO "OLIMPO DOS BAMBAS", a vida pós-morte é um eterno Carnaval e um barracão de escola de samba se torna a morada de sua deusa maior: a cantora Clara Nunes. De lá, ela repassa sua breve e intensa vida na Terra, guiada pela amiga Bibi Ferreira e por seus orixás. Clara revê sua jornada musical desde o nascimento até a transformação em uma das primeiras cantoras com status de celebridade no Brasil, no fim dos anos 1960. Com a também cantora Vanessa da Mata em seu papel e esse enredo que mistura fantasia e realidade, o musical *Clara Nunes — A Tal Guerreira*, em cartaz no Teatro Bravos, em São Paulo, resgata a artista que é um monumento do samba.

O espetáculo é uma homenagem oportuna. Apesar de seu legado excepcional, a verdade é que Clara não se mostra tão familiar e popular como outras musas do samba, de Beth Carvalho a Alcione. "Estamos resgatando Clara para uma geração que talvez nem saiba que algumas canções eram dela", diz o diretor Jorge Farjalla. Uma das razões disso foi sua saída de cena precoce: a cantora morreu em 1983, aos 40 anos, de um choque anafilático durante cirurgia de varizes. Como não deixou filhos, também lhe faltou alguém capaz de manter seu trabalho em voga. A música de Clara, porém, nunca deixou de ressonar como fonte de inspiração. Hoje, é referência onipresente na música brasileira, inclusive para os novos talentos.

A força de Clara vem não só de sua voz e de sua marca como intérprete — é dela, por exemplo, a versão mais arre-

piante de *Juízo Final*, clássico do compositor Nelson Cavaquinho. Nos palcos ou gravações e entrevistas, ela se notabilizava por encarnar, com entrega e verdade indubitáveis, a guerreira imbuída de uma missão: celebrar a cultura e a religiosidade de um Brasil de raízes africanas. Nascida no interior de Minas Gerais, Clara se tornou espírita ao se mudar para Belo Horizonte, nos anos 1950. Já na década seguinte, inspirada por cantoras do rádio como Ângela Maria e Elizeth Cardoso, mudou-se para o Rio para tentar a vida como artista. Ao se envolver com o samba, o morro e as religiões de matriz africana, converteu-se à umbanda — daí em diante, pôs sua voz a serviço da crença em canções como

PRISCILA PRADE

NOVA VERSÃO
Vanessa da Mata no musical: homenagem oportuna

Guerreira, *A Deusa dos Orixás* e, claro, o maior sucesso da carreira, *O Mar Serenou*, em cujo clipe surgia na praia com sua roupa feita de conchas. Para os fãs, era algo entre uma entidade espiritual e uma sereia.

O sucesso, no entanto, não veio sem turbulências. Durante a ditadura militar, Clara não passou incólume. Após gravar *Apesar de Você,* de Chico Buarque, canção de protesto contra o regime, Clara foi obrigada a cantar nas Olimpíadas do Exército de 1971 para "compensar" o mal-entendido — Elis Regina passou pelo mesmo constrangimento. Na ocasião, Clara disse acreditar que a música tratava de uma briga de namorados. A aparente inocência foi deixada de lado nos anos seguintes, quando ela passou a gravar canções de notório apelo político e social, como a antológica *Canto das Três Raças* — de autoria de seu marido, Paulo César Pinheiro, expoente do samba dos anos 1970.

No musical, a política estará presente, mas Vanessa da Mata dará vida a uma Clara sobretudo alegre e divertida. "O Brasil tem memória curta, e Clara é muito necessária neste momento para combater o preconceito contra religiões de matriz africana", diz ela. Que o canto da sereia continue ecoando por muito tempo. ■

WALCYR CARRASCO

SOTERRADO POR PÁGINAS

A leitura é uma obsessão benigna — que vale a pena espalhar

FUI UM TIPO de menino nerd, que na época era chamado apenas de estudioso. Minha família não era apaixonada por livros. Surgi como um estranho no ninho. Logo que descobri a biblioteca da cidade, tornei-me frequentador habitual — mais ou menos quando tinha uns 9 anos de idade. Lia por intuição, quase sem indicação. Minhas paixões literárias iam de Andersen a Jorge Amado (uma paixão não tão inocente que, aos 14 anos, me fazia ferver). Presente? Aniversário, Natal, só pedia livros. Passei pelos romances, ficção científica, policiais... Quando pude, comecei a comprar. E o que era uma paixão transformou-se em compulsão. Ainda mais com a chegada das livrarias digitais. De vez em quando, me dá uma espécie de piração e escolho livros que intimamente tenho consciência de que nunca lerei. Até porque tenho fases. Já fui da vida dos polvos ao *Cosmos,* de Carl Sagan. Minha primeira estante com três prateleiras, modesta, hoje tornou-se um emaranhado que ocupa quartos, sala... Inclusive de livros repetidos. Sim, eu

esqueço e compro de novo! O ideal é distribuir exemplares já lidos, mantendo apenas os essenciais. Impossível. São poucas as bibliotecas que aceitam livros, por falta de mão de obra para catalogar (ou algum outro motivo secreto). Uso também o estratagema de "esquecer" livros em lugares públicos. Com um recado, dizendo que esqueci de propósito, para a pessoa se apossar, ler e, quem sabe, "esquecer" de novo. Mesmo assim, pilhas se amontoam pela casa. Se alguém me visita e acha um título interessante, ofereço:

— Pode levar.

— Não, não, estou sem tempo agora, vou demorar pra devolver.

Após um embate, a pessoa sai com o livro e eu respiro fundo: menos um!

Mas só por enquanto. Em um dia ou dois estarei com a pilha mais alta. Há um fator positivo nessa obsessão. Eu

"Minha paixão por livros chega perto da loucura. E daí? A presença de cada um deles me faz feliz"

me sinto confortado ao me ver cercado por montanhas de livros. Razão pela qual nunca me entreguei aos digitais. Gosto mesmo é de livro de papel, com peso, volume. Mas, na próxima viagem, quem sabe a hora do digital chegará? Tenho mania de carregar uma pilha de livros na mala. Muitíssimo melhor será num dispositivo digital. Por essas palavras, você já percebeu o projeto: continuar acumulando livros, de um jeito ou de outro. Porque eu simplesmente não sei viver sem eles.

Orgulhosamente, eu sigo em frente, mergulhado em um mar de livros, onde às vezes reencontro algum que já li. E o fato de ler de novo me enche de prazer, de novas percepções. Bem, eu escrevi as linhas acima simplesmente para preparar as próximas. Sim, eu repito livros. Mas muitos não leio. Compro no impulso, às vezes dois ou três e depois chegam mais dois ou três. O caos se instaura. Se alguém vai me visitar e, de olhos arregalados, pergunta:

— Você já leu todos?

— Quase — respondo falsamente.

Jamais conseguirei, nem em 200 anos. Sei disso. O que prova que, definitivamente, minha paixão por livros chega perto da loucura. E daí? Loucura ou não, a presença permanente de cada livro me faz feliz. ■

COMOVENTE Tuesday (Lola Petticrew) e o papagaio: fábula sobre aceitação e morte

PARIS FILMES

CINEMA

TUESDAY – O ÚLTIMO ABRAÇO

***(Tuesday*, Inglaterra, Estados Unidos, 2024. Em cartaz no país)**

Aos 15 anos, Tuesday (Lola Petticrew) já não pensa em festas ou tarefas da escola, mas na morte iminente em razão do câncer. A conformidade da menina com seu destino, porém, não é partilhada pela mãe, Zora (Julia Louis-Dreyfus), que largou trabalho e vida social para cuidar da filha e não quer aceitar o fim — até que a morte em si pousa na casa da família na forma de um papagaio vistoso e falante. Inesperadamente, a inusitada entidade se afeiçoa à jovem e decide permitir-lhe uma última conversa com a mãe — que tentará até o limite do desespero impedir que a filha seja levada pela ave. O drama anglo-americano dirigido pela croata Daina Oniunas-Pusic é um poderoso — ainda que delicado — exame sobre a finitude da vida, a aceitação e o amor genuíno entre mãe e filha. Uma fábula que encontra sua vazão emocional perfeita graças às tocantes atuações de Lolla e de Julia — além do surpreendente pássaro.

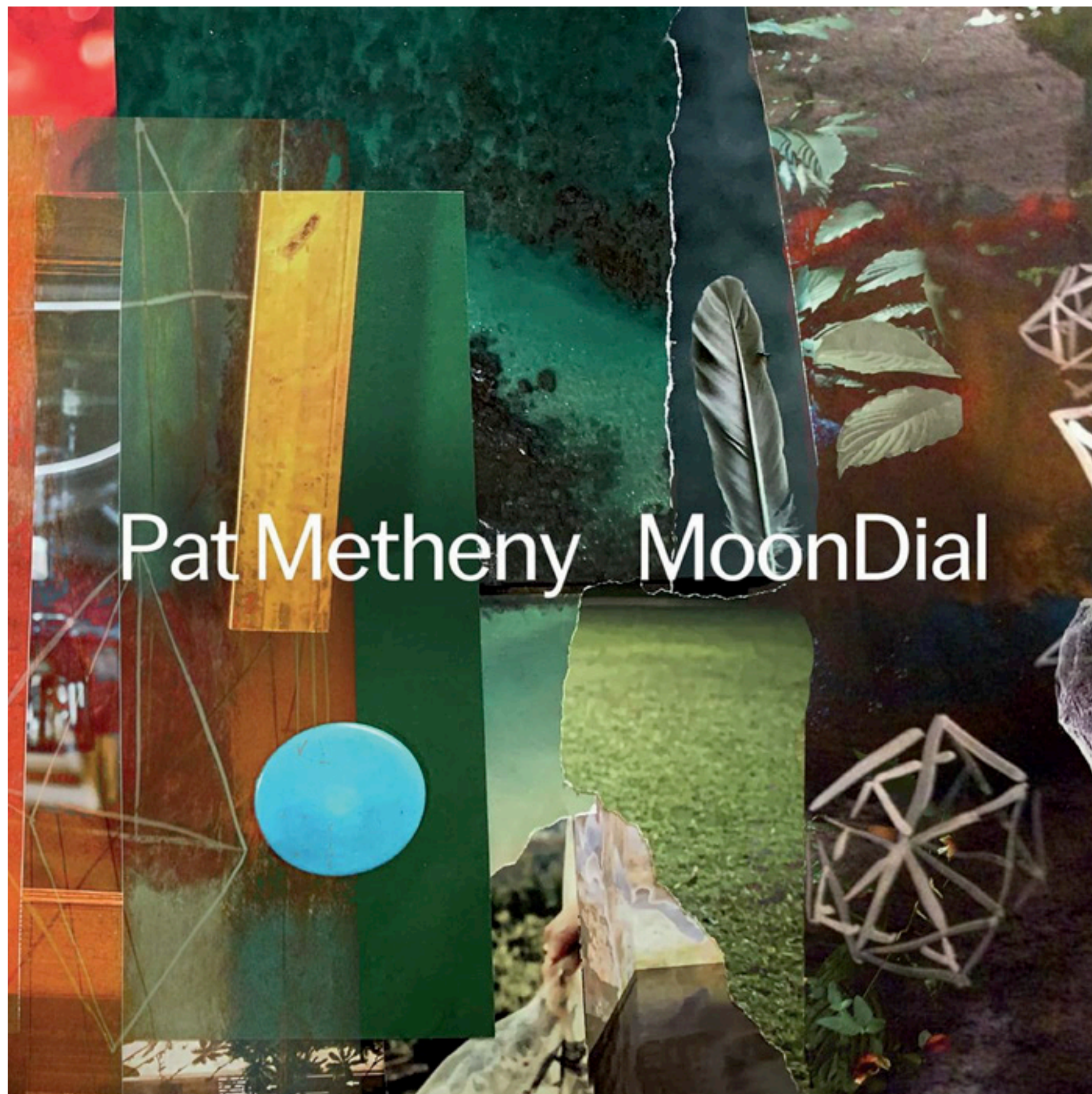
SÉRIE

OS BANDIDOS DO TEMPO

(primeiros episódios já disponíveis na Apple TV+)

O pequeno Kevin (Kal-El Tuck) está em seu quarto quando um guerreiro viking de carne e osso sai do guarda-roupas. Apaixonado por história, o garoto aproveita o portal para explorar outras eras e se une a uma gangue de bandidos do tempo que estão em posse de um mapa de vários portais do espaço-tempo. Readaptação do filme clássico de mesmo nome de Terry Gilliam, e com Lisa Kudrow (de *Friends)* no elenco, a série é um programa cativante para toda a família, que pode acompanhar o clã em suas incursões por diversos momentos marcantes da história — até mesmo a era do gelo e a criação do Stonehenge.

AVENTURA Lisa Kudrow *(centro)* em *Os Bandidos do Tempo:* viagens pela história

MATT GRACE/APPLE TV+

DISCO

MOONDIAL,

de Pat Metheny (disponível nas plataformas de streaming)

Único a ganhar vinte Grammys em dez categorias diferentes, o americano Pat Metheny é um dos nomes mais ecléticos do jazz — cuja musicalidade mescla com o funk e o folk, além de ritmos da África e do Brasil. Ao criar esse álbum instrumental, ele contratou uma luthière para confeccionar um violão barítono com cordas de náilon, capaz de suportar a pressão de uma afinação de baixo. O resultado peculiar surge na faixa-título, com fraseados que remetem à bossa nova. *Here, There and Everywhere* faz uma bela releitura do clássico dos Beatles. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [2 | 149#] GALERA RECORD

2 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [1 | 108#] BERTRAND BRASIL

3 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [3 | 86#] GALERA RECORD

4 **FAHRENHEIT 451**
Ray Bradbury [0 | 47#] BIBLIOTECA AZUL

5 **VERITY**
Colleen Hoover [7 | 119#] GALERA RECORD

6 **O LIVRO DO BILL**
Alex Hirsch [0 | 1] UNIVERSO DOS LIVROS

7 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [6 | 96#] RECORD

8 **O HOBBIT**
J.R.R. Tolkien [4 | 35#] HARPERCOLLINS BRASIL

9 **FOGO E SANGUE**
George R.R. Martin [0 | 23#] SUMA DE LETRAS

10 **IMPERFEITOS**
Christina Lauren [0 | 28#] FARO EDITORIAL

NÃO FICÇÃO

1 **O ANIMAL SOCIAL**
Elliot Aronson e Joshua Aronson [1 | 7#] GOYA

2 **NAÇÃO DOPAMINA**
Dra. Anna Lembke [3 | 50#] VESTÍGIO

3 **O PRÍNCIPE**
Nicolau Maquiavel [4 | 57#] VÁRIAS EDITORAS

4 **RÁPIDO E DEVAGAR**
Daniel Kahneman [6 | 199#] OBJETIVA

5 **MEDITAÇÕES**
Marco Aurélio [0 | 49#] VÁRIAS EDITORAS

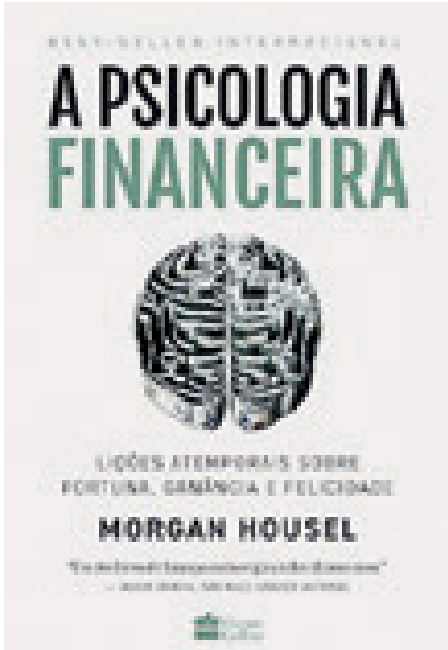
6 **EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [0 | 81#] BEST SELLER

7 **SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [0 | 365#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

8 **A VIDA NÃO É ÚTIL**
Ailton Krenak [10 | 12#] COMPANHIA DAS LETRAS

9 **MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [0 | 197#] ROCCO

10 **O DIÁRIO DE ANNE FRANK**
Anne Frank [0 | 323#] VÁRIAS EDITORAS

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 **A PSICOLOGIA FINANCEIRA**
Morgan Housel [3 | 45#] HARPERCOLLINS BRASIL

2 **CAFÉ COM DEUS PAI 2024**
Junior Rostirola [0 | 31#] VÉLOS

3 **A GENTE MIRA NO AMOR E ACERTA NA SOLIDÃO**
Ana Suy [1 | 7#] PAIDÓS

4 **COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [5 | 128#] SEXTANTE

5 **O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [4 | 179#] HARPERCOLLINS BRASIL

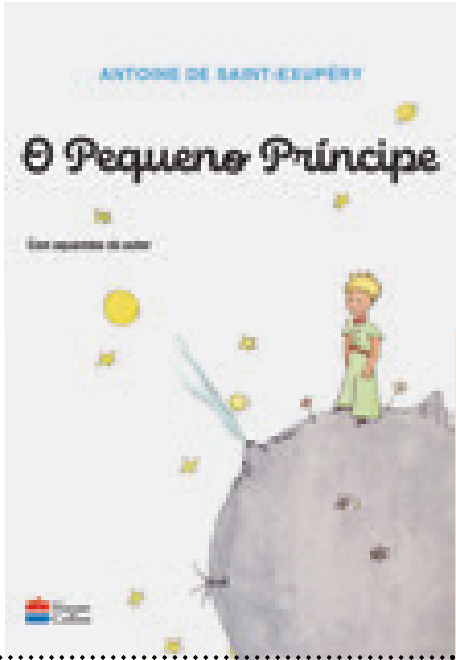
6 **AS 48 LEIS DO PODER**
Robert Greene [6 | 29#] ROCCO

7 **HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [9 | 59#] ALTA BOOKS

8 **CABEÇA DE CAMPEÃO**
François Ducasse [0 | 1] CITADEL

9 **#UMDIASEMRECLAMAR**
Davi Lago e Marcelo Galuppo [8 | 4#] ALTA BOOKS

10 **MANUAL DE PERSUASÃO DO FBI**
Jack Schafer e Marvin Karlins [0 | 2#] UNIVERSO DOS LIVROS

INFANTOJUVENIL

1 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 429#] VÁRIAS EDITORAS

2 **EU E ESSE MEU CORAÇÃO**
C.C. Hunter [5 | 25#] JANGADA

3 **EMOCIONÁRIO**
Cristina Núñez Pereira [0 | 16#] SEXTANTE

4 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [0 | 434#] ROCCO

5 **O DIÁRIO DE UMA PRINCESA DESASTRADA**
Maidy Lacerda [0 | 18#] OUTRO PLANETA

6 **AS AVENTURAS DE MIKE**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 37#] OUTRO PLANETA

7 **BOX ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**
Lewis Carroll [0 | 1] PANDORGA

8 **O CADERNO DE MALDADES DO SCORPIO**
Maidy Lacerda [0 | 12#] OUTRO PLANETA

9 **AS AVENTURAS DE MIKE 4 – A ORIGEM DE ROBSON**
Gabriel Dearo e Manu Digilio [0 | 23#] OUTRO PLANETA

10 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [8 | 14#] MELHORAMENTOS

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **Bookinfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Travessa, **Belém**: Leitura, SBS, Travessia, **Belo Horizonte**: Disal, Jenipapo, Leitura, Livraria da Rua, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Senhor Livreiro, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, **Campos do Jordão**: História sem Fim, **Campos dos Goytacazes**: Leitura, **Canoas**: Mania de Ler, Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Catarinense, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Garopaba:** Livraria Navegar, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora:** Leitura, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Livro Presente, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** A Eólica Book Bar, Leitura, **Natal**: Leitura, **Niterói**: Blooks, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Disal, Leitura, Macun Livraria e Café, Mania de Ler, Santos, SBS, Taverna, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto**: Disal, Livraria da Vila, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Leonardo da Vinci, Odontomedi, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, **Santos**: Loyola, **São Bernardo do Campo**: Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, **São José dos Campos**: Amo Ler, Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais:** Curitiba, **São Luís**: Hélio Books, Leitura, **São Paulo**: A Página, B307, Círculo, Cult Café Livro Música, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, Essência, HiperLivros, Leitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Santuário, SBS, Simples, Vozes, Vida, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, SBS, **Umuarama**: A Página, **Vila Velha**: Leitura, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista:** LDM, **internet**: Amazon, A Página, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Canal dos Livros, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Sinopsys, Submarino, Travessa, Um Livro, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

ENTRE DOIS MUNDOS

AOS 44 ANOS de idade, Lula assistiu ao fim do socialismo real. O Muro de Berlim, símbolo da Guerra Fria, caiu uma semana antes do primeiro turno da eleição presidencial de 1989. Era a primeira com voto direto, secreto e universal desde a ditadura. O antigo sindicalista metalúrgico passou à segunda rodada nas urnas com 456 400 votos à frente de Leonel Brizola, lenda do socialismo gaúcho. Mas perdeu a Presidência por mais de 4 milhões de votos para Fernando Collor. Na época, o Partido dos Trabalhadores anunciou que lutaria pela anulação do resultado — "o processo eleitoral democrático precisa ser moralmente inatacável", argumentou. Desistiu diante da transparência da Justiça Eleitoral.

Agora, aos 78 anos, Lula assiste ao fim do "socialismo do século XXI". Essa expressão, vale lembrar, foi sugerida pelo sociólogo alemão Heinz Dieterich ao ditador venezuelano Hugo Chávez. Ele usou-a no Fórum Social Mundial de 2005, em Porto Alegre, para propagandear a ideia de que outro socialismo seria possível, desde que construído a partir de Caracas. "Nosso caminho é o socialismo", disse, "um socialismo com democracia e uma democracia com participação popular."

Lula apareceu em seguida no palco do ginásio Gigantinho. Contrapôs a ideia de “participação popular” na construção de “pontes” em Brasília entre os mundos dos ricos e dos pobres. Chávez saiu aclamado e Lula, vaiado. Viraram sócios na narrativa ideológica e envelhecida de um contraponto ao imperialismo dos Estados Unidos no continente. Não ressuscitaram o socialismo nem construíram pontes — exceto a de concreto sobre o Rio Orinoco, obra repassada à empreiteira Odebrecht. No entanto, foram bem-sucedidos na recauchutagem do culto à personalidade em seus partidos.

Lula agora se vê atolado nas próprias ambiguidades. Se a ideia de pertencer a dois mundos, lapidada desde os tempos de sindicalismo no ABC paulista, justificou o flerte com o “socialismo do século XXI”, também resultou na associação à maior tragédia da história recente da América do Sul, emoldurada pela destruição política e econômica da Venezuela. Sua diplomacia do espetáculo foi abatida logo no início do governo no campo de batalha dos Estados Unidos com a China, que disputam a hegemonia do novo mundo.

Entre Brasília e Caracas, há quem perceba um viés de sedução autoritária na persistente solidariedade à ditadura comandada por Nicolás Maduro, sucessor de Chávez, cujo portfólio exibe 15 000 prisões, perseguição, tortura e morte de 230 opositores políticos e obscuras transações com máfias — há três anos, as agências antidrogas dos EUA oferecem recompensa de 15 milhões de dólares (85 milhões de reais) pela captura de Maduro.

“Atolado nas próprias ambiguidades, Lula é visto como refém do chavismo”

Na prática, o argumento empoeirado da luta anti-imperialista induziu Lula e seu partido a relativizar, ou sublimar, a importância da democracia. Ano passado, quando lhe perguntaram sobre a dificuldade do governo e do PT em reconhecer o regime venezuelano como ditadura, ele disse o seguinte: “A Venezuela tem mais eleições do que o Brasil, desde que o Chávez tomou posse. O conceito de democracia é relativo para você e para mim. Eu gosto de democracia, porque a democracia que me fez chegar à Presidência da República pela terceira vez”. Seis meses antes, houve uma tentativa de golpe de Estado com invasão das sedes do governo, do Congresso e do Supremo Tribunal Federal em Brasília.

Surpreendido pelo célere derretimento da cleptocracia chavista, na semana passada permitiu-se até um flerte público com a desgastada tese de que a democracia é apenas um atalho para o poder, e, para mantê-lo, vale tudo — no caso da ditadura chavista, desde controle absoluto do Legislativo, do Judiciário, do Ministério Público e do Conselho Eleitoral, com sucessivas fraudes nas urnas, além de repressão, tortura e assassinato dos adversários políticos. “Não tem nada de

grave, nada assustador *(na tragicomédia eleitoral venezuelana)"*, comentou. "Eu vejo a imprensa brasileira tratando como se fosse a terceira guerra mundial. Não tem nada de anormal, teve uma eleição", disse, acrescentando: "Estou convencido de que é um processo normal, tranquilo".

A cleptocracia de Caracas se tornou um ícone no mapa de um pedaço da esquerda latina, carente de ideias novas sobre progresso social e que se deixa seduzir por impulsos autoritários. Nas mesas de Brasília, a 5 000 quilômetros de distância, listam-se as razões de Lula, visto como refém do chavismo. Algumas seriam muito pragmáticas. ■

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

BEBIDA FUNCIONAL ENRIQUECIDA COM SAÚDE E ENERGIA!

Life Mix e Boa Forma se uniram para nutrir seu momento de saúde e bem-estar, oferecendo sucos e chás deliciosos, naturais, sem adição de açúcar e enriquecidos com nutrientes.

APROVEITE AGORA!

/LifeMixOficial | lifemix.com.br

WNutritional

O Brasil tem muitos desafios.
Com presença líder em setores essenciais para o desenvolvimento do país, a Cosan gera mais de 55 mil empregos diretos e 200 mil indiretos nas áreas de energia, agronegócio, óleo e gás e mineração.

Para cada desafio, uma cosan

Acesse: cosan.com.br

raízen COMPASS rumo radar moove